SOCIEDADE E VALORES

OS ESTADOS UNIDOS EM 2005: QUEM SOMOS HOJE

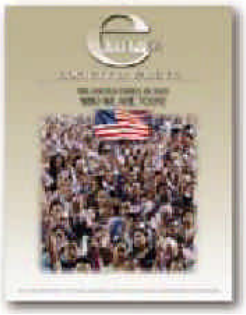
DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA / ESCRITÓRIO DE PROGRAMAS DE INFORMAÇÕES INTERNACIONAIS

SOCIEDADE E VALORES

Editor ..... Steven Lauterbach
Editor-gerente..... Neil Klopfenstein.
Diretor de arte/designer..... Thaddeus A. Miksinski, Jr.
Editor de fotografia..... Barry Fitzgerald
Editora colaboradora..... Kathy Spiegel
Coordenador de programa..... Tracy R. Nelson

Editora-chefe .....Judith S. Siegel
Editor executivo .....Guy E. Olson
Gerente de produção ..... Christian Larson
Assistente de gerente de produção ..... Sylvia Scott
Revisão de português .....Marília Araújo

CONSELHO EDITORIAL
George Clack Kathleen R. Davis Peggy England
Alexander Feldman Francis B. Ward



Cidadãos recém-naturalizados americanos comemoram acenando com bandeiras após terem prestado o juramento de cidadania em Los Angeles, Califórnia, em 25 de julho de 2003

O Escritório de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA publica cinco revistas eletrônicas com o logo *eJournal USA – Perspectivas Econômicas, Questões Globais, Questões de Democracia, Agenda de Política Externa* e *Sociedade e Valores* –, que analisam as principais questões enfrentadas pelos Estados Unidos e pela comunidade internacional, bem como a sociedade, os valores, o pensamento e as instituições do país. Cada revista é catalogada por volume (o número de anos em circulação) e por número (o número de edições publicadas durante o ano).

A cada mês sai uma revista nova, que no prazo de duas a quatro semanas é seguida de versões em francês, português e espanhol. Algumas também são traduzidas para o árabe e o russo.

As opiniões expressas nas revistas não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA. O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo nem pela continuidade do acesso aos sites da internet para os quais há links nas revistas; tal responsabilidade cabe única e exclusivamente às entidades que publicam esses sites. Os artigos, fotografias e ilustrações das revistas podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos, a menos que contenham restrições explícitas de direitos autorais. Nesse caso, é necessário pedir permissão aos detentores desses direitos mencionados na publicação.

O Escritório de Programas de Informações Internacionais mantém os números atuais e anteriores em vários formatos eletrônicos, bem como uma relação das próximas revistas, em http://usinfo.state.gov/journals/journals.htm. Comentários são bem-vindos na embaixada dos Estados Unidos no seu país ou nos escritórios editoriais:

EDITOR, EJOURNAL USA: SOCIETY & VALUES
IIP/T/SV
U.S. DEPARTMENT OF STATE
301 4TH ST. S.W.
WASHINGTON, D.C. 20547
UNITED STATES OF AMERICA
E-mail: ejvalues@state.gov

SOBRE ESTA EDIÇÃO

Os Estados Unidos em 2005 – quem somos? Visto que existem quase 300 milhões de cidadãos americanos, há milhões de respostas a essa pergunta. Nós, como editores, assumimos uma tarefa quase impossível nesta revista: descrever em menos de cinqüenta páginas quem é o povo americano nos dias de hoje. Entretanto, podemos fazer algumas afirmações com certeza.

Os Estados Unidos estão crescendo como o país de uma população cada vez mais diversificada, com raízes que agora nos vinculam a todos os cantos da terra. Na verdade, os idiomas que nós – os americanos – falamos, os lugares em que assistimos a nossos cultos religiosos e as comidas em nossas mesas representam um microcosmo do mundo. Valorizamos nossas liberdades e individualidade e esperamos que nossos filhos tenham futuro mais promissor. Ao mesmo tempo, mantemos vigorosos debates internos sobre como preservar essas liberdades, expressar nossa individualidade e garantir um amanhã melhor. "Americano" é um termo inclusivo, e o empregamos profusamente porque tornar-se americano é abraçar um conjunto de ideais e buscar um estilo de vida em vez de incorporar determinado grupo étnico, religião ou cultura. Mas, embora sejamos uma sociedade caracterizada pela mobilidade, para nós é importante manter conexão ou vínculo com um lugar, muitas vezes o bairro ou a cidade em que fomos criados.

Nesta revista, começamos pela identificação dos principais atributos e valores que melhor definem os americanos. No primeiro artigo, o acadêmico Marc Pachter descreve o modo como esses atributos e valores, apesar de não serem apenas americanos, se combinam nos EUA para formar uma identidade exclusivamente americana. Depois, a demógrafa Audrey Singer analisa os dados mais recentes para nos mostrar um instantâneo demográfico dos EUA em 2005. Em seguida, nos voltamos para 13 americanos, alguns bastante conhecidos, outros não. Com esses breves perfis, damos ao leitor uma idéia sobre a diversidade dos Estados Unidos e o dia-a-dia de alguns americanos, bem como sobre o que é importante para eles. Depois, passamos para alguns dos debates sociais do momento. Esses debates vêm sendo parte integrante da sociedade americana desde os primórdios do país. Por ironia, nosso respeito pelo indivíduo e por seu direito de se expressar livre e fervorosamente sobre questões controversas é uma das principais razões pelas quais nosso país tem se mantido unido por mais de 200 anos. Concluímos com duas visitas à cidade natal após muitos anos: para um escritor, o lugar chamado lar é irreconhecível; para o outro, pouca coisa mudou. Vários boxes ilustram alguns dos valores que têm caracterizado nosso país ao longo da história.

OS EDITORES

SOCIEDADE E VALORES

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA / DEZEMBRO DE 2004 / VOLUME 9 / NÚMERO 2
http://usinfo.state.gov/journals/journals.htm

Os Estados Unidos em 2005: Quem Somos Hoje

4 A IDENTIDADE AMERICANA
Marc Pachter, diretor da Galeria Nacional de Retratos e Bustos do Instituto Smithsoniano
O autor examina o "contrato social duradouro", que fundamenta os Estados Unidos, e afirma que o atual debate nacional sobre os valores americanos não representa o repúdio a tais valores, mas sim um teste de sua aplicação a outras circunstâncias.

QUEM SOMOS

10 A FACE MUTANTE DOS EUA
Audrey Singer, pesquisadora de imigração do Instituto Brookings
A velocidade e diversidade da imigração contemporânea estão mudando rapidamente a composição étnica dos Estados Unidos, e os americanos identificam-se cada vez mais em termos multirraciais. A matéria do box "Quem pode ser cidadão americano" descreve por que a cidadania americana não tem fronteiras étnicas.

15 PERFIS
Nossos correspondentes espalhados pelo país elaboraram o perfil de treze pessoas cujas histórias representam um quadro heterogêneo, mas longe de ser completo, dos Estados Unidos em 2005. São apresentados vários americanos comuns, além de alguns outros que o leitor provavelmente já conhece.

- HIBBA ABUGIDEIRI: PROFESSORA UNIVERSITÁRIA
- ENES ELEZOVIC: ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO
- HELEN FITZHUGH: PROFESSORA DE CIÊNCIAS
- REYMUNDO GOVEA: SUPERVISOR DE JARDINAGEM PAISAGÍSTICA
- MICHAEL JINBO: REGENTE DE ORQUESTRA
- STEPHEN JOHNSON: EMPRESÁRIO INTERNACIONAL
- ANNE KORFF: DIRETORA DE CORAL, REDATORA, ETC.
- HALEY JOEL OSMENT: ATOR
- COLIN POWELL: MILITAR E ESTADISTA
- CRAIG SAFFOE: TRATADOR DE GUEPARDOS
- RENEA SLATER: MINISTRA ORDENADA
- W. RICHARD WEST: DIRETOR DE MUSEU
- RAY AND DIANE YOUNG: DONOS DE RESTAURANTE

PERMANECENDO UNIDOS

Debates sobre questões políticas, religiosas e sociais têm sido parte integrante da sociedade americana desde os primórdios dos Estados Unidos; entretanto, os Estados continuam Unidos.

29 O LEMA "E PLURIBUS UNUM" AINDA FAZ SENTIDO? SIM
Alan Wolfe, professor de ciência política e diretor do Centro Boisi de Religião e Vida Pública Americana da Faculdade de Boston (Massachusetts)
Ante tanta diversidade, algumas pessoas começaram a dizer que os americanos não têm uma cultura própria. Mas estão enganadas.

34 DEBATE SOBRE IMIGRAÇÃO
Michael Barone, redator sênior da revista U.S. News and World Report, e Victor Hanson, membro sênior do Instituto Hoover
Dois especialistas debatem suas visões divergentes sobre o impacto das atuais correntes imigratórias nos Estados Unidos.

VOLTANDO PARA A CASA

42 UM VALE NA CALIFÓRNIA
James Houston, romancista
Loteamentos habitacionais e empresas de alta tecnologia substituíram os campos de ameixeiras e outras plantações que homens como o pai do autor costumavam cultivar, e ondas de imigrantes transformaram o Vale de Santa Clara, Califórnia, em rica mistura de culturas.

46 UMA CIDADE NA VIRGÍNIA OCIDENTAL
Henry Louis Gates, professor de Humanidades da cátedra W.E.B. DuBois da Universidade de Harvard e diretor do Instituto W.E.B. Du Bois de Pesquisa Afro-Americana.
Nesta reprodução de um artigo de uma de nossas primeiras revistas, o autor conta como foi crescer em Piedmont, Virgínia Ocidental. O correspondente Mark Jacobs nos atualiza sobre as condições atuais da pequena cidade fabril apalachiana.

PARA OBTER MAIS INFORMAÇÕES

51 BIBLIOGRAFIA

53 RECURSOS NA INTERNET

A IDENTIDADE AMERICANA

Marc Pachter

O autor examina o "contrato social duradouro" que fundamenta os Estados Unidos da América e que define a comunidade e a cultura nacionais. "Desde o início, tem havido pouco utopismo na corrente política dominante americana, poucas interpretações de um Estado ideal ou de uma condição humana ideal a serem construídos por meio do planejamento social", escreve. "É, ao contrário, a própria condição de lutar, de tornar-se, a experiência de um viver desacorrentado que estimula a imaginação nacional." Particularmente reveladoras são certas palavras como liberdade, individualismo, mobilidade e pragmatismo, que "falam ao espírito americano". O atual debate nacional sobre os valores americanos representa não seu repúdio, mas um teste de sua aplicação a outras circunstâncias. Tem sido sempre difícil para a democracia americana responder à difícil pergunta: qual a relação entre igualdade e liberdade?

Marc Pachter é diretor da Galeria Nacional de Retratos e Bustos do Instituto Smithsoniano em Washington, D.C. Como subsecretário adjunto para Assuntos Externos do Instituto Smithsoniano, Pachter escreveu e organizou vários livros e participa de vários programas de rádio e televisão sobre questões culturais e históricas dos EUA. Este artigo foi reproduzido e resumido de Identities in North America, The Search for Community, *organizado por Robert L. Earle e John D. Wirth.* *Copyright © 1995 do Conselho de Curadores da Universidade Leland Stanford Jr. Todos os direitos reservados. Publicado com a permissão da Stanford University Press, www.sup.org.*

A atividade política que permeia os Estados Unidos precisa ser vista para que possa ser entendida. Tão logo pisamos em solo americano, um tipo de tumulto nos atordoa. (...) É impossível despender mais esforço na busca da felicidade.
– Alexis de Tocqueville, Democracia na América

O presidente George W. Bush posa ao lado de 29 recém-naturalizados cidadãos americanos em frente à Estátua da Liberdade, na Ilha de Ellis, em Nova York (Foto: AP/Ron Edmonds)

Tentativas para definir a natureza da sociedade americana quase sempre começam com uma citação da obra-prima do século 19 de Alexis de Tocqueville, Democracia na América. É extraordinário que um livro escrito sobre um país considerado em mudança constante, inexoravelmente moderno e completamente desprovido de um sentido de tradição possa ter sido escrito há 150 anos e ainda pareça tão apropriado quanto uma descrição atual. É ainda mais surpreendente que o estudo de Tocqueville de um povo essencialmente rural, protestante e anglo-saxão (e de escravos afro-americanos) possa ter algo a dizer para ou sobre a nação urbana, industrial e multicultural

habitada hoje por centenas de milhões de pessoas inquietas.

Se as observações feitas na primeira metade do século 19 ainda se aplicam aos Estados Unidos [do início do século 21], é razoável supor que a sociedade americana tem uma natureza "essencial" duradoura. Mas para entendê-la é preciso distinguir o sentido de nacionalidade dos Estados Unidos daquele das sociedades tradicionais, que formulam sua identidade a partir de laços de fé, etnia e memória. Falar de uma identidade americana exige que reexaminemos o que une uma comunidade nacional e o que constitui uma cultura nacional.

Ser totalmente americano, como os Estados Unidos definem seus cidadãos, não pressupõe um vínculo ancestral com a nação ou com suas culturas étnicas ou tradições religiosas predominantes. Os americanos, como indivíduos, participam de uma profusão de culturas históricas, mas o que compartilham uns com os outros é algo bastante diferente. No coração de sua nacionalidade está um contrato social duradouro e o processo enérgico que ele coloca em ação. O objetivo deste ensaio é captar o sentido desse contrato e a evolução desse processo.

ESCOLHA E RESPONSABILIDADE

Ser membro da comunidade nacional exige apenas a decisão de se tornar americano, uma decisão política que contém também uma dimensão moral. Supõe-se que todos os americanos, inclusive os nativos, são americanos por escolha, não meramente por legado histórico. Uma paixão pela "escolha" pode, na verdade, ser o impulso e o valor centrais da sociedade. É o modo ativo da liberdade e supõe não apenas uma ausência de restrição política ou econômica, mas uma oportunidade de escolher a partir de um rico menu de possibilidades. Em seu aspecto mais trivial, a cultura concede seu valor na proliferação de uma variedade infinita e quase sempre sem sentido de opções ao consumidor.

Em um nível mais profundo há, no amor à escolha, a memória da vida nas culturas ancestrais, quando houve a chance de escapar do beco sem saída e de criar, em um Novo Mundo, a vida que escolhemos viver. Muitos americanos repetem esse padrão de migração, literalmente, mudando-se para os Estados do oeste, ou simbolicamente, em sua vida profissional ou social, procurando por novos inícios, por segundas chances. E, embora a trágica experiência dos índios americanos e dos afro-americanos tenha há muito ridicularizado o éthos nacional da escolha, eles também passaram a exigir o direito de moldar seu próprio destino e dividir as possibilidades tidas como um direito americano inato.

Os Estados Unidos acreditam na autocriação e celebram aqueles que se fazem por si mesmos, o "self-made man" e a "self-made woman". No âmago dessa crença está a convicção de que circunstâncias herdadas e antepassados são muito menos importantes do que a direção que cada um escolhe para si próprio e o esforço investido nessa escolha. Os heróis dos Estados Unidos "vêm do nada" e "vencem por conta própria". (...) Exceto pelas barreiras obstinadas e heréticas de raça, a serem discutidas mais adiante, os americanos supõem que as origens podem enriquecer a vida, mas não moldar o destino, tanto para eles quanto para os outros.

Embora libertador como postulado e ideal, esse conceito de liberdade social e econômica colocará também no indivíduo o peso da responsabilidade por seu próprio destino. Em uma sociedade que está em estado perpétuo de vir a ser, não há absolutos sociais ou econômicos e nem tolerância com a incapacidade de melhorar a vida, por qualquer que seja a razão. Quando a ambição é frustrada e a prosperidade negada, os americanos vêem uma perversão da ordem natural das coisas.

Embora a paixão pela escolha seja o motor do individualismo americano, ela também serve de corretivo para o comportamento egoísta. Do ponto de vista de sociedades mais tradicionais, os americanos podem parecer ser uma nação de indivíduos atomizados em queda livre social; mas, na verdade, não eliminaram o sentido de obrigação social. Simplesmente substituíram sua base hereditária.

Os americanos participam de grupos e organizações, são voluntários e filantropos. Eles abraçam uma série de obrigações e responsabilidades livremente escolhidas e, assim, fazem uso de seu individualismo para fins sociais. Se europeus, asiáticos, africanos e latino-americanos ficam admirados com a ausência de um sentido de família estendida, laços ancestrais e lealdade de classe nos Estados Unidos, do mesmo modo os americanos ficam admirados com o que consideram relutância mesquinha dos membros de culturas tradicionais em abraçar oportunidades de praticar o voluntariado sem vínculos religiosos ou familiares e em fornecer ajuda financeira a boas causas.

ECLETISMO COMO VALOR

A sociedade americana uniu uma ética de escolha com uma variedade infindável de tradições, idéias e oportunidades. A mistura de povos e costumes encontrada na vida diária americana e a interrupção drástica que a maioria das comunidades vivenciou, ao emigrar de sua terra natal, levaram a uma prática de experimentar, emprestar e misturar estilos, rituais e, acima de tudo, comidas. Esse ecletismo, que pode parecer desordenado para culturas mais unificadas historicamente, se torna nos Estados Unidos um valor e um

indicador de vitalidade. É o que dá forma nacional, em última instância, a grande parte da arte e da literatura do país. Os artistas, escritores e arquitetos dos Estados Unidos tomaram como prerrogativa eleger e escolher elementos das culturas estrangeiras e nacionais e combiná-los em um novo conjunto americano.

A dinâmica no centro do sistema de valores, crenças e identidade dos Estados Unidos encontra sua primeira expressão mais lírica nos "direitos inalienáveis" de todos os seres humanos, os quais a Declaração de Independência [em 1776] enumerou como "vida, liberdade e busca da felicidade". Não foi felicidade que o autor da Declaração, Thomas Jefferson, reivindicou para seus compatriotas e para toda a humanidade, mas sua "busca". Desde o início, tem havido pouco utopismo na corrente política dominante americana, poucas interpretações de um Estado ideal ou de uma condição humana ideal a serem construídos por meio do planejamento social. É, ao contrário, a própria condição de lutar, de tornar-se, a experiência de um viver desacorrentados que estimula a imaginação nacional. As palavras que movem os americanos são reveladoras: "liberdade", "mobilidade", "individualismo", "oportunidade", "energia", "pragmatismo", "progresso", "renovação", "competição". Essas não são palavras secas e descritivas; elas falam ao espírito americano.

Bill Clinton, em sua campanha presidencial vitoriosa de 1992, escolheu como lema uma das palavras mais evocativas do vocabulário americano: "mudança". Parte da atração pela mudança na cultura americana está arraigada na esperança de que toda mudança traz melhoras. Mas a expectativa otimista de que a mudança representa progresso ipso facto é muito menos importante do que uma forte tendência de não gostar e até mesmo de temer o caráter permanente no poder ou na política. No debate sobre a aprovação da Constituição, Thomas Jefferson advertiu que mesmo havendo permissão para mais de um mandato de quatro anos, sem a garantia da rotatividade, um presidente poderia ser tornar quase um "funcionário vitalício". A preocupação de Jefferson estava baseada na fundamental suposição americana de que a soberania reside no povo e é apenas temporária e condicionalmente conferida ao titular do cargo público.

LIMITES À AUTORIDADE

A natureza agitada e antagônica do processo americano tem como objetivo fornecer uma garantia contra a usurpação. A autoridade não pode ser confiada a nenhum partido ou indivíduo por um período muito longo. As pessoas são corruptíveis; as políticas ficam viciadas. Quando um partido ocupa a Casa Branca por muito tempo, surge uma inquietude no eleitorado. Nenhum conjunto de idéias ou líderes mantém sua fidelidade com o tempo. É a dinâmica do próprio sistema que dá aos americanos o que eles precisam e confiam: equilíbrio de forças, monitoramento da verdade por meio do desafio e da exposição, um lembrete dos conceitos e do perigo do poder, dos benefícios da mudança, do crescimento e da experimentação e, não menos importante, do encanto de recomeçar mais uma vez.

Paradoxalmente, então, os Estados Unidos obtêm a continuidade por meio de uma insistência na mudança e a estabilidade por meio da incorporação do conflito. Isso não é simplesmente o hábito de uma tradição eleitoral estridente, mas uma estratégia embutida na própria estrutura de governo. O historiador Michael Kammen descreveu o sistema colocado em vigor em 1789 pelos autores da Constituição como de "conflito no consenso". Como coloca outro historiador, Marcus Cunliffe: "Eles embutiram fricção no documento, intencionalmente, como salvaguarda contra a corrupção e a ditadura."

Essa certamente não é uma fórmula para a eficiência. Embora a tecnologia e a administração americanas celebrem o ideal da eficiência, a cultura política da nação nutre uma profunda desconfiança pelo planejamento de longo prazo, pela concentração de poder, pelo processo de tomada de decisão nacional tão tranqüilo. O governo constitucional deliberadamente frustra a ação unificada por meio da separação dos poderes e de um sistema de "checks and balances" (harmonia entre os poderes). Esse sistema político pode levar, e de fato leva, a conflito, frustração e ocasionalmente a estagnação na ausência do compromisso estadista ou da compatibilidade da filosofia política nos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. Mas também alcança uma garantia virtual contra a usurpação da autoridade.

O sistema político também promove o equilíbrio dos atos das autoridades federais, estaduais e municipais, o que leva a uma forte relutância em âmbito nacional às políticas obrigatórias em muitas áreas. Os Estados Unidos não têm um único sistema educacional, não têm ministério da cultura e, até agora, não têm um sistema de saúde administrado diretamente de Washington. As políticas sobre essas e outras questões são desenvolvidas principalmente por meio da persuasão, da coordenação, da construção de coalizões e da negociação entre os partidos, o eleitorado, os grupos de interesse e as regiões. Um papel muito importante é desempenhado pelo forte setor privado, que reflete a energia liberada de um mercado aberto de idéias, programas e recursos; outro ator crucial é a incrédula imprensa.

IGUALDADE VS. LIBERDADE

Apesar da tradição de governo moderado, muitos americanos no século passado propuseram uma nova visão do papel do Estado. Se uma sociedade necessita apenas ser liberada do jugo do governo para desfrutar os benefícios da liberdade, então a tarefa da reforma política fica completa quando as piores tendências do governo são compensadas e as energias sociais liberadas. Mas isso pressupõe que as realidades políticas, sociais e econômicas subjacentes permitem a participação eqüitativa em todos os benefícios da liberdade ou, de outro modo, que apenas determinados membros da sociedade se qualificam como participantes ativos. Gerações de reformadores americanos demandaram que a sociedade reconhecesse aqueles que ela excluiu e então usasse o governo para garantir a liberdade desses excluídos, para que pudessem participar da promessa americana. Eles costumam ser desafiados por aqueles que temem o fortalecimento do governo como uma violação à liberdade. No fim, a pergunta para a democracia americana é fácil de ser formulada, mas muito difícil de ser respondida: qual a relação entre igualdade e liberdade?

Pelos padrões do século 18, a nova nação havia radicalizado a idéia de consentimento político conferindo a autoridade final ao povo, já que todos, nas palavras da Declaração da Independência, foram "criados iguais". Mas a participação real na nova comunidade política dos Estados Unidos foi refreada de uma maneira que os americanos modernos achariam intolerável e até mesmo inconcebível.

A Guerra Civil da década de 1860 corrigiu a obscenidade da escravidão em uma sociedade livre e foi seguida pelas 14a e 15a Emendas à Constituição, que estenderam os direitos políticos a metade da população afro-americana. A outra metade, das mulheres, teve de aguardar a aprovação da 19a Emenda em 1920, que finalmente incluiu na comunidade política o maior grupo de americanos privados de direitos civis.

Os direitos políticos foram depois fortalecidos na legislação com a Lei dos Direitos Civis de 1964 e com a Lei de Direito ao Voto de 1965. Mas mesmo depois de vários anos de aplicação deliberada e direcionada dos direitos políticos básicos e das demandas insistentes do movimento de direitos civis, a pergunta mais básica da natureza da igualdade como precondição de liberdade continuou sem solução na cultura americana (em meados do século). O acesso justo e eqüitativo aos direitos políticos, quando finalmente resolvido, não iria por si só garantir a todos plena participação na promessa da vida americana. Qualquer argumento de que essa desigualdade de circunstâncias era devido a limitações "inatas" entre as comunidades e categorias excluídas de americanos ameaçava a própria idéia do individualismo americano. A idéia de que um indivíduo pudesse ser limitado por seu destino, vivendo dramas mesquinhos de classe, raça e gênero, era abominável. Se, ao contrário, fosse uma questão de barreiras artificiais colocadas pela sociedade, alguns argumentaram – em particular o racismo, mas também o sexismo e fatores sociais e econômicos –, então a pergunta se tornava: qual é a responsabilidade da nação?

Os reformadores de modo geral defenderam sua posição de intervenção na estrutura da dinâmica americana. O governo foi introduzido como um agente ativo na vida econômica da nação durante a Era Progressista do início do século 20 e, depois, no governo do New Deal de Franklin Delano

UM VALOR AMERICANO:
Liberdade Religiosa

Thomas Jefferson (1743-1826) foi um forte defensor da liberdade política e religiosa e autor do documento mais apreciado dos Estados Unidos, a Declaração da Independência. A frase – "Consideramos estas verdades como evidentes por si mesmas, que todos os homens foram criados iguais, foram dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, que entre estes estão a vida, a liberdade e a busca da felicidade" – está entre as primeiras memorizadas pelas crianças americanas na escola. O Estatuto de Virgínia pela Liberdade Religiosa, escrito por Jefferson em 1786, garantiu a liberdade de culto e proibiu o Estado de impor o apoio a qualquer religião em particular ou de com ela gastar o dinheiro público. Jefferson foi o terceiro presidente dos Estados Unidos, de 1801 a 1809, tendo antes atuado como secretário de Estado e vice-presidente e também como ministro dos EUA na França. Arquiteto, lingüista e naturalista competente, Jefferson declarou que gostaria de ser lembrado por três coisas: como autor da Declaração da Independência, como autor do Estatuto de Virgínia pela Liberdade Religiosa e como pai da Universidade de Virgínia.

Roosevelt [em meados do século], como um contrapeso às forças sociais e econômicas que ameaçavam a eqüidade da sociedade. Na última metade do século 20, o cenário da política social tornou-se ainda mais ativo, procurando influenciar os termos nos quais os americanos preparam, competem e interagem. Mais recentemente, a política social refletiu a questão fundamental do papel do governo: como regular melhor – e em qual extensão - os arranjos econômicos e sociais em um sociedade que preza - e que de fato foi fundada no princípio da liberdade individual e para celebrar a iniciativa individual - o brilho e a autonomia individuais.

Quando a maioria dos americanos fala de igualdade, quer dizer igualdade de oportunidades, não de resultados. Desde o início, os americanos raramente defenderam ou demonstraram um compromisso com uma sociedade com igualdade de propriedade ou de condições. Parte do sonho americano é a crença, o "valor" que os indivíduos, diferindo na iniciativa, na energia e no talento, devem desfrutar os frutos desiguais de seu esforço. Não há nenhuma garantia de resultados iguais. A maioria dos americanos não quer uma sociedade nivelada; quer, no entanto, igualdade de oportunidades.

Ou será que quer? É um dilema perpétuo na vida americana que generalizações sobre metas, valores e circunstâncias da sociedade deixam de existir quando confrontados pela herança obstinada da exclusão racial. Mas também é verdade que os americanos por muito tempo fizeram uso de autocrítica mordaz, retórica inflamada e embate das forças sociais para avançarem. A advertência lamuriosa do declínio das comunidades individuais ou da nação como um todo remonta a era dos puritanos, que serviam então, como em qualquer era de êxito, como incentivo à mudança e à ação e como medida da impaciência e das expectativas obstinadas dos americanos.

O que o ativismo dominante do fim do século 20 [e início do século 21] demanda é realização da lógica da democracia americana. A questão não é apenas política e econômica, mas também cultural. Mesmo que os valores expressos da sociedade tenham definido ser americano quem participa do contrato social, e não quem tem uma determinada herança, persistiu este postulado: o americano verdadeiro e essencial veio de um determinado passado racial e histórico (anglo-saxão, mais tarde ampliado para europeu), de uma determinada fé (protestante, ampliada, depois de anos de hostilidade, para incluir o catolicismo e, com mais relutância ainda, o judaísmo) e, para fins de status político e econômico, um determinado gênero (masculino). A idéia de caldeirão cultural do início do século 20 defendia, pelo menos para determinadas comunidades, que não era preciso ter nascido de uma determinada herança, mas esperava-se que se tornassem americanos culturalmente não menos do que politicamente – para perder, na verdade, suas marcas de diferença com relação à maioria dos americanos.

O argumento pelo reconhecimento da diversidade de culturas e passados como sendo fundamental, não apenas para a realidade americana, mas para os ideais americanos, forçou a sociedade a debater mais uma vez as implicações de sua noção incomum de comunidade nacional como processo e interação. A partir da década de 1960, os defensores da diversidade competiram para criar uma metáfora apropriada para a sociedade americana que incluiria, em vez de excluir ou fundir. Cada geração de americanos promoveu a noção da mistura americana de opiniões, povos, crenças, culturas e, mais recentemente, idiomas, ao ponto de muitos terem temido que o centro não mais resistisse. Até o momento o histórico de coesão nacional dá esperanças para o futuro, mas o futuro está longe de ser entendido universalmente como garantido, a despeito das preocupações de alguns membros das comunidades majoritárias de que o tecido nacional esteja esgarçando e de alguns membros das comunidades minoritárias de que não serão nunca verdadeiramente bem-vindos à mistura americana.

TESTE DE VALORES

Também em outros aspectos, o atual debate sobre os valores americanos representa não seu repúdio, mas um teste de sua aplicação em outras circunstâncias. O crescimento dos movimentos de mulheres americanas é um lembrete de que a biologia supostamente dispensou metade dos americanos da inclusão política e, depois, profissional e econômica na dinâmica da vida nacional. A barreira do gênero ainda não caiu completamente, mas está sob ataque contínuo. Também envolvidos pela revolução constante nas expectativas americanas estão construtos sociais fundamentais, como a família, que estão continuamente suscetíveis à ética da escolha e da auto-realização. Desde o início do século 19, os americanos transformaram as tradições do casamento para permitir a livre escolha de parceiros. Essa noção se ampliou com o tempo para incluir o direito a escolher viver junto "sem a autorização da Igreja" ou casar e depois divorciar e, cada vez mais, até um debate referente à definição do quê constitui uma família dentro ou fora das estruturas legais. Cada vez mais, as relações entre crianças e pais e entre gerações mais jovens e mais velhas testam os limites da autoridade e do consentimento em

uma dimensão inimaginável tempos atrás.

Essas são tendências atuais nos EUA, mas são também, em menor escala, tendências de todas as culturas democráticas industriais. Os americanos precisam começar a se perguntar o quanto a cultura que uma vez os definiu como únicos se tornou, pelo menos em alguns de seus aspectos, a cultura do modernismo global. Tem sido surpreendente ver vários países asiáticos aclamados como as nações do século 21 devido a seus avanços tecnológicos e industriais; ver europeus ocidentais identificados com a noção de uma grande união de Estados e uma comunidade dinâmica; e ver as democracias emergentes, embora torturadas, da Europa Central e do Leste se identificarem com as aspirações de um eleitorado irrequieto.

Mas por tudo isso, os americanos podem ver a vantagem que têm em sua longa história de abertura política e mudança, tolerância de conflitos, energia empreendedora e mistura cultural. Sua história flexível pode servir de fórmula para a estabilidade durante os choques constantes do modernismo global, confirmando, em vez de enfraquecer, as tradições nacionais. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

A FACE MUTANTE DOS EUA

Audrey Singer

A autora examina as mudanças atuais na composição racial e étnica dos EUA e apresenta algumas reflexões sobre a futura diversidade do país. Em 1970, os americanos podiam ser divididos essencialmente em negros e brancos. Porém, nas três últimas décadas, imigrantes da Ásia, América Latina, África e Caribe têm contribuído para enriquecer a diversidade do país. Como conseqüência, os cidadãos americanos cada vez mais se autodefinem como multirraciais. O governo continua a coletar dados com base nas características raciais e étnicas por força do compromisso de aplicar leis que proíbam a discriminação e garantam tratamento e oportunidades iguais. "Uma forte razão para otimismo", conclui a autora, "é o histórico de inclusão dos diversos grupos em uma única sociedade e em uma única nação".

Audrey Singer é pesquisadora de imigração do Programa de Políticas Metropolitanas do Instituto Brookings. Foi membro associado do Fundo Carnegie para a Paz Mundial e membro do corpo docente do Departamento de Demografia da Universidade de Georgetown. Singer tem escrito inúmeros trabalhos sobre as tendências imigratórias nos EUA, migração sem documentação e a mudança da composição racial e étnica dos Estados Unidos, tendo publicado recentemente o relatório The Rise of New Immigrant Gateways.

Acima, imigrantes chegam à ilha de Ellis, Nova York, na virada do século 20. Cerca de 16 milhões de pessoas passaram pela ilha de Ellis entre 1892 e 1924 (Foto: AP)

Abaixo, Francisco Sarauia, 86, de El Salvador, à esq., era a pessoa mais idosa entre os 433 imigrantes que fizeram juramento como cidadãos americanos em cerimônia em Seattle, Washington, 4 de julho de 2003 (Foto: AP/Jim Bryant)

... não há necessidade de incentivo: embora a política ou a vantagem de [a imigração] ocorrer em conjunto (digo, estabelecerem residência todos juntos) possa ser bastante questionada; porque, ao fazê-lo, eles conservam a língua, hábitos e princípios antigos (bons ou ruins). Enquanto que, por meio da mistura com nosso povo, eles, ou seus descendentes, assimilam nossos costumes, medidas e leis: em suma, logo se tornam um só povo.

- George Washington, em carta a John Adams, 15 de novembro de 1794

Como os Estados Unidos foram fundados há mais de 225 anos, uma questão importante na história nacional tem sido quem de fato pertence ao país. Os debates contemporâneos sobre os níveis de imigração e assimilação ecoam os sentimentos de George Washington. Entretanto, as questões de quem pertence ao país e de como os imigrantes devem se adaptar têm se transformado com as sucessivas ondas de imigração, durante as quais a auto-imagem nacional teve de se ajustar e se recalibrar para os recém-chegados de diversas origens. Ao fazer isso, os EUA, de alguma forma, conseguiram unir todo tipo de gente em termos sociais, políticos e econômicos, embora ainda permitindo que os indivíduos reivindiquem sua identidade da forma que melhor lhes aprouver. Na consciência nacional, a imigração parece tanto reforçar quanto

contestar a idéia de que os Estados Unidos são o lugar ao qual qualquer pessoa pode pertencer.

A Comenda Patrimônio Familiar da Ilha de Ellis foi instituída em 2001 para prestar reconhecimento a imigrantes ou seus descendentes que fizeram importantes contribuições aos Estados Unidos em vários campos (Fotos dos contemplados de 2004 ou seus parentes)

Entretanto, a velocidade e a diversidade da imigração contemporânea estão alterando rapidamente a mistura racial e étnica dos EUA. E, mais uma vez, a imigração está provocando ansiedade acerca de uma nação dividida. Será que os atentados de setembro de 2001, as conseqüências da guerra do Iraque e as preocupações acerca da economia poderão levar a uma diminuição da receptividade da população aos imigrantes? Ou os Estados Unidos continuarão a ver oportunidades em novas ondas de diversidade imigratória e superar os desafios?

O que complica ainda mais as relações intergrupais é o fato de que a imigração contemporânea se apóia em várias camadas de povoamento do país ao longo da história. Em particular, os legados de escravidão e conquista são componentes importantes da diversidade contemporânea dos Estados Unidos. E a discriminação, o racismo e a desigualdade resultante são realidades que mostram como tais processos históricos podem se deteriorar.

Os imigrantes de hoje proporcionam um teste adicional à elasticidade do tecido social, cultural e econômico dos Estados Unidos. Embora o governo dos EUA tenha sempre controlado o número de pessoas que entra no país, pouco faz para dar assistência aos imigrantes quando chegam. Por exemplo, o governo federal não oferece aulas de língua e programas de treinamento profissional à maioria dos imigrantes. A idéia é de que os imigrantes conseguem se virar com a ajuda da família e dos amigos. E se precisarem de mais ajuda, podem procurar os grupos comunitários e as organizações religiosas. Entretanto, no fronte social e cultural, a adaptação a um país diversificado, que evolui continuamente, impõe desafios tanto aos imigrantes recém-chegados quanto aos que já se encontram estabelecidos.

De que forma a imigração durante o século 20 alterou a composição racial e étnica dos Estados Unidos? Este ensaio examina as mudanças atuais nessa composição e o futuro da diversidade nos EUA.

PAÍSES DE ORIGEM DOS IMIGRANTES

Em termos demográficos, os EUA do século 21 serão inevitavelmente diferentes dos EUA do século 20. O Censo 2000 já mostra que, em termos de etnia, raça, cultura e língua, os Estados Unidos estão mais diversificados do que nunca. Apenas 30 anos atrás, a maior parte dos americanos podia facilmente ser classificada de branca ou negra. Hoje, a fisionomia do país está sendo cada vez mais enriquecida por pessoas asiáticas, latinas e multirraciais. Muita imigração, casamentos entre grupos raciais diferentes e a prole resultante, assim como uma mudança importante nos métodos utilizados pelo governo para coletar informações sobre os residentes, tudo contribui para as mudanças incrementais observadas nas últimas décadas.

A Figura 1 mostra a história da imigração nos Estados Unidos no século 20. O século terminou com o triplo dos 10,3 milhões de imigrantes do seu início. Entretanto, é importante ter em mente que em 1900 a população dos EUA tinha uma proporção maior de residentes nascidos no exterior (quase 14%) do que a registrada em 2000 (11,1%).

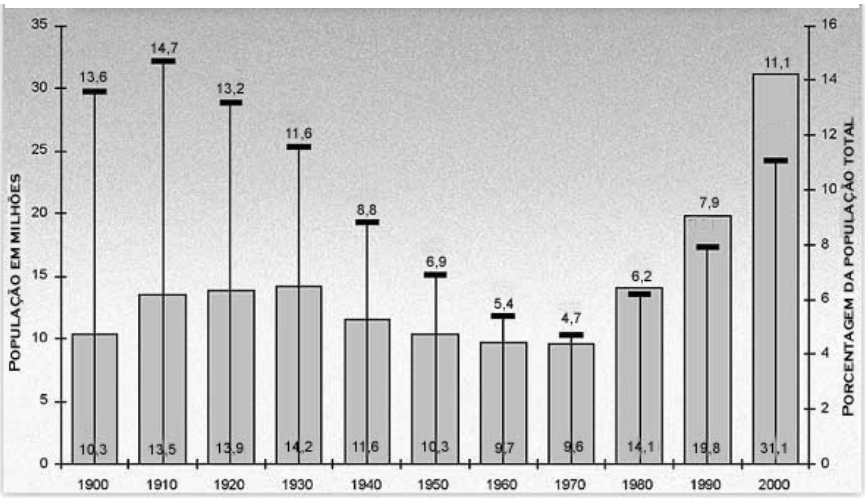
Como mostrado na Figura 1, a população imigrante cresceu de maneira constante durante as três primeiras décadas do século 20, depois esse crescimento começou a diminuir no final dos anos 1930, época da depressão mundial. Políticas restritivas de imigração praticadas durante a Segunda Guerra Mundial mantiveram baixos os níveis de imigração nas quatro décadas seguintes. Esses índices mais baixos de imigração, combinados com altas taxas de fertilidade dos residentes dos EUA e o resultante "baby boom", refletem-se no pequeno número de imigrantes nos anos 1950, 1960 e 1970. Entretanto, a Lei de Imigração e Nacionalidade de

1965 revogou cotas nacionais anteriores baseadas na origem, abrindo as portas do país à imigração oriunda de regiões além da Europa. Nos anos 1980 e 1990, a imigração explodiu: a população nascida no exterior mais do que dobrou nesses 20 anos, indo de 14,1 milhões para 31,1 milhões.

Talvez tão importante quanto a tendência nos índices de imigração é a mudança nos países de origem dos imigrantes. Nas duas primeiras décadas do século 20, 85% dos 14,5 milhões de imigrantes que entraram nos EUA eram originários da Europa, particularmente do Sul e do Leste Europeu. Isso contrasta bastante com a mesma porcentagem que veio de países da Ásia, América Latina, Caribe e África.

O conflito social e a concorrência observados hoje em dia – devido à mudança na origem dos imigrantes, agora provenientes de países com etnias, idiomas, religiões e tradições políticas diferentes dos da maioria – não divergem das circunstâncias verificadas nas primeiras décadas do século 20. Durante aquele período, devido às suas visíveis diferenças, muitos europeus do sul e do leste eram observados com o mesmo cuidado que alguns dos imigrantes atuais.

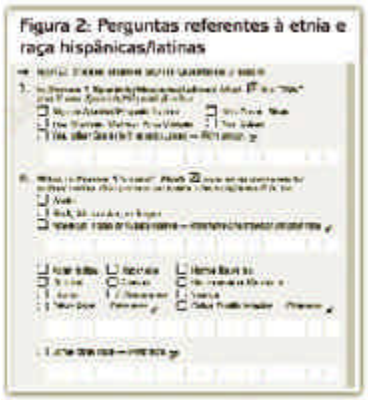
Figura 1: População nascida no exterior e porcentagem da população total dos Estados Unidos da América:1900-2000



Fonte: Perfil da população nascida no exterior: 1997, Current Population Reports, Special Studies págs. 23-195, Figura 1-1; Escritório do Censo dos EUA, Censo 2000

AVALIAÇÃO DAS RAÇAS E ETNIAS

É difícil apreender o mosaico racial e étnico dos Estados Unidos. Um motivo é que quase todo censo nos últimos 200 anos coletou dados raciais de maneira diferente do censo imediatamente anterior. As categorias mudaram com o tempo, refletindo as mudanças no poder e representação políticos. O formulário do Censo 2000 complicou ainda mais a situação.



Fonte: Escritório do Censo dos EUA, 2000

Primeiro, pela primeira vez, o Censo 2000 permitiu que as pessoas se identificassem como pertencentes a mais de uma raça (Vide Figura 2). A questão racial consistia em seis categorias principais: branca ou caucasiana; preta, afro-americana ou negra; indígena americano ou nativo do Alasca; asiática; nativo havaiano e outros ilhéus do Pacífico; e "outras raças". Ao permitir que as pessoas declarassem mais de uma categoria, ampliou-se o leque de categorias raciais para 63 combinações possíveis.

Segundo, o Escritório do Censo dos EUA fez perguntas separadas sobre raça e etnia hispânica/latina. Portanto, além de declarar que se consideravam hispânicas, as pessoas escolhiam uma categoria ou categoria de raças para responder a uma pergunta separada. O rótulo "hispânico" surgiu nos EUA nos anos 1970 como um rótulo administrativo para identificar pessoas residentes nos EUA de descendência latino-americana e falantes do espanhol. O Escritório do Censo adotou o termo no Censo 1980. Entretanto, mesmo antes aquele censo, outros rótulos foram e continuam sendo usados, entre eles, latino, que o Escritório do Censo usa agora como sinônimo de hispânico. A inclusão do parâmetro hispânico/latino às categorias raciais resulta em 126 combinações possíveis.

Levando em conta essas questões metodológicas, o quadro 1 mostra de que forma a composição étnica e racial dos EUA mudou nas últimas três décadas do século 20 ao compararmos branco, negro e uma terceira categoria racial que combina "todas as outras" em um grupo. (Nos anos 1970 a 1990, "outras" referiam-se a pessoas que se identificavam como algo além de brancos ou negros – isto é, asiáticos, indígenas americanos ou "outra raça". Em 2000, a categoria incluía também qualquer um que marcasse mais de uma raça). Um quadro separado traça o crescimento da população hispânica.

Em 1970, quase 99% dos americanos se identificavam como brancos ou negros. Trinta anos depois, aquela porcentagem tinha caído para cerca de 87%, com a população branca sofrendo uma redução de 87,4% em 1970 para 75,1% em 2000, e a população negra aumentando de 11,1% para

12,3% no mesmo período. A alteração na população branca foi compensada pela ascensão da população de "outras", que aumentou de 1,4% em 1970 para 12,5% em 2000.

Um dado mais significativo é o aumento em 10 vezes do número de crianças identificadas nem como brancas nem como negras em 2000, indicando mais diversidade no futuro. Em 2000, as crianças tinham a probabilidade de uma e meia vezes mais que adultos de ser identificadas nem como brancas nem como negras, refletindo o crescimento de descendentes de casamentos inter-raciais e as taxas de natalidade relativamente altas em alguns grupos de imigrantes. As crianças também tinham maior probabilidade de ser identificadas como multirraciais (mais de uma raça indicada, provavelmente por um dos pais) no Censo 2000, cerca de 4%, em comparação a 2% dos adultos. Quando essas crianças se tornarem adultos, os Estados Unidos poderão observar um aumento da identidade multirracial, que se tornará mais aceitável socialmente quando essas crianças tiverem seus filhos, os quais poderão escolher a identificação de multirraciais.

Em 2003, o Escritório do Censo foi manchete quando anunciou que os hispânicos eram mais numerosos agora que os negros. Devido a índices mais altos de imigração e de natalidade, a população hispânica deverá continuar a ultrapassar a afro-americana. A população hispânica surgiu nos dados a partir dos anos 1980 com 6,4% (os dados não eram coletados separadamente para esse grupo) e cresceu para 12,5% da população total em 2000 (quadro 1).

Quadro 1 – População dos EUA por raça e idade, 1970-2000

RAÇA	1970	1980	1990	2000	Diferença entre 1970 - 2000
Total					
Brancos	87.4	83.2	80.3	75.1	-12.3
Negros	11.1	11.7	12.0	12.3	1.2
Outros[a]	1.4	5.2	7.6	12.5	11.1
Crianças[b]					
Brancos	84.8	78.6	75.1	68.6	-16.2
Negros	13.7	14.7	15.0	15.1	1.4
Outros[a]	1.5	6.7	9.9	16.3	14.8
Adultos[c]					
Brancos	88.9	84.9	82.2	77.4	-11.5
Negros	9.8	10.5	11.0	11.4	1.6
Outros[a]	1.4	4.5	6.8	11.2	9.9
Etnia hispânica[b]	...	6.4	9.0	12.5	6.1[e]

Fonte: *Censo da População 1980, Características da População, Vol. 1, cap. B, Parte 1; Censo de População e Habitação, 1990: CD-Rom do Resumo; Censo 2000 Resumo 1*

[a] Nos anos 1970, 1980 e 1990, "outras" referia-se a pessoas que declararam qualquer raça além da branca ou da negra, que incluíam indígena americano, esquimó ou aleúte, asiático e ilhéu do Pacífico e outras raças. Em 2000, "Outras" referia-se a indígena americano, nativo do Alasca, asiático, nativo do Havaí e outras raças. Além disso, o Censo 2000 permitiu que as pessoas declarassem mais de uma raça. Essas pessoas estão incluídas na categoria "Outras".
[b] Crianças de 0-17.
[c] Adultos acima de 18 anos.
[d] No Censo, o dado da etnia hispânica ou latina é coletado separadamente da raça. Os hispânicos podem ser de qualquer raça; portanto raça e ascendência hispânica não se adicionam.
[e] Diferença entre 1980 e 2000.

Além do mais, a "exclusão da diversidade" é visível em alguns Estados americanos com populações de imigrantes com grande crescimento. As minorias já representam mais da metade da população com menos de 18 anos nos Estados de Arizona, Califórnia, Havaí, Novo México e Texas, como também em certas áreas metropolitanas com grandes influxos de imigrantes.

Não é surpresa o fato de que cidades do Nordeste e Meio-Oeste dos EUA, como Filadélfia, Buffalo e St. Louis, que atraíram muitos imigrantes, tenham sido trocadas por metrópoles do Sul e do Oeste, como Los Angeles, Miami e Houston. E os assentamentos de imigrantes nas novas áreas metropolitanas populares têm sido cada vez mais periféricos. Em alguns lugares, como Atlanta, Geórgia e Washington, D.C. o crescimento rápido e recente da população imigrante tem ocorrido quase que totalmente na periferia das cidades. O Censo 2000 revela que na última década a diversidade racial e étnica nas áreas periféricas cresceu consideravelmente devido ao crescimento tanto de nativos quanto de nascidos no exterior; os não brancos aumentaram de 19% para 27% da população em todas as áreas periféricas.

Dada a rigidez das categorias raciais e a fluidez da auto-identificação racial e étnica, não é surpresa que muitas pessoas mostrem resistência às classificações censitárias. Ao responder ao Censo 1990, meio milhão de pessoas se rebelaram contra a instrução de declarar apenas uma raça e declararam duas ou mais. Isso contribuiu para que o Escritório do Censo permitisse múltiplas respostas para raça em 2000. O simples fato é que muitas pessoas, em particular as que se mudaram para os EUA como imigrantes adultos e os descendentes de casamentos multirraciais não se consideram enquadrados em um punhado de categorias raciais.

Embora, de maneira geral, concorde-se que raça e etnia devem ser definidas social e individualmente, por que o governo federal mantém a coleta de tais dados? Em grande medida porque a raça continua a ter um papel na igualdade de oportunidades que existe em muitas esferas da sociedade americana.

Existem grandes diferenças em tendências econômicas, de emprego, sociais e de saúde e o interesse do governo em coletar dados sobre raça ajuda na documentação dessas tendências. Leis, políticas e programas projetados para impedir discriminação racial, como a Lei dos Direitos Civis e leis contra crimes de intolerância precisam necessariamente desses dados.

O FUTURO DA DIVERSIDADE

Se os Estados Unidos decidissem acabar com a imigração hoje, a diversidade racial e étnica continuaria a crescer por muitas gerações. Por quê? Devido a duas tendências principais: várias décadas de intensa imigração e a disposição dos americanos de olhar além da raça e etnia ao escolher seus parceiros/as. Enquanto a primeira recebe muita atenção, a segunda raramente atrai a atenção do público, mesmo com o aumento exponencial de casamentos inter-raciais nos últimos 30 anos.

A dicotomia de um país negro e branco certamente mudou, mas como os novos grupos serão incluídos na sociedade americana? Como as pessoas do México, da República Dominicana, do Vietnã e da Índia redefinem a estratificação racial e étnica que se desenvolveu nas linhagens negra e branca? As divisões ficarão mais profundas ou a geração atual de crianças, que é muito mais diversa que a de seus pais, forjará um nexo coerente quando ficar adulta?

Uma forte razão para otimismo é o histórico de inclusão dos diversos grupos em uma única sociedade e em uma única nação. Os imigrantes, independentemente de origem, têm tido grande sucesso na ascensão social e econômica. Essa é uma tendência que deve continuar. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

UM VALOR AMERICANO:
Direitos Iguais

Inspirado pelo uso da desobediência civil não violenta de Mahatma Ghandi, o **reverendo Martin Luther King, Jr**. (1929-1968), comandou o movimento dos direitos civis dos EUA para eliminar barreiras legais e institucionais contra afro-americanos e outras minorias. Entre 1957 e 1968, King viajou mais de um milhão e setecentos mil quilômetros, fez mais de 2.500 discursos, liderou inúmeras marchas de protesto e foi preso mais de 20 vezes, segundo a Fundação Nobel que lhe concedeu o Prêmio Nobel da Paz em 1964. O prêmio veio um ano depois de King liderar a marcha a Washington, D.C., onde, perante uma multidão de 250 mil pessoas, proclamou sua esperança de que "um dia … os filhos de ex-escravos e os filhos de ex-proprietários de escravos conseguirão se sentar à mesa da fraternidade … que meus quatro filhinhos vivam um dia em uma nação onde não serão julgados pela cor da pele, mas por seu caráter". King foi assassinado em 1968 por um homem que depois foi preso e sentenciado à prisão perpétua.

Quem Pode Ser Cidadão Americano

Com pouquíssimas exceções, as pessoas que nascem nos Estados Unidos se tornam cidadãos americanos, independentemente de sua etnia ou da cidadania e nacionalidade de seus pais. Nesse aspecto, os Estados Unidos diferem de muitos outros países que não conferem cidadania automaticamente a pessoas simplesmente com base no nascimento dentro de suas jurisdições nacionais.

Ampla aceitação tem sido a característica do processo de naturalização americano desde a fundação do país, apesar das mudanças nas leis e normas com o passar dos anos. Antes de 1866, a cidadania das pessoas nascidas nos Estados Unidos não era definida na Constituição nem em qualquer outro estatuto federal. *Entretanto, conforme a norma de* common law jus soli (*significando a lei do solo), as pessoas nascidas nos Estados Unidos geralmente adquirem a cidadania americana ao nascer. A Lei dos Direitos Civis de 9 de abril de 1866, que ratificou a 14ª Emenda da Constituição dois anos depois, formalizou essa disposição declarando que "são cidadãos americanos todas as pessoas nascidas ou naturalizadas nos Estados Unidos e sujeitas à sua jurisdição".*

Esse princípio de jus soli *permanece em vigor até hoje. Certas pessoas nascidas nos Estados Unidos, como os filhos de chefes de Estado ou de diplomatas estrangeiros, não obtêm cidadania americana com base no* jus soli. *Certas pessoas nascidas fora dos Estados Unidos são cidadãos natos devido a seus pais, com base no* jus sanguinis. *O princípio de* jus sanguinis *sustenta que o país de cidadania de uma criança é o mesmo de seus pais.*

Além de obter a nacionalidade americana por meio do nascimento, a cidadania pode ser adquirida por meio do processo de naturalização. A naturalização geralmente exige que a pessoa tenha o status de "residente legal permanente" e que more durante um certo número de anos nos Estados Unidos *As leis e normas relativas a esses meios de adquirir a cidadania americana são complexas. A embaixada ou consulado dos EUA mais próximo deve ser consultado caso se desejem informações adicionais.* O Congresso dos Estados Unidos tem autoridade para promulgar legislação concernente à cidadania americana. ■

PERFIS

Elaboramos perfis de 13 pessoas diferentes cuja vida, origem e profissão nos dão uma idéia – que não é de forma alguma um quadro completo — da vida de hoje nos Estados Unidos. Retratamos aqui americanos comuns e outros que o leitor provavelmente já conhece.

PERFIS

PROFESSORA UNIVERSITÁRIA – APROVEITANDO AS OPORTUNIDADES

Em muitos aspectos, a cidadã americana naturalizada **Hibba Abugideiri** é o exemplo típico tanto do moderno como do tradicional. Seu alto nível de instrução (tem Ph.D. em história, pela Universidade de Georgetown) e sua carreira profissional (é professora de história do Oriente Médio na mesma universidade) mostram que ela é uma mulher totalmente moderna, enquanto sua fervorosa religiosidade islâmica e reverência à família a mantêm firmemente vinculada aos valores tradicionais.

Nascida no Sudão em 1968, Hibba veio ainda bem criança para os Estados Unidos com os pais, quando seu pai veio fazer doutorado em agricultura na Universidade de Wisconsin, em Madison. A família tinha a firme intenção de regressar para o Sudão depois que seu pai completasse os estudos, visto que ele e sua mulher pretendiam usar os conhecimentos adquiridos nos EUA para ajudar no desenvolvimento da terra natal. Entretanto, foram impedidos de fazê-lo quando, por motivos políticos, seu pai foi incluído numa lista negra e proibido de voltar. Na década de 1980, a família já havia perdido a esperança de retornar para o Sudão, e eles, inclusive Hibba, naturalizaram-se cidadãos americanos em 1984.

Hibba aproveitou todas as oportunidades surgidas no país adotado, formando-se em cursos de bacharelado, mestrado e doutorado de universidades americanas. Tornou-se especialista renomada em história islâmica e do Oriente Médio; escreve intensamente sobre essas matérias e as leciona em nível universitário. Ela também dividiu seus conhecimentos com o público estrangeiro viajando para vários países, inclusive Malaui, Trinidad, Usbequistão e Azerbaijão, sob os auspícios do Programa de Palestrantes e Especialistas Americanos do Departamento de Estado dos EUA.

Hibba acredita que sua participação no Programa de Palestrantes e Especialistas Americanos não somente lhe possibilitou oferecer valiosa contribuição ao público estrangeiro, como também foi gratificante em termos pessoais e profissionais. A calorosa hospitalidade e a bondade de seus anfitriões no exterior – em pequenas cidades e vilarejos, assim como nas grandes – são algo de que nunca se esquecerá.

Ela também ficou muito impressionada com os estudantes universitários que conheceu em seus programas no exterior, pois eles não apenas eram muito bem informados sobre os EUA e outros países, mas também tinham perspectivas próprias sobre o mundo. Segundo Hibba, ao procurar ver o mundo pelos olhos desses estudantes, ela conseguiu obter nova perspectiva sobre as próprias experiências e valorização renovada da diversidade cultural. Nas palavras de Hibba: "Freqüentemente achamos tão natural as inúmeras vantagens encontradas neste país que às vezes nos esquecemos de que as pessoas nas outras nações também têm seu próprio patriotismo e amor pela pátria, arraigados em culturas e histórias específicas."

Apesar de seu "sucesso americano", Hibba nunca perdeu de vista os valores islâmicos tradicionais e sente que tais valores são compatíveis com tradições seculares dos EUA, como liberdade política e igualdade de oportunidades. O crescente ativismo político dos muçulmanos americanos, que, em sua opinião, têm muito a contribuir para o processo político americano e podem desempenhar papel positivo na interação dos EUA com as nações muçulmanas a estimula.

Nem sua fé islâmica a fez sentir-se deslocada nos Estados Unidos. Na verdade, ela acredita que muitos americanos não estão satisfeitos com uma sociedade materialista, totalmente secular, e procuram algum tipo de espiritualidade, seja inspirada em uma religião tradicional como o Islamismo, seja em alguma fonte menos tradicional.

À pergunta sobre que conselho daria aos jovens dos Estados Unidos ou de outro país, Hibba respondeu que os incentivaria a buscar todas as formas de conhecimento, pois esse é o segredo do sucesso em todas as classes sociais e para a realização pessoal. E a vida da própria Hibba comprova essa verdade. – *Steven M. Lauterbach*

Hibba Abugideiri

ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO – CONTRA TODAS AS EXPECTATIVAS

Enes Elezovic, um refugiado da Bósnia de 19 anos que espera receber a cidadania americana neste terceiro trimestre, está cursando o primeiro ano da Faculdade Grandview em Des Moines, a cidade onde vive em Iowa. Depois de ver tudo o que Enes viu ao longo de sua curta vida – depois sentir o horror "tão de perto e tão intensamente", como foi o seu caso – os Estados Unidos da América são um lugar muito agradável de se estar.

Enes tinha seis anos e vivia em Mostar, a segunda maior cidade da Bósnia, quando a guerra eclodiu em 1991. Os Elezovics tinham uma vida rica e confortável. O pai de Enes, Sedat, foi piloto de helicóptero nas Forças Armadas da Bósnia durante 10 anos, quando morava com a família em Mostar. Sua mãe, Ljubica, ou "Lu" como a chamavam, era psiquiatra. Seu irmão, Semir, atualmente na penúltima série ensino médio em Des Moines, era uma criança.

Em termos de religião, os Elezovics são uma família mista; Sedat é mulçumano e Lu, católica. Mas, por muito tempo, as famílias puderam viver sem temer a opressão por questões religiosas ou étnicas.

E depois? "A guerra começou na Croácia, mas sabíamos que os sérvios e os croatas entrariam na Bósnia em busca de terras", diz Enes. O bombardeio começava "todo santo dia por volta das 6 da manhã", recorda ele. "Um sino tocava, e todos tínhamos de descer para o porão. Os aviões lançavam bombas por toda parte à nossa volta. Havia tiroteio o tempo todo. Eu ficava muito assustado, e era tudo tão rápido que nem dava pra saber direito o que estava acontecendo."

"Vivemos assim no meio da guerra durante seis meses, mas depois nos disseram para sair. Tivemos de fazer as malas e sair da Bósnia em um dia. Foi preciso deixar para trás quase tudo que tínhamos. Pelo que me lembro, não tínhamos a menor idéia se alguém tentaria nos capturar, ou se nos deixariam sair do país, ou se poderíamos entrar em outro país. Uma coisa era certa: tínhamos de ir embora."

Um tio, que havia se mudado para Aachen, na Alemanha, aconselhou os Elezovics a tentar ir para lá. "Tivemos de

sair da Bósnia sem meu pai e não sabíamos se o veríamos novamente", diz Enes. "Tenho muitos amigos que perderam o pai na guerra."

Após três dias, Lu Elezovic e seus dois filhos conseguiram deixar a Bósnia e chegar a Aachen. Seis meses depois, Sedat se encontrou com eles. A seguir, a família se dedicou à tarefa de iniciar uma nova vida na Alemanha, com a esperança de conseguir a cidadania alemã depois de seis anos.

"Mas então a Alemanha decidiu que havia refugiados demais querendo entrar no país e mudaram as regras, passando a exigir oito anos de permanência em solo alemão para conceder a cidadania", explicou Enes. "Aqueles que viviam lá há menos tempo tiveram de ir embora".

Hugo Smaljovic, um amigo da Bósnia que morava em Iowa, contatou a família e sugeriu que fossem para lá. Após uma entrevista na Embaixada dos EUA na Alemanha, os Elezovics foram informados de que seriam bem recebidos como refugiados nos Estados Unidos. Em 16 de fevereiro de 1999, eles chegaram a Des Moines para se juntar à comunidade de cerca de 3 mil bósnios que havia se estabelecido na capital de Iowa.

Enes matriculou-se na sétima série da escola de Des Moines. Era fluente no idioma servo-croata, falado na Bósnia, e no alemão, aprendido na Europa. E seu inglês era também muito bom, após quatro anos de estudo na Alemanha.

Ele também sabia uma outra forma de comunicação, aquela que é compreendida e amada em todo o mundo: o futebol (conhecido como *soccer* nos Estados Unidos). Enes mal havia começado a jogar na Bósnia, com apenas seis anos de idade, quando a guerra começou, depois foi para a Alemanha com a família onde jogou pelos seis anos seguintes. Em Des Moines, ele ingressou rapidamente nos times amadores, alguns formados por jogadores da sua idade, outros por adultos. E, na Escola Roosevelt de Ensino Médio, foi titular do time da escola todos os anos. Hoje, com 1,80 metro de altura e pesando 70 quilos, tornou-se um desses jogadores que aparentemente pode correr o dia inteiro sem se cansar. No último ano do segundo grau, Enes foi titular da seleção do Estado. Foi procurado por diversas faculdades antes de escolher Grandview, onde pretende estudar negócios internacionais.

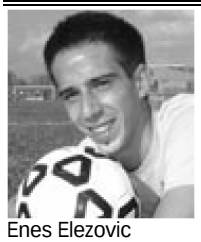
Seus pais, ambos agora com 42 anos, adaptaram-se muito bem ao mundo dos negócios americanos. Sedat atualmente é supervisor em uma unidade industrial. Lu é uma corretora imobiliária de sucesso. São proprietários de três casas e, portanto, recebem rendas de aluguel. E a família toda trabalha junto em sua própria empresa, a Tip Top Cleaning, que presta serviços de manutenção em residências e escritórios e também faz limpeza de canteiros de obra.

Há três anos, os pais de Enes manifestaram o desejo de que ele aceitasse um emprego de trabalhador braçal em um armazém onde muitos bósnios adultos em Des Moines iniciaram a vida profissional. "Meus pais não estavam me forçando a trabalhar, na verdade estavam me mostrando com clareza a vida como ela é", explicou. "Nosso horário de trabalho era das 6 da tarde às 5 da manhã. Quando vi o quanto nosso povo trabalhava para sustentar a família, aumentou muito o meu respeito por todos eles."

Para Enes, assim como para muitos dos jovens da Bósnia que vieram para os Estados Unidos como refugiados, a família é o que existe de mais importante. "Por tudo o que passamos, meus pais têm todo o meu respeito. Com a guerra, eles tiveram de encontrar novos estilos de vida, novos empregos, novos amigos, novos países. É duro tentar sobreviver em uma sociedade diferente. É preciso saber se adaptar a novos valores".

Enes cita o pai lhe dizendo que a liberdade e, agora, a oportunidade de ter uma educação universitária nos Estados Unidos "são como ganhar uma chave. Meu pai diz: 'Agora, você tem de pôr a chave, virá-la para a esquerda para trancar ou para a direita para abrir – essa decisão é sua".

Segundo Enes, sua idéia de sonho americano é um pouco diferente do que pensam alguns americanos. "Em minha opinião, não se trata só de dinheiro", explica. "Tem mais a ver com você se sentir feliz com o que faz – e nunca desistir".– *Chuck Offenburger*


Enes Elezovic

PROFESSORA DE CIÊNCIAS – DESAFIANDO AS CONVENÇÕES

Helen Fitzhugh viveu quase todo o século 20. Nasceu em dezembro de 1910 e aos 94 anos ainda é forte e espera, com seu entusiasmo e otimismo costumeiros, o que o século 21 terá a oferecer. Helen é uma mulher pequena, dinâmica, cheia de entusiasmo e curiosidade intelectual. Adora viver na comunidade de aposentados Kendal em Oberlin, Ohio, próxima à Faculdade de Oberlin e seu mundialmente famoso Conservatório de Música. Helen pode ser vista com freqüência na platéia de palestras e concertos, sentada nas primeiras filas para não correr o risco de perder alguma coisa.

Sua vida tem sido não apenas longa, mas também cheia de aventuras e conquistas. "Descendo de estirpe forte de imigrantes", diz Helen. "Meus pais eram Joseph Vassau, de família franco-canadense, que se estabeleceu em Wisconsin em meados de 1800, e Theresa Hirsch, de família judia originária da Alemanha, que também chegou aos Estados Unidos em meados de 1800 e se estabeleceu no comércio de Montana. Em algum ponto – não estou certa de quando ou onde isso aconteceu – as duas famílias se encontraram, e três dos filhos dos Vassaus casaram-se com três das filhas dos Hirschs. Na época do seu casamento, meu pai trabalhava como comprador de gado para um frigorífico em St. Paul, Minnesota".

Alguns anos antes, em 1862, o Congresso dos EUA havia promulgado a Lei de Concessão de Terras, que doava 64 hectares de terras públicas a colonos que concordassem em ficar nas terras, fazendo melhorias pelo período de cinco anos. Joseph Vassau inscreveu-se no programa e recebeu um pedaço de terra a cerca de 24 quilômetros da fronteira canadense, perto de Willow City, cidade com aproximadamente 500 habitantes. Ele e a esposa mudaram-se para lá, construíram uma casa, fizeram um grande jardim e começaram a criar duas ou três vacas e a plantar o suficiente para alimentá-los. Joseph continuou a trabalhar para o frigorífico. "A vida era difícil para os meus pais", diz Helen, "e os invernos eram extremamente frios, mas eles perseveraram". Seus cinco filhos nasceram lá – quatro meninos e depois Helen, a caçula da família.

Depois que Helen terminou a oitava série em Willow City, a família mudou-se para uma pequena cidade no sudeste de Montana. Na nova escola, diz Helen, "o professor de ciências sugeriu que eu poderia estar interessada em suas aulas". Ela as adorava, mas os outros estudantes ficavam espantados, porque, naquela época, ciências era considerada matéria não "adequada" para meninas. No entanto, Helen tornou-se a primeira aluna da classe e foi mandada para o concurso estadual de ciências, do qual foi vencedora, deixando vários garotos atônitos com a derrota.

Ao decidir que as escolas em Montana não eram suficientemente boas para uma filha tão brilhante e curiosa, seu pai mandou-a para a casa de um dos seus irmãos mais velhos em Minneapolis, Minnesota. Helen fez todos os cursos de ciências que as escolas de ensino médio da cidade ofereciam e depois foi para a Universidade de Minnesota, onde cursou ciências e matemática como matérias principais. O professor de química, entretanto, tornou as coisas tão difíceis para Helen e as outras estudantes mulheres, que ela por fim acabou desistindo e transferiu-se para a Universidade do Colorado. Naquela altura, nos anos 1930, a Grande Depressão havia começado, e "o dinheiro era curto". Helen tirou diploma de professora, uma vez que as mulheres eram bem-vindas nessa carreira, e arrumou emprego em uma escola rural de uma só sala no leste do Colorado. Morou com uma família de fazendeiros e lecionou para 8 a 10 alunos em todas as séries do ensino fundamental. Trabalhou ali por alguns anos, freqüentando a faculdade durante os verões para obter seu diploma universitário.

Depois Helen recebeu uma proposta de emprego em Green River, Wyoming. "Eu aceitei", afirma Helen, "e descobri para minha alegria que iria lecionar ciências para todas as séries iniciais do ensino fundamental da escola. Nessa época conheci Edward Fitzhug, Jr., no hotel em que morava. Ed trabalhava para a Estrada de Ferro Union Pacific, examinando as propriedades da empresa à procura de depósitos de minerais. Nós dois passamos muitas tardes na loja de conveniência anexa ao hotel nos conhecendo melhor".

Eles casaram-se em agosto de 1942. "Logo depois", diz ela, "Ed foi chamado a Washington, D.C., para trabalhar no Escritório de Minas. A Segunda Guerra já estava bastante adiantada, e o governo dos EUA procurava pessoas para ajudar na busca de minerais de que precisava para os esforços de guerra". Helen também conseguiu emprego quase que imediatamente para lecionar ciências e depois química. "Com tantos homens no exército", diz Helen, "de repente começou a haver procura de mulheres com conhecimento de ciências".

Após a guerra, Helen e Ed viveram alguns anos no Estado de Nova York, onde seus filhos Ann e Ned nasceram, e depois se mudaram para Cleveland, Ohio. Naquela cidade, Ed tornou-se geólogo-chefe da Republic Steel Corporation. Com o passar dos anos, ele viajou mais de 805 mil quilômetros à procura de minerais para a empresa na América do Sul, na África, no Oriente Médio e no Extremo Oriente.

"Quando nossos filhos estavam crescidos o bastante para eu poder me ausentar por certo tempo", conta Helen, "comecei a viajar com meu marido". Acabou visitando todos os países da América do Sul, bem como China, Japão, Rússia e partes da Europa.

Após a morte de Ed, em 1989, Helen continuou morando em Cleveland até 2001, quando se mudou para Kendal, em Oberlin. O sistema de saúde da comunidade cuidará dela pelo resto da vida, embora ela pareça ter ainda muito vigor para precisar desses cuidados em um futuro próximo.

Ao olhar para trás, para quase um século de vida, Helen sente-se satisfeita por ter vivido na época em que viveu. "Tivemos de trabalhar muito para conseguir o que conseguimos", diz Helen, "e éramos felizes assim. Não ficávamos esperando que alguém nos desse o que precisávamos". Helen também acredita piamente que deve "tratar os outros da maneira que quero ser tratada. Sempre procuro me perguntar se o que vou fazer ou dizer vai ofender alguém. Você sabe, 'faça aos outros' é uma forma poderosamente salutar de encarar a vida – para os países e para as pessoas. Se pudéssemos viver dessa forma, seríamos todos muito melhores". – *Robert Taylor*

Helen Fitzhugh

SUPERVISOR DE JARDINAGEM PAISAGÍSTICA – FAZENDO A COISA CERTA

"Permitam-me falar sobre o sonho americano", diz **Reymundo Govea**, 34 anos. "É a oportunidade que tive de trabalhar, me formar, mostrar meu valor, casar, comprar uma casa e morar em uma nação livre."

Reymundo tinha 14 anos quando seu tio o incentivou a deixar sua cidade natal de San Joaquin, no México, na época com apenas 40 habitantes, e se mudar para Houston, no Texas, para estudar. A mudança também uniria novamente Reymundo e seu pai, que estava em Houston trabalhando para sustentar a mulher e os quatro filhos em San Joaquin. Reymundo obteve um visto temporário para visitar Houston, decidiu ficar e entrou na 6ª série. Ele não falava inglês.

"Muito embora tenha lutado com a língua, tudo correu bem na escola por cerca de oito meses", conta. Mas Reymundo descobriu que gostava de ter dinheiro para si próprio e para enviar para casa, portanto, abandonou a escola para trabalhar em restaurantes em Houston. Cerca de um ano depois, um primo que trabalhava em Baltimore (Maryland) para o The Brickman Group, empresa que presta serviços paisagísticos em todo o país, convenceu Reymundo, então com 16 anos, a ir para Baltimore. Reymundo economizou dinheiro e comprou uma passagem aérea.

"Quando meu primo me levou para a Brickman para me candidatar a um emprego, disse a eles que tinha 18 anos porque eu realmente queria trabalhar lá", diz. Era 1986, e os únicos documentos necessários para uma contratação eram uma carteira de identidade e um cartão da previdência social, que Reymundo havia obtido no Texas. Ele foi contratado e designado para uma equipe responsável por cortar a grama de um grande condomínio de apartamentos.

Reymundo nunca se esquecerá de seu primeiro dia de trabalho. O condomínio de apartamentos era maior do que tudo que já havia visto, e todos os prédios, ruas e gramados pareciam iguais. Foi instruído onde deveria cortar a grama e onde deveria se encontrar com o resto da equipe quando terminasse. "Cortei a

grama de um prédio, depois de outro e de outro e então percebi que estava perdido. Larguei o cortador e comecei a andar, na esperança de encontrar minha equipe. No fim estávamos todos juntos, mas ainda restava encontrar o cortador."

O primeiro supervisor de Reymundo era exigente e rigoroso: "Ele me ensinou a cortar, aparar, rastrear e plantar e a fazer tudo isso bem feito. Eu tinha de voltar e corrigir tudo que tivesse feito errado."

Reymundo estava determinado a aprender o máximo possível para que pudesse progredir, e alguns anos mais tarde seu trabalho duro foi recompensado. Ele teve a chance de supervisionar uma equipe de trabalho. "Fiquei animado com a promoção", relembra, "mas tive então de admitir que havia mentido sobre minha idade quando fui contratado. Sei que não deveria ter mentido, mas precisava do emprego para ajudar minha família". Nessa altura ele já tinha 18 anos, e a empresa concordou em mantê-lo no emprego, mas exigiu que obtivesse uma autorização de trabalho e uma carteira de motorista, e foi o que ele fez. Também começou a trabalhar para obter seu "green card" (para estabelecer residência permanente nos Estados Unidos) e a cidadania americana, que recebeu em 1995.

Durante seus primeiros anos em Baltimore, Reymundo trabalhou durante o dia na Brickman e estudou inglês à noite. Foi difícil, mas sabia que tinha de aprender a língua para progredir. E assim foi. Cerca de cinco anos depois de se perder no condomínio de apartamentos, Reymundo tornou-se supervisor de manutenção da Brickman, responsável pela supervisão de seis equipes de cinco a seis homens cada uma, a maioria deles jovens hispânicos que também ansiavam por uma chance de mostrar seu valor. Seu conselho para eles é o mesmo que recebeu: "Vocês podem ter sucesso se forem disciplinados e tiverem disposição para fazer o que for necessário para um trabalho bem feito."

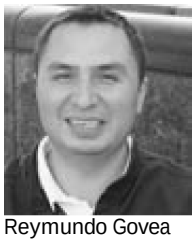
Reymundo acredita que a maioria dos problemas morais e éticos no trabalho pode ser evitada "desde que eu diga às minhas equipes o que espero delas profissional e pessoalmente, e o que acontecerá se quebrarem a confiança. Felizmente, tive pouquíssimos problemas desse tipo." Não há dúvida de que Reymundo gosta de seu trabalho: "Este é o melhor emprego. Saio para trabalhar lá fora com os garotos e com os gerentes e tenho orgulho do que fazemos."

Reymundo está na Brickman há 18 anos e é considerado um funcionário excepcional. Mark Lucas, gerente da divisão de Baltimore do grupo, diz: "Reymundo apóia as pessoas; ele é ético, dedicado, trabalha duro, e é uma alegria tê-lo por perto." Reymundo aparece nos vídeos de treinamento da Brickman e quase sempre fala para grupos de funcionários sobre sua vida. "Lembro as pessoas para não subestimarem os extraordinários privilégios que temos neste país", diz.

Muito mudou em 20 anos, desde que Reymundo imigrou para os Estados Unidos. "A tecnologia é a maior mudança, e levou um tempo até que eu me acostumasse com os computadores", diz. "Também há hoje pessoas que falam espanhol em todo lugar, assim como muitas lojas de hispânicos."

Reymundo é casado e tem um enteado. Sempre que pode, aconselha os jovens a "estudar; se vocês derem duro, podem se tornar alguma coisa". Quando não está trabalhando ou assistindo a um jogo de futebol americano do Baltimore Ravens, Reymundo ajuda seus vizinhos, muitos deles mais velhos, com seus projetos paisagísticos e com o trabalho de jardinagem.

Há cerca de 10 anos, Reymundo trouxe a mãe e os irmãos para viver em Baltimore. "Minha família e minha fé são as coisas mais importantes da minha vida", diz. – *Cathy Lickteig Makofski*


Reymundo Govea

REGENTE DE ORQUESTRA – EQUILÍBRIO ENTRE LIBERDADE E RESPONSABILIDADE

De ascendência nipo-americana e nascido em Honolulu, no Havaí, **Michael Jinbo** tornou-se figura de destaque da música clássica americana. É diretor musical da Escola Pierre Monteux de Maestros e Músicos de Orquestra, em Hancock, no Maine, e regente da Orquestra Sinfônica Nittany Valley, em State College, na Pensilvânia.

Os bisavós de Michael deixaram o Japão e foram para o Havaí no final do século 19. Sucessivas gerações de sua família viveram em um Havaí que foi monarquia até 1893, tornou-se território dos Estados Unidos em 1900 e foi admitido na União como o 50º Estado em 1959. A elevação a Estado ocorreu apenas três anos após o nascimento de Michael, em maio de 1956, de modo que ele sempre se julgou cidadão americano, embora outros não tivessem essa certeza. Michael foi a um festival de música na Califórnia quando cursava o ensino médio, e várias pessoas lhe perguntaram se aquela era a sua primeira visita aos Estados Unidos. "Eu não gostei muito daquilo", recorda Michael.

Seu interesse pela música começou quando ainda cursava o ensino fundamental. "Freqüentei a escola pública quando criança", diz Michael, "e na quinta série fizemos um teste de aptidão musical para avaliar nossa percepção de tom e ritmo. Com base nesse teste, foi oferecida a alguns estudantes a oportunidade de estudar um instrumento de cordas em 'aulas de cordas' em grupo, na sexta série. Lembro que soube imediatamente que era aquilo que eu queria fazer, embora não tivesse tido contato com a música clássica em casa. A idéia de tocar violino me atraiu".

Michael continuou com suas aulas de cordas na escola pública na sexta e na sétima séries e depois passou a ter aulas particulares de violino, na oitava série. "Embora fosse um 'iniciante tardio' para um músico de cordas", diz Michael, "fiz progressos rápidos e tornei-me um dos melhores violinistas da minha faixa etária no Havaí. Acabei sendo o primeiro violino da Sinfônica Jovem e da Orquestra All-

State do Havaí. Como vencedor de um concurso de concerto, fiz uma apresentação solo com a Sinfônica de Honolulu no último ano do ensino médio".

Depois de ter se formado no ensino médio como o melhor aluno da turma, foi aceito em cinco universidades importantes. Terminou escolhendo a Universidade de Chicago "pelos benefícios que oferecia", diz Michael. "Considerando-se a qualidade do ensino, o seu custo e o montante dos benefícios oferecidos, a Universidade de Chicago acabou sendo a escola que minha família pôde bancar, mesmo assim com grande sacrifício financeiro".

Michael foi o primeiro violino da orquestra universitário-comunitária nos quatro anos em que cursou a universidade e no último ano começou a reger. "Uma amiga me ofereceu uma pequena orquestra jovem que não lhe interessava mais reger", diz Michael. "Era um emprego de meio período. Fiz o curso de regência oferecido pela universidade, tive algumas oportunidades de reger como convidado e organizei alguns concertos por conta própria". Após obter o bacharelado em música pela Universidade de Chicago e o mestrado em regência pela Escola de Música da Universidade Northwestern, Michael freqüentou pela primeira vez a Escola Pierre Monteux no verão de 1983. (Monteux, um dos maiores maestros do século 20, nascido na França e naturalizado cidadão americano em 1942, fundou um curso de verão em 1943, o qual ainda atrai ao Maine maestros e músicos de orquestra de todas as partes do mundo. Quando Michael passou a freqüentar a escola, ela estava sob a direção de Charles Bruck, que foi aluno de Monteux em Paris e assumiu após sua morte, em 1964).

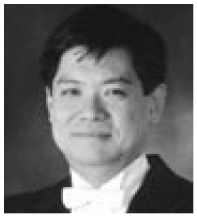
A carreira de Michael Jinbo desenvolveu-se rapidamente. "Em 1990", diz ele, "ofereceram-me o cargo de diretor musical e regente da Sinfônica Nittany Valley, na Pensilvânia. Por não ser um trabalho em tempo integral, continuei a morar em Chicago e viajava quando necessário. Continuei também a trabalhar como violinista freelance em Chicago. Alguns anos mais tarde, venci um concurso para regente assistente da Sinfônica da Carolina do Norte. Por fim, nos meados dos meus 30 anos, estava trabalhando como regente em tempo integral".

Além disso, Michael continuou a ir ao Maine a cada verão para estudar com Bruck na Escola Monteux, tornando-se finalmente seu assistente. Quando Bruck faleceu, no verão de 1995, no meio do curso de seis semanas, Michael assumiu as aulas, terminou o curso e logo depois foi nomeado diretor musical pelo conselho de curadores da escola. Demitiu-se da Sinfônica da Carolina do Norte, mas está atualmente em sua 15ª temporada com a Sinfônica Nittany Valley e comemorará seu 10º aniversário como diretor musical da Escola Monteux no verão de 2005.

O sucesso de Michael tem sido a prova do que ele acredita ser o sonho americano: "Este é um país que nos oferece liberdade para ser e fazer o que quisermos, contanto que aceitemos a responsabilidade e os limites que devem coexistir com essa liberdade."

Michael percebe, entretanto, como as coisas estão mudando. "Não apenas o nosso país, mas o mundo inteiro parece agora se mover muito mais rapidamente e ser muito mais complicado", diz Michael. "Sinto que, como americanos, não somos vistos da maneira que costumávamos ser pelo resto do mundo, nem nos vemos da mesma maneira também. Existem muitos ressentimentos e antagonismos entre tipos diferentes de pessoas, o que acho muito triste".

Mas ele permanece esperançoso. "Podemos reconquistar nosso sentido de nós mesmos", diz, "se apenas seguirmos estas poucas e simples regras: faça o melhor que puder, tente sempre pensar o melhor das outras pessoas e aprenda a ser flexível. Talvez esta última seja a mais difícil de todas". – *Robert Taylor*


Michael Jinbo

EMPRESÁRIO INTERNACIONAL – GESTÃO DE RISCOS

Stephen Johnson, que mora em Cingapura há 13 anos, atualmente é diretor do Asiawerks Global Investment Group. Steve tem origem familiar ímpar, assim como uma história de vida intrigante. Nasceu no Estado de Michigan. Seu pai é ameríndio puro da tribo dos saginaws chippewas, e sua mãe é de ascendência polonesa católica e russo-judaica. Seus pais se conheceram quando estudavam na Universidade de Michigan.

Já na adolescência, o talento de Steve para o futebol americano e seu excelente histórico acadêmico no ensino médio chamaram a atenção de "olheiros" de várias universidades da Ivy League, inclusive da Universidade da Pensilvânia, na Filadélfia, onde jogou e foi capitão do time de futebol americano, além de continuar os estudos. A Universidade da Pensilvânia, onde fez o curso de finanças da Escola Wharton, deu a Steve uma formação mais que acadêmica. Conforme ele mesmo diz: "Foi lá que aprendi muitas lições, a maioria delas fora da sala de aula. Ela [a universidade] era um caldeirão cultural com pessoas de todas as classes sociais, incentivando umas às outras para conseguir grandes realizações".

Steve também aprendeu o valor do trabalho árduo fora da sala de aula. Durante a maioria dos meses das férias de verão, em seus anos de faculdade, trabalhou na construção civil seis dias por semana e até 12 horas por dia. Apaixonado por aventura e viagem, passou um verão da época de faculdade no Reino Unido, como participante de programa de intercâmbio com autorização para trabalhar. Steve fora para Londres sem emprego garantido nem lugar definitivo para ficar, achando que seria fácil encontrar empregos e acomodações. Descobriu, entretanto, que não era bem assim e teve de procurar por muito tempo até encontrar uma vaga de barman em um bar de South Kensington, chamado Anglesea Arms. Mas ele não se contentou só com isso; perseverou até que acabou encontrando um emprego relacionado com finanças. Trabalhava em finanças durante o dia, mas continuou

trabalhando de barman três noites por semana, porque gostava de se expor ao convívio com os habitantes locais e com a vida britânica. Segundo Steve, o emprego o ajudou a lançar as bases de sua vitoriosa carreira de empresário, e a temporada em Londres estimulou seu eterno interesse por culturas e povos estrangeiros.

A maior parte da carreira de Steve foi passada nas áreas arriscadas e desafiantes – porém altamente interessantes e recompensadoras – de negociação de derivativos de câmbio e gestão de riscos. Como ele ressalta: "As taxas de câmbio tendem a ser o primeiro indicador do impacto dos eventos mundiais, portanto é fascinante ir para o emprego e encontrar um trabalho diferente a cada dia".

O trabalho de Steve também lhe deu a oportunidade de fazer muitas viagens pela Ásia e conhecer os diferentes povos e culturas do continente. Ele afirma ter sido pessoal e profissionalmente gratificante adquirir conhecimentos profundos sobre culturas estrangeiras que só podem ser obtidos com longo tempo de contato e observação com a mente aberta. Em sua opinião, os americanos que viajam pouco – ou nunca viajaram – para o exterior costumam ter uma visão excessivamente centrada nos Estados Unidos e se beneficiariam de maior contato direto com culturas diferentes. Da mesma forma, Steve constatou que o tempo vivido no exterior possibilitou-lhe ter uma percepção mais objetiva de seu próprio país do que teria tido se vivesse a vida inteira nos Estados Unidos.

No entanto, os muitos anos no exterior não diminuíram sua admiração pelos Estados Unidos nem seu orgulho pela herança indígena. Ele voou de Cingapura para Washington, D.C., para participar da abertura do Museu Nacional do Índio Americano em setembro de 2004. Estar presente nessa cerimônia e poder caminhar pelo National Mall em Washington com dezenas de milhares de índios em trajes tradicionais foi uma experiência que lhe causou profunda emoção. Como muitas pessoas de origem ameríndia, Steve tem profunda consciência das injustiças cometidas ao longo da história contra os povos indígenas dos EUA e acredita que a inauguração do Museu Nacional do Índio Americano significa finalmente o devido reconhecimento aos primeiros colonizadores da nação e às inúmeras contribuições que os índios têm feito em todos os aspectos da vida e da cultura americana. – *Steven M. Lauterbach*

Stephen Johnson

DIRETORA DE CORAL, REDATORA, ETC. – FIDELIDADE A SI MESMA

"Minha ambição inicial na vida era experimentar tudo que achasse interessante e instigante, viajar muito e estudar pessoas, bem como lembrar que ter sucesso significa apenas levantar-se uma vez a mais do que o número de quedas", conta **Anne Korff** do *Newport News* de Virgínia. Embora na sua modéstia afirme "Ainda sou uma obra em construção", na verdade, ela realizou com grande sucesso o que sempre almejou.

Anne experimentou de tudo em sua vida profissional, desde servir na Marinha dos EUA e cantar em clube noturno, a apresentar programas de culinária e de previsão do tempo na televisão. Viúva duas vezes ainda jovem, ela criou cinco filhos trabalhando em dois empregos. Quando possível, levava as crianças com ela para seu segundo emprego, colocando-as para dormir no camarim do clube noturno ou sob o balcão da agência de aluguel de automóveis no aeroporto.

Em meados de sua sétima década de vida e casada com um oficial da Força Aérea aposentado, Anne está mais ocupada do que nunca – dirige um coral feminino de 32 vozes (fundado por ela), viaja e lidera excursões para a Escócia, escreve artigos para revistas e boletins informativos e faz trabalho voluntário na igreja, num centro da natureza e em várias organizações civis e militares. "Quero me exaurir, não enferrujar", graceja.

Anne cresceu em Savannah, Geórgia, no coração do sul dos Estados Unidos. Seus avós maternos vieram do Leste Europeu por volta de 1900 e se conheceram e casaram aqui. Seu pai escocês vinha com freqüência para os Estados Unidos com um grupo de músicos e estabeleceu-se na Geórgia quando faltou dinheiro para regressar à terra natal. Durante a infância de Anne, seu pai viajava por todo o sul apresentando-se em espetáculos de variedades.

Não podendo pagar a faculdade na juventude, Anne ingressou na Marinha em 1950, durante a guerra da Coréia. "Eu queria realmente servir o meu país, porque tinha medo de perder nossa

liberdade caso as pessoas não lutassem por isso", lembra. "Era também uma oportunidade para ampliar minha instrução."

Naquela época, não era permitido às mulheres da Marinha ir ao mar, conta Anne, mas "pela primeira vez na vida de muitas mulheres, nosso pagamento era igual aos dos homens que faziam o mesmo serviço". A atitude dos civis nem sempre era favorável, acrescenta. "Eles nos consideravam caçadoras de marido e mulheres de moral duvidosa. Na verdade, éramos controladas com muita rigidez. Tínhamos de viver na caserna, havia toque de recolher e lugares em nossos alojamentos onde os homens não podiam entrar. Era como se estivéssemos em um convento."

Depois de três anos e meio de serviço ativo em diversas bases militares, da Flórida a Pearl Harbor, Anne deixou a Marinha e cursou a faculdade, beneficiada pela lei conhecida como GI Bill que prevê estudo gratuito para veteranos do serviço militar. Trabalhando em regime integral enquanto estudava, houve ocasião em que dirigia uma hora de Savannah até a faculdade para assistir aula às 6 da manhã, voltando a tempo de entrar no serviço às 9 horas.

Formada em jornalismo e psicologia, Anne foi editora, redatora, assessora de imprensa de políticos, redatora de publicidade e conhecida apresentadora de programas de rádio e TV. "Penso que meu melhor trabalho foi como diretora de promoção de vendas de uma cadeia de shopping centers, pois tinha de utilizar toda a minha experiência", afirma. "Ajudava na abertura de shopping centers e criava o programa de relações públicas, participava semanalmente de programas de rádio e TV, escrevia colunas de jornais e fazia apresentações para grupos comunitários".

Entre as grandes mudanças na vida americana testemunhadas por Anne, ela cita "as oportunidades surgidas para as mulheres, oportunidades essas que não existiam anteriormente, e a percepção pública de que o papel das mulheres na sociedade não se resume a cuidar da prole". Mas observa que as mudanças tiveram seu preço. "As mulheres já não cuidam tanto da prole porque não têm tempo para curtir seus filhos." E como as americanas têm se empenhado na tentativa de harmonizar carreira profissional e família, "as pessoas se tornaram menos educadas e menos corteses na comunicação do dia-a-dia".

Anne também vê diferença entre o sonho americano típico de total liberdade e independência pessoal e o sonho americano possível, que na opinião dela deve envolver consciência social. "Por exemplo, uma mulher pode sair e conseguir um trabalho de responsabilidade, recebendo o salário desejado, porque antes dela outras mulheres forçaram, pressionaram e conseguiram mudanças nos locais de trabalho e na legislação. Todos somos responsáveis por criar agora o ambiente para aqueles que virão depois de nós".

Pessoa profundamente religiosa, Anne afirma que sua fé em Deus é a coisa mais importante em sua vida. Quando precisa tomar uma decisão de caráter moral, "a primeira coisa que faço é pedir a Deus que me ajude a ver o que é certo".

Para a próxima geração Anne aconselha: "Seja fiel a você mesma. É preciso se olhar no espelho todos os dias. Você saberá se está traindo suas crenças básicas, se sua vida é uma mentira ou se está sendo cruel com os outros. Seja, simplesmente, fiel a você mesma". – *Phyllis McIntosh*

Anne Korff

ATOR – COM OS PÉS NO CHÃO

Em uma videoconferência digital internacional em novembro passado, um participante de Minsk perguntou ao ator americano de 16 anos **Haley Joel Osment** se tinha carteira de motorista e, no caso, que tipo de carro ele dirigia. Osment respondeu que dirigia "o carro da família, um Saturn, um ótimo carro fabricado nos Estados Unidos". Sua resposta corresponde ao retrato que surge na entrevista de um profissional jovem que obteve sucesso extraordinário desde o momento em que se deparou com uma câmera.

Osment tinha 4 anos quando persuadiu sua mãe a deixá-lo participar de um teste para um comercial da Pizza Hut. (Não deve ter sido tão difícil persuadi-la, pois o pai de Haley era ator profissional.) Osment conseguiu o emprego e, pouco tempo depois, obteve seu primeiro papel, como filho de Forrest Gump em um filme que foi sucesso de crítica e de público.

O sucesso precoce e extraordinário conseguido por Osment na indústria cinematográfica pode ser a receita para um desastre pessoal. A fama, a segurança financeira e a vida dentro da bolha de Hollywood nem sempre contribuem para o desenvolvimento de um indivíduo maduro e centrado. Mas Osment parece determinado, com a ajuda de seus pais, a ter essas qualidades. Embora tenha aulas particulares quando está filmando, freqüenta a escola de ensino médio onde mora, em Los Angeles, no restante do tempo. Pratica esportes. Sai com os amigos "que não levam muito a sério minha vida de ator. (...) Isso não tem papel muito importante em nossa amizade". É um membro ativo do departamento de teatro da escola, que atualmente se dedica ao "Projeto Laramie". Quando se formar, pretende fazer faculdade. Vai estudar cinema, é claro, mas também pretende estudar história e política.

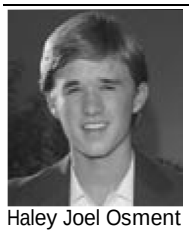
Em entrevista de uma hora com estudantes de Belarus que falam inglês, era previsível a atitude de Osment diante das câmeras – afinal de contas, ele é ator –, mas não necessariamente sua capacidade de discorrer sobre a profissão a que se dedicou. Osment reconhece que tem sorte: "Quando seu trabalho é a arte", disse ele, "não se pode dizer que você trabalha". E isso ocorre porque você gosta muito do que faz,

continuou. Segundo ele, atuar é transformar-se em outra pessoa e acreditar nisso. "A melhor parte da profissão de ator é a transformação em outra pessoa", declarou aos estudantes de Minsk. "Essa é a verdadeira essência da arte de encenar, é acreditar que você é outro que não você mesmo". Não por coincidência, para Osment, o mais difícil é acreditar "no que seu personagem está vivendo". Se conseguir, dá certo, você acaba criando o que ele descreveu como "uma realidade alternativa".

Um participante perguntou por que tantos atores parecem se destruir ou desaparecer após terem feito grande sucesso como atores infantis. Osment parece estar consciente desse perigo e o converteu em desafio. Sua meta, afirmou, é continuar a melhorar seu desempenho. Cada vez que encarna um personagem, tenta melhorar a maneira de representar, baseado no que fez anteriormente e aprofundando sua arte à medida que passa de um papel a outro. Tendo feito tantos papéis infantis, ele está ansioso por algum dia representar um "vilão".

Quanto à fama decorrente do sucesso na indústria cinematográfica, Osment disse a seus interlocutores em Minsk que um ator deveria primeiramente respeitar seus fãs. "Sem o apoio deles, você não estaria trabalhando", afirmou. Ainda assim, reconhece que o fato de ser uma celebridade pode desviar a atenção daquilo que realmente importa, que é o trabalho e a arte de representar. Parece que ele é sincero e sabe o que está falando quando diz que o que interessa na representação cinematográfica é "o trabalho no estúdio".

Se é que existe equilíbrio na vida de um ator jovem e famoso, Haley Joel Osment parece estar próximo de consegui-lo. De um modo ou de outro, o futuro dele é o cinema. Segundo declarou, embora vá continuar a representar, após a faculdade pretende explorar outros aspectos do cinema, como escrever e dirigir. Nesse meio tempo, continuará a trabalhar, estudar e tocar rock com alguns amigos. Parece bem provável que, enquanto faz tudo isso, mantenha os pés bem fincados no chão. – *Mark Jacobs*


Haley Joel Osment

MILITAR E ESTADISTA – VITÓRIA DIANTE DE DESAFIOS

Quando **Colin Powell** conta a história da sua vida, em geral a descreve como a típica história americana de um garoto comum que superou obstáculos para emergir da obscuridade à proeminência. Entretanto, está claro que Powell é um homem extraordinário que vem desempenhando um importante papel em inúmeros acontecimentos memoráveis do nosso tempo. Mas, certamente, a questão não é solucionar esse paradoxo, e sim reconhecer que a trajetória de sua vida é um clássico conto americano – e, ao mesmo tempo, a história ímpar de um indivíduo notável.

"A minha história é a de um garoto negro, sem expectativas, oriundo de uma família de imigrantes de recursos limitados", escreveu Powell em sua autobiografia, *Minha Jornada Americana*. "É uma história de serviços às atividades militares. É uma história sobre as pessoas que me ajudaram a ser o que sou. É uma história sobre os benefícios que aproveitei das oportunidades criadas com o esforço daqueles que me antecederam e talvez em benefício daqueles que estão por vir."

Powell nunca esqueceu as lutas e as oportunidades da sua juventude. Nos anos 1990, depois de deixar o serviço do governo pela primeira vez, foi presidente fundador da Promessa da América – Aliança para a Juventude. Como secretário de Estado, viajou inúmeras vezes ao exterior para se reunir com jovens e falar-lhes das esperanças e dos desafios que enfrentam na condição de líderes da geração futura.

Em 2004, durante o acampamento internacional da organização Sementes da Paz, Powell disse: "Em todos os meus encontros com jovens conversamos sobre famílias, acontecimentos, sonhos e esperanças, medos e dúvidas, e saímos de todas essas conversas mais enriquecidos em termos de conhecimento do nosso semelhante... Quando as pessoas compartilham as idéias e os sentimentos que as tornam humanas, a paz tem uma chance de criar raízes em seus corações."

Colin Luther Powell nasceu em 1937 e cresceu em meio à diversidade étnica e religiosa dos arredores da Rua Kelly, em South Bronx, cidade de Nova York. Seus pais eram imigrantes jamaicanos que impunham elevadas regras e prezavam a educação. Porém, segundo seu próprio relato, o jovem Colin não tinha nenhum foco ou diretriz. "Eu ainda não me sobressaia em nada", escreveu ele em sua autobiografia. "Era o 'bom garoto', o 'bom trabalhador', nada mais." A mudança se deu quando ingressou na Faculdade Municipal de Nova York – onde se graduou em geologia – e descobriu sua vocação e sua carreira ao entrar para a Subdivisão de Treinamento de Oficiais da Reserva (ROTC). Powell ascendeu na estrutura e na disciplina militar – tornou-se comandante da equipe de exercícios de precisão da unidade – e, em 1958, foi nomeado segundo-tenente do Exército Americano.

Powell esteve em duas missões de combate no Vietnã, foi ferido duas vezes em ação, e mais tarde comandou tropas na Coréia, na Alemanha e nos Estados Unidos. Também obteve o grau de mestre em administração de empresas e conquistou uma bolsa de estudos da Casa Branca. "Eu cresci e escolhi a vida militar", escreveu Powell anos depois. "Perdi grandes amigos na guerra. Mais tarde, comandei homens e mulheres jovens dispostos ao sacrifício por nosso país, alguns nunca voltaram. Não há um dia em que não pense neles".

Em 1986, o então tenente-general Colin Powell fez parte do governo Reagan; um ano depois, quando coordenava as reuniões de cúpula com o presidente soviético Mikhail Gobarchev, que fizeram história, foi nomeado pelo presidente Ronald Reagan como seu conselheiro para assuntos de segurança nacional. Em seguida, foi chefe do Estado-Maior das Forças Armadas no governo do primeiro presidente George Bush, na época em que os Estados Unidos lideravam uma coalizão internacional para libertar o Kuwait de Saddan Hussein na Operação Tempestade no Deserto. Colin aposentou-se da carreira militar em 1993 como uma das figuras públicas mais respeitadas.

A unidade política e a força militar ajudaram o Ocidente a conter a União Soviética, disse Powell, mas foi o poder das idéias que pôs fim à Guerra Fria e levou a democracia à Europa Ocidental e à antiga União Soviética. "O poder da liberdade do povo, o poder da liberdade

individual... essas são forças poderosas que transformaram o mundo da Guerra Fria no mundo que temos hoje... Acredito que essas forças são irrefutáveis, observou Powell".

Como secretário de Estado de 2001 a 2005, Colin Powell conduziu a diplomacia americana em uma época de novos e constantes desafios jamais vistos: liderando uma coalizão global na guerra contra o terrorismo, ajudando a estabelecer democracias emergentes no Afeganistão e no Iraque, apoiando a expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte, atendendo ao desafio da pandemia da Aids, trabalhando por uma paz justa e equilibrada no Oriente Médio e defendendo o aumento da liberdade e das oportunidades econômicas no mundo todo.

Em vários aspectos, Colin Powell seguiu os passos de outro grande soldado e estadista americano, George Marshall, que liderou o exército dos Estados Unidos durante a II Guerra Mundial e depois, como secretário de Estado, criou o Plano Marshall para ajudar a recuperar a Europa e a conquistar a paz.

"George C. Marshall é meu herói pessoal", declarou Powell ao receber o Prêmio Fundação Marshall em 2003. "Seu retrato está pendurado na parede do meu escritório. Quando estou no escritório e tenho de lidar com problemas muito difíceis, olho diretamente para o retrato de George.

Em 1962, Powell casou-se com Alma Johnson, e com ela tem um filho, Michael, duas filhas, Linda e Anne, e dois netos. Desde 1970, seu passatempo favorito para fugir às pressões do trabalho é consertar modelos mais velhos de carros Volvo. Como disse recentemente a estudantes em uma escola de Berlin, "é muito relaxante trabalhar nos meus carros porque ao contrário dos problemas políticos, quando meu carro não dá partida, posso descobrir rapidamente qual é o problema".

Em 2004, Colin Powell relembrou os valores duradouros que moldaram sua vida ao discursar na Fundação Nacional Ítalo-Americana: "A qualquer parte do mundo que vá, carrego no meu íntimo esse garoto da Rua Kelly – o espírito de uma nação unida em sua diversidade, a união de todos no sentido humanitário e tão cheia de possibilidades. Esse espírito democrático tem sido sempre a maior força do nosso país e continua a ser nossa maior esperança.... E que esse espírito generoso continue a ser o nosso maior presente para o mundo." - *Howard Cincotta*

Colin Powell

TRATADOR DE GUEPARDOS – VIVENDO UM SONHO

Muitas crianças americanas crescem amando os animais e sonhando em um dia trabalhar com eles. Mas **Craig Saffoe**, de Falls Church, Virgínia, é uma daquelas poucas pessoas de sorte que transformaram a fantasia infantil em uma carreira fascinante e recompensadora. Na verdade, ele teve apenas um emprego em sua vida adulta – cuidar de guepardos no Zoológico Nacional em Washington, D.C. Agora, aos 30 anos, é chefe dos tratadores de guepardos, cuidando de nove dos felinos em risco de extinção (inclusive quatro filhotes recém-nascidos) com a ajuda de três funcionários.

Craig cresceu em Fayetteville, Carolina do Norte, filho de um oficial de carreira do Exército, Carl Saffoe, que morreu quando Craig tinha apenas seis anos. Ele e as duas irmãs mais velhas foram criados pela mãe, professora. Afro-americano, Craig tem raízes também na Europa. Sua bisavó materna veio da Noruega para os Estados Unidos no início dos anos 1900.

Após terminar o ensino médio, Craig se matriculou no programa de ciência animal da Universidade Estadual da Carolina do Norte com a intenção de ser veterinário. Na universidade, um mentor "ajudou-me a entender que eu estava mais interessado em comportamento animal do que em medicina animal e sugeriu a idéia do trabalho em zoológico", lembra Craig. Com o incentivo do professor, Craig se inscreveu e foi aceito para um estágio no Zoológico Nacional, que acabara de inaugurar um novo setor de exposição de guepardos. Ele havia escrito de maneira tão convincente sobre seu interesse em guepardos que o curador do zoológico indicou Craig para trabalhar com o biólogo responsável por esses animais. "Essa foi minha apresentação aos guepardos e desde o primeiro dia me apaixonei por eles", disse Craig.

Os desafios de cuidar dos maravilhosos guepardos – os animais terrestres mais rápidos do planeta – vão muito além dos cuidados dispensados e da alimentação. "Eles são suscetíveis a doenças que literalmente podem pôr em risco suas vidas em uma ou duas semanas", diz Craig. "Sendo assim, nós os pesamos

toda semana e não todo mês, como ocorre com a maioria dos animais de zoológico. Prestamos especial atenção à quantidade de água que bebem e à quantidade de alimentos que consomem por dia. São animais que exigem muita atenção. Guepardos têm grande dificuldade para procriar em cativeiro, de modo que estamos sempre em comunicação com zoológicos do mundo inteiro para trocar informações sobre estratégias de reprodução".

Craig ama seu trabalho porque "sinto que sou útil ao educar pessoas aqui nos Estados Unidos sobre guepardos e os problemas que enfrentam na vida selvagem. Além disso, é difícil ter um mau dia no trabalho quando se lida com animais tão bonitos como esses".

A liberdade de escolher o caminho na vida é a versão de Craig para o sonho americano. "Não preciso de muito dinheiro para ser feliz. Quero poder ir trabalhar todo dia e me divertir". Solteiro, ele diz viver modestamente, "mas isso é uma escolha que fiz, não algo que fui forçado a fazer. Os Estados Unidos são um dos poucos lugares onde a pessoa pode escolher seu destino e eu valorizo ter tido essa oportunidade".

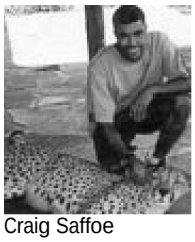
As influências norteadoras mais importantes na vida de Craig são "as lembranças de meu pai e o ideal que ele representa para mim. Como me pai, que era muito respeitado pelos seus colegas soldados, quero ser respeitado pelos meus colegas e no campo da zoologia, não apenas como um tratador de animais, mas como um reconhecido especialista em guepardos".

Craig diz que seus valores foram adquiridos pela educação dada por sua mãe e pela maneira como vê seu pai. "Quando me deparo com uma decisão moral, geralmente penso o que Carl Saffoe faria se estivesse nessa situação". A espiritualidade também tem seu papel. "Passei muito tempo pesquisando diferentes religiões, tento usar partes de cada uma delas com as quais concordo e tomo decisões com base nas coisas que acho que qualquer Deus consideraria certas", diz.

Embora ainda jovem, Craig vê muitas mudanças significativas nos EUA desde que era criança. Não há mais o medo paralisante de uma guerra nuclear do início dos anos 1980. Ele acredita também que há mais igualdade agora – nas famílias onde os pais dividem as tarefas de ganhar a vida e educar os filhos e nas relações entre negros e brancos.

"Poucas pessoas na minha idade foram criadas com a mentalidade de que as raças deveriam ser mantidas separadas", diz Craig. "Sinto que sou mais aceito do que rejeitado por causa da cor da minha pele. Acho que melhoramos a forma como tratamos uns aos outros".

Se Craig Saffoe algum dia for pai, espera ensinar a seus filhos a importância da tolerância –"não apenas para com pessoas com outros antecedentes étnicos e históricos, mas para com aqueles que pensam de maneira diferente. Aconselharia [os filhos] que ao se manterem tolerantes e humildes, mais pessoas os respeitarão durante toda sua vida". – *Phyllis McIntosh*


Craig Saffoe

MINISTRA ORDENADA – FAZENDO HISTÓRIA

Ela passa os olhos pela placa de bronze no vestíbulo da igreja: duas colunas e meia de nomes, 99 no total, todos eles de pastores da Igreja Metodista Unida St. John, desde sua fundação em Augusta, na Geórgia, em 1798. Ela reconhece muitos desses nomes, gigantes da história do Metodismo do sul. Cinco deles se tornaram bispos. Na verdade, um desses bispos ocasionou a separação dos metodistas do sul dos seus irmãos do norte em 1844; sua esposa tinha herdado um escravo negro e os metodistas do norte não podiam tolerar que um bispo fosse proprietário de escravos. Daí que um ex-pastor da St. John se tornou o agente de um cisma eclesiástico que prefigurou a divisão sangrenta dos EUA – a Guerra Civil – com 17 anos de antecedência.

Agora, 160 anos depois, em junho de 2004, seu nome seria acrescentado à placa: **Renea Slater**. Em pé no santuário, pela primeira vez como pastora ordenada, a 100ª pessoa a ocupar esse cargo na St. John, observando as janelas de vitrais seculares, os longos bancos, a nave, onde gerações participaram de cultos e viveram história, ela estava fazendo história. A Reverenda Renea Slater não é apenas a primeira pastora sênior da St. John, mas é também a primeira afro-americana a liderar os 600 membros dessa congregação predominantemente branca.

Renea percorreu um longo caminho desde que nasceu, 60 anos atrás, em seu rancho de 3,3 acres na Louisiana segregacionista. "Quando eu tinha 16 anos", recorda, "só podia me relacionar com 'Anglos' – como chamávamos os brancos – para tratar de negócios. A gente não se aproximava deles. Nunca os olhávamos nos olhos. Quando menina, pensava, 'não gosto disso'. Mas esse era o jeito dos Estados Unidos. Lembro que em viagens de ônibus não podíamos usar a mesma sala de espera [que os passageiros brancos usavam], mas nunca me senti inferior a ninguém, isso era contra as minhas convicções".

Contudo, ela adorava viver no rancho de Shady Grove, na Louisiana. Renea cresceu entre sete irmãos e irmãs, vacas, galinhas, patos, porcos, colheitas

que abasteciam a mesa e com os pais que os ensinavam a amar a todos. "Não fazíamos muitas compras no armazém", diz Renea. "Cultivávamos até cana de açúcar para fazer xarope e tínhamos nosso farelo de milho para consumo. Quando as melancias amadureciam, íamos para o campo colhê-las, nós as partíamos ao meio e comíamos apenas o miolo, porque era o que tinha de melhor". A única colheita de que ela não gostava era a do algodão. "Tínhamos que capinar e depois colher o algodão; usávamos esses sacos grandes nos quais cabiam cerca de 22 quilos. Era preciso ir até o fim e colher esse algodão cujas cápsulas feriam nossas mãos".

Além dos afazeres no rancho, seu pai trabalhava em uma serraria e como faxineiro em uma escola. Enquanto ele estava na serraria, Renea com seus irmãos e irmãs faziam a limpeza da escola, que ficava bem próxima do rancho. Sua mãe também trabalhava na escola, como cozinheira. "Sempre que uma das filhas atingia idade suficiente", lembra Renea, "aprendia a cozinhar para a família e depois que as meninas ficaram adultas, os meninos assumiram essa tarefa. Minha mãe dizia, 'cozinhar é o que faço no meu trabalho e não quero fazer a mesma coisa em casa".

Como seus pais não terminaram o ensino médio, insistiam para que seus filhos se formassem. "Eles sonhavam com isso para nós", diz Renea. "Se você tiver um sonho mais ambicioso do que esse, vá atrás dele, mas daí em diante você estará por conta própria".

O sonho de Renea era lecionar. "Estudei em escolas segregadas até entrar para a universidade em meados dos anos 1960, mas sabia que poderia vir a ser o que quisesse, porque meus professores nos ensinaram isso", diz Renea. "É verdade que nos EUA daquela época nosso mundo era limitado, e não tínhamos uma visão ampla de todas as possibilidades, mas mesmo dentro desse estreito limite você ainda acredita que poderá ser aquilo que quiser". Renea foi para a universidade, mas casou-se antes de se formar, aos 20 anos, e teve filhos. A criação dos três filhos retardou seu progresso, mas não sua determinação. Em oito anos se formou, fez o mestrado e lecionou por 20 anos para crianças de todas as raças.

Presa a um casamento com um homem que exigia sua subserviência, Renea aceitou sua autoridade e sufocou seus sonhos. Então, passou a ler a Bíblia, o mesmo livro em que seu marido se baseava para justificar sua autoridade. Para seu espanto, descobriu que o livro era na verdade sobre libertação. "Nosso Deus nos criou para a liberdade, e não devemos nos ater aos termos da lei quando ela estiver nos prejudicando", diz ela. Era essa a mesma mensagem de libertação que o Reverendo Martin Luther King, Jr., pregava nas ruas do sul, naquela época. Renea precisou descobrir isso em sua própria casa.

Depois que seu casamento de 19 anos acabou, Renea começou a ouvir uma voz: "Quero que você pregue meu evangelho. Quero que você cuide do meu rebanho". Isso era ridículo. Renea não conhecia nenhuma mulher que fosse pastora; seus pais, que eram batistas, desaprovariam; e poucas congregações queriam uma pregadora mulher. Mas a voz retornava a cada noite. "Era como se uma tela de televisão tomasse conta de mim e essa voz ecoava, e eu sabia que era Deus", diz Renea. Aos 40 anos, entrou para a Escola Candler de Teologia, da Universidade Emory. Três anos depois, em 1992, foi ordenada ministra metodista. St. John é a sua quarta indicação.

Quando Renea entrou para o seminário, ouviu a voz novamente: "se você for, abrirei as portas para você, e você nunca terá que bater para entrar". Deus, ela afirma, cumpriu essa promessa. "Nunca tive que bater em nenhuma porta para entrar".E então, a 100ª pessoa a ocupar o cargo de pastor na St. John, sorri: "o que não quer dizer que após a minha entrada não enfrente muitos desafios!"

Renea sabe que nem todos em St. John aprovaram sua indicação. Mas tendo passado pela porta, acredita mais do que nunca na mensagem que tem pregado: "só tenho boas notícias para dar às pessoas, sobre como Deus pode mudar nosso mundo". – *James Garvey*

Renea Slater

DIRETOR DE MUSEU – COMO CONSEGUIR UM EQUILÍBRIO DINÂMICO

O diretor do Museu Nacional do Índio Americano tem uma visão abrangente da democracia nos Estados Unidos. Referindo-se aos índios dos EUA, **W. Richard West** disse a um entrevistador: "Queremos ser parte desse enorme pluralismo que são os Estados Unidos. Foi assim no passado e continuará a ser no futuro. Acho que uma das maiores lições da democracia americana é ter permitido que esse vasto pluralismo cultural coexistisse e prosperasse nos Estados Unidos ao longo do tempo. É essa, sem dúvida, a beleza da democracia americana e os próprios povos nativos são muito fiéis a essa visão."

Foi essa visão que direcionou a abordagem de West a tomar a dianteira na criação daquele que é um dos mais importantes empreendimentos culturais coletivos dos últimos anos, o Museu Nacional do Índio Americano (NMAI). O museu ocupa agora um lugar de destaque no Mall em Washington, D.C., próximo ao Capitólio, atraindo visitantes de todo o país e de diversas partes do mundo.

Integrante das tribos cheyenne e arapaço de Oklahoma e chefe de paz dos cheyennes do sul, West dedicou sua vida profissional e pessoal ao trabalho junto aos índios americanos. Filho de um índio americano e importante artista, o falecido Richard West Sr., West cresceu em Muskogee, Oklahoma. Embora o jovem West tenha por fim decidido estudar direito, ele atribui as escolhas profissionais que fez ao longo da vida ao interesse que sempre teve pela história dos índios.

Atendendo ao pedido para falar sobre sua versão do "Sonho Americano", West descreve um tipo de equilíbrio dinâmico entre as prerrogativas da identidade individual e o pertencer a uma sociedade mais ampla. "Existem", observa, "564 tribos reconhecidas pelo governo federal nos Estados Unidos. Poder ocupar um espaço cultural nos Estados Unidos é extremamente importante para nós. No entanto, reconhecemos que fazemos parte também de um centro político mais abrangente, chamado Estados

Unidos da América, e levamos isso muito a sério".

Como isso funciona na prática? "Em termos de porcentagem", diz West, "os povos indígenas dos Estados Unidos se apresentam voluntariamente para o serviço militar, para defender este país, em número maior do que o de qualquer outro segmento de nossa população. Portanto, é possível constatar que existe um maravilhoso compromisso com o país, mas, ao mesmo tempo, com as nossas comunidades culturais específicas". Embora considere sua identidade de cheyenne do sul "muito, muito importante, ser cidadão dos Estados Unidos é igualmente gratificante".

O diretor do NMAI incorporou sua visão sobre participação e pluralismo à tremenda tarefa de administrar a criação dos três edifícios que compõem o Museu Nacional do Índio Americano. West supervisionou a criação do Centro George Gustav Heye, um centro de exposições e ensino localizado na cidade de Nova York, assim como o planejamento do Centro de Pesquisas Culturais, que abriga a coleção de 800 mil objetos do NMAI, em Suitland, Maryland. Esteve à frente também do planejamento arquitetônico e programático do museu localizado no Mall, em Washington, D.C., inaugurado em setembro de 2004.

Desde sua chegada em 1990, West compreendeu que se tratava de uma obra de grande significado social e político para a nação e tomou as medidas necessárias para garantir que sua evolução refletisse exatamente o interesse que tantos americanos tinham no empreendimento. Postergando o cronograma de construção em dois anos, ele permitiu que os planejadores do museu consultassem as comunidades indígenas contemporâneas em todas as Américas. De 1991 a 1993, o museu realizou vinte e quatro consultas, com a participação de centenas de pessoas. O resultado do envolvimento dessas pessoas afetou profundamente tanto o projeto dos museus quanto os programas oferecidos.

Os povos nativos não queriam ser vistos como "relíquias culturais", mas, sim, como "povos e culturas com um passado significativo e que ainda hoje estão vivos", diz West. Queriam também "a oportunidade de falar diretamente com o público por meio dos programas, apresentações e exposições oferecidos pelo museu; articular, com sua própria voz e através de seus próprios olhos, o significado dos objetos das coleções e sua importância para a arte, cultura e história indígenas".

O resultado final dessa colaboração e confiança irrestritas é um projeto arquitetônico que reflete os valores e experiência dos povos indígenas. Como escreve West, "Eu acredito, com base na minha própria formação e experiência de vida como um cheyenne, que a visão que os indígenas têm do mundo, da realidade e da cosmologia é profundamente diferente daquela originária da herança cultural euro-americana. Acredito também que essas diferenças têm um impacto profundo no significado e interpretação dos milhões de objetos que fazem parte das coleções do Museu Nacional do Índio Americano". Qualquer pessoa que visite o museu poderá comprovar a veracidade da observação. O Museu Nacional do Índio Americano é uma prova do poder da democracia em ação. – *Mark Jacobs*

W. Richard West

DONOS DE RESTAURANTE – ENFRENTANDO OS DESAFIOS DO DIA-A-DIA

"Todos os dias há novas oportunidades para nos mostrarmos aos nossos clientes", diz **Ray Young**. Ray, 39, e sua irmã, **Diane Young Parker**, 45, representam a quarta geração da família Young na administração do famoso *Young's Lobster Pound and Restaurant* em Belfast, Maine. Seus avós, Bud e Belle Young, cujos antepassados eram da Alemanha, abriram o negócio há 75 anos e incutiram na família uma forte ética de trabalho. "Trabalhamos em mercearias, removemos neve e cortamos madeira. Somente quando ganhamos dinheiro suficiente, pudemos comprar uma bicicleta", diz Ray.

O *Young's Lobster Pound*, que se situa às margens da Baía de Penobscot, se parece mais com um armazém vermelho do que com um restaurante. Os clientes entram pelo estacionamento e passam pelo vão lateral do prédio até chegarem à cozinha, onde fazem seus pedidos. Ray, Diane e outros membros da família podem ser encontrados atrás de um grande balcão de aço inoxidável anotando pedidos ou pesando lagostas. Duas enormes panelas de aço inoxidável – as mesmas utilizadas por seus avós – ficam em uma câmara de combustão a óleo feita de tijolos. A água ferve ferozmente nas panelas, e suas tampas mal conseguem conter o vapor. Quando um pedido é feito, a lagosta é retirada de um tanque, pesada e jogada no caldeirão de água fervente onde deverá cozinhar por vários minutos.

Do outro lado da cozinha ficam os tanques onde as lagostas se "hospedam" quando são trazidas pelos pescadores. As lagostas são separadas por tamanho e colocadas em tanques com água bombeada diretamente da Baía de Penobscot, de onde vem a maioria delas. "Contanto que recebam plâncton da água do mar, elas podem viver em nossos tanques indefinidamente", explica Ray.

Quando um pedido é feito, os clientes levam seu sortimento de lagostas, mexilhões, camarões, sopas de peixe, ensopados de lagosta, milho e salada de repolho para as mesas de piquenique no deck com vista para o mar que fica atrás

do prédio. Caso esteja frio ou chuvoso, os clientes são convidados a ir para mesas internas no segundo andar, onde se pode encontrar as filhas de Ray e suas primas limpando mesas e conversando com os clientes.

O *Lobster Pound* fica aberto o ano todo, mas é no verão que o movimento é maior. Em 4 de julho, Dia da Independência dos Estados Unidos, as pessoas começam a formar fila às 8 horas da manhã para buscar a comida para suas festas de comemoração do feriado. "Nós não temos a menor idéia de quantas pessoas servimos e se tivéssemos provavelmente ficaríamos assustados", diz Diane. Os Young empregam extras durante o verão, mas acham que nem todos compreendem o conceito de trabalho árduo como eles. Essa é uma das mudanças que ocorreram desde que eram jovens, dizem Ray e Diane. O conselho de Ray para os jovens de hoje é simples: "Nada cai do céu. Se você trabalhar duro por seus objetivos, vai valorizar o que conseguir."

Os Young se orgulham por surpreender seus clientes. "Uma vez abrimos [o restaurante] à 1 da manhã para que os pilotos da corrida local pudessem comemorar suas vitórias comendo uma lagosta", recorda Ray. Se alguém na família de um cliente não gosta de frutos do mar, Ray e Diane pedem uma pizza em outro restaurante e se encarregam de buscá-la e entregá-la à mesa do *Lobster Pound* para que todos possam aproveitar a refeição em família. "Já até esquentamos a mamadeira de um bebê", diz Ray.

Ray e Diane falam com os clientes e anotam pedidos. Além disso, Diane prepara ensopados e sopas de peixe e empacota a carne retirada das lagostas para enviar a clientes comerciais. Ray é responsável pelo contato com os pescadores e pela compra das lagostas. Isso também dá a ele a chance de estar próximo de sua profissão favorita.

"Eu adorava ser pescador de lagostas", diz Ray, que entrou no ramo aos 6 anos de idade com uma armadilha para lagostas e um barco a remo. Antes de completar 30 anos já possuía 150 armadilhas e um barco muito maior. "Tenho saudades de estar em meu barco de lagostas", confessa. "Todo dia é um desafio. Sempre existem surpresas, e você nunca sabe o que estará na armadilha até que a puxe para cima."

Diane crê que o sonho americano é a vida que têm. "Fomos criados sabendo da importância do trabalho, da honestidade e dos bons valores e tivemos a chance de educar nossos filhos da mesma maneira. Agir correta e honestamente tem que ser parte de você. Para nós, isso é um instinto visceral que herdamos de nossos pais", diz.

Durante março e abril, período calmo no Lobster Pound, Ray e Diane viajam com seus filhos para o resto do mundo, incluindo América do Sul e Austrália, algo que as gerações anteriores dos Young não puderam fazer. "Nossos pais e avós trabalharam muito e se privaram disso para que o negócio tivesse a força que tem hoje", dizem. "Nosso dever é trabalhar tanto quanto eles para as próximas gerações". - *Cathy Lickteig Makofski*

Ray Young e sua irmã, Diane Young Parker

O LEMA "E PLURIBUS UNUM" AINDA FAZ SENTIDO? SIM

Alan Wolfe

A "questão da unidade americana é tão importante quanto qualquer outra questão enfrentada atualmente pelo povo dos EUA", afirma o autor. Apesar de reportagens e comentários da mídia sobre um país dividido, os cidadãos dos Estados Unidos têm em suas tradições e valores muito mais elementos de união do que de divisão. São lembradas as terríveis divisões e discórdias da Guerra Civil no século 19, bem como alguns confrontos violentos entre facções religiosas no início do século 20. Quaisquer que sejam as discordâncias políticas, religiosas e sociais que possam existir hoje, elas estão longe de ter a profundidade daqueles eventos. "Na verdade", conclui o escritor, "há todos os motivos do mundo para acreditar que a polarização vivida pelos americanos em 2004 dará, com toda probabilidade, origem a contramovimentos destinados a lembrar que, independentemente de suas diferenças políticas, todos eles têm em comum a cidadania nacional".

Alan Wolfe é professor de ciência política e diretor do Centro Boisi de Religião e Vida Pública na Faculdade de Boston (Massachusetts). Seus livros incluem One Nation After All *(1998) e* The Transformation of American Religion: How We Actually Live Our Faith *(2003).*

Há vários anos em meu livro One Nation, After All, defendi a idéia de que, apesar de reportagens da mídia sobre divisões da sociedade americana, muito mais coisas nos mantêm ligados como nação do que nos afastam. Reconheci que há diferenças significativas de opinião sobre vários temas políticos e sociais entre o povo americano. (Sempre houve). Mas valores profundamente arraigados como o individualismo e a liberdade de expressão são ímãs poderosos que acabam sempre por aproximar os americanos. Esses valores são muito mais fortes do que os assuntos que polarizam momentaneamente as atenções e que chegam algumas vezes até mesmo a nos separar.

CATEGORIAS DE DIVISÃO

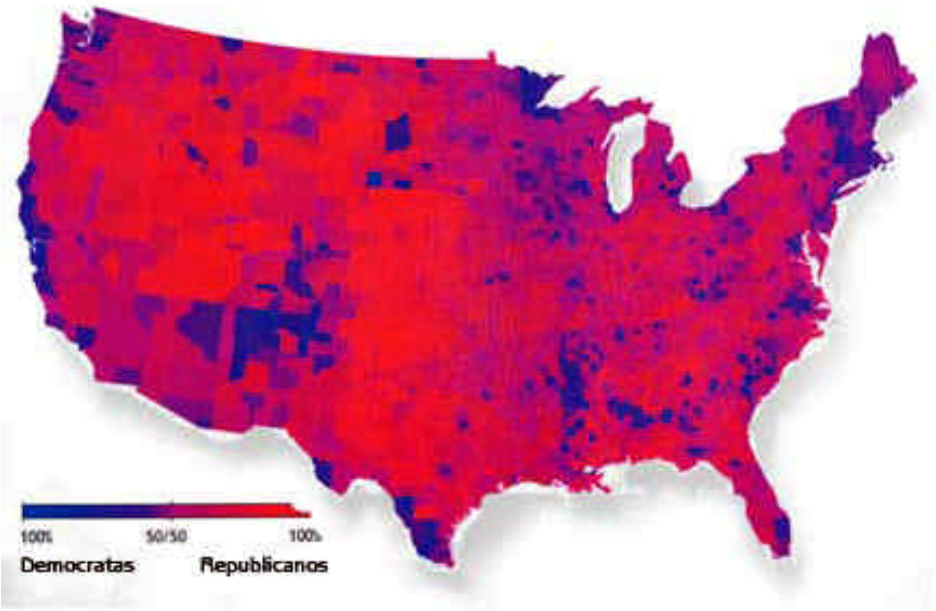
Ao analisar as duas últimas eleições presidenciais dos Estados Unidos, muitos especialistas, jornalistas e observadores políticos afirmam que o país parece estar profundamente dividido. A eleição de 2000 resultou em empate virtual, com cada candidato tendo tido praticamente a mesma votação no Colégio Eleitoral. Em 2004, o presidente George Bush obteve maioria clara tanto no voto popular como no eleitoral. (O presidente recebeu quase 3,4 milhões de votos populares a mais do que o senador John Kerry, uma margem de 2,8%, e ganhou o voto absolutamente decisivo do Colégio Eleitoral por 286 a 252). Entretanto, não houve nenhuma grande mudança no mapa político do país entre as duas campanhas. Continuam a existir os chamados Estados "azuis" nas costas leste e oeste, que tendem a uma orientação mais liberal, e os Estados "vermelhos" no sul e no oeste, de tendência mais conservadora.

Os primeiros anos do século 21 têm sido marcados por contínuas diferenças internas em diferentes campos de disputa, como religião, raça, gênero, geografia e concepções do mundo. Embora conflitos teológicos abertos entre religiões tenham praticamente desaparecido da vida pública americana, continuam a ocorrer debates que refletem tradições religiosas referentes a questões sociais e percepções do mundo exterior. Enquanto a divisão racial original era entre negros e brancos, temos agora populações cada vez maiores de hispânicos e asiático-americanos, bem como um número significativo de pessoas que se identifica como multirracial e não reivindica admissão em nenhuma categoria racial. Homens e mulheres, por sua vez, muitas vezes olham o mundo de diferentes maneiras, de modo que os

COM TANTA DIVERSIDADE NOS ESTADOS UNIDOS DE HOJE, CARECEMOS DE UM TERMO QUE NOS DESCREVA

candidatos a cargos públicos procuram moldar suas mensagens de forma a atrair um ou outro segmento do que é comumente chamado de *gender gap* (diferença de visão entre os gêneros).

Um número significativo de estudiosos compartilha este sentimento de que os Estados Unidos são uma nação profundamente dividida. Talvez o mais articulado deles seja a eminente historiadora Gertrude Himmelfarb. Seu livro, *One Nation, Two Cultures* (1999), afirma que os americanos ainda vivem as conseqüências da divisão cultural surgida nos anos 1960. Uma das duas culturas do país, segundo Himmelfarb, valoriza a liberdade individual e de expressão e deseja ir além dos papéis e costumes sociais mais tradicionais, predominantes nos EUA na primeira metade do século 20. A segunda incentiva a autoridade e o respeito pelas normas e tradições e anseia pelo retorno de uma era em que os pais tinham maior controle sobre os filhos, mais pessoas sentiam orgulho do país e a devoção religiosa era muito mais genuína. Himmelfarb, que é da linha conservadora, se identifica claramente com a segunda dessas duas culturas. Mas é possível encontrar argumentos semelhantes entre escritores de esquerda, que acham que valores liberais como o secularismo e a liberdade de expressão estão sob ameaça da direita, e que procuram defender os avanços conseguidos nos anos 1960 de todas as maneiras.



RESULTADOS DA VOTAÇÃO, POR CORES
Vermelho, azul e púrpura descrevem as diferenças percentuais nos resultados da votação em cada um dos condados nas eleições presidenciais dos EUA em 2004. Vermelho foi para o presidente republicano candidato à reeleição, George W. Bush, e azul para o candidato democrata, John Kerry. Os sombreados em púrpura refletem a votação apertada em várias partes do país. Este mapa, elaborado por Robert Vanderbei, da Universidade de Princeton, é um entre uma coleção de mapas e cartogramas com os resultados das eleições em um site da Universidade de Michigan: (*http://www-personal.umich.edu/~mejn/election/*)

As diferenças geográficas podem não ser mais tão evidentes como na época da Guerra Civil dos EUA, mas elas são ainda acentuadas, como confirmam os resultados das urnas. A maioria dos texanos (que votaram em Bush por uma margem de 61% a 38%) pensa muito diferente dos habitantes de Rhode Island (que votaram em Kerry por uma diferença de 59% a 39%). A terceirização dos trabalhos pelas fábricas e a decadência das comunidades agrícolas, bem como o crescimento do setor de serviços e a expansão de áreas residenciais afluentes ao redor das cidades, para além dos seus subúrbios, são testemunho da persistência das disparidades econômicas. Alguns americanos lutam para sobreviver, enquanto outros usufruem o melhor que uma sociedade afluente e produtiva pode oferecer. Existem claramente vários "Estados Unidos" hoje no país.

Até certo ponto, Himmelfarb, como sugere o título de seu livro, estava reagindo à minha própria contribuição ao debate em *One Nation, After All.* Conforme argumentei, os ativistas políticos tendem a entrar em guerra cultural entre si, mas a maioria dos americanos compartilha os mesmos valores. Podem até discordar com relação aos assuntos atuais – em uma democracia, é comum as pessoas terem idéias diferentes –, mas ao contrário dos anos 1960, com exceção da época da Guerra Civil, pode-se dizer que estão em surpreendente harmonia. Apreciam os ganhos de liberdade individual resultantes da revolução cultural dos anos 1960 e, nesse sentido, Himmelfarb está certa ao insistir na importância dessa década. Mas os sentimentos deles sobre o que foi conseguido são ambivalentes. Assim, perguntam com freqüência se os Estados Unidos não foram

longe demais em seu individualismo, a ponto de não mais respeitar a autoridade e a tradição, e procuram em geral políticos que entendam os seus anseios e encontrem soluções comuns para os problemas do país.

A questão da unidade da nação é tão importante quanto qualquer outro problema enfrentado atualmente pelos americanos. Os Estados Unidos, afinal de contas, já passaram pela experiência de uma Guerra Civil cujos custos em derramamento de sangue jamais foram esquecidos. Entretanto, por maior que sejam nossas divisões atuais, elas certamente não atingirão tal profundidade. E, como essa experiência sangrenta sempre nos faz lembrar, a divisão e a desunião prejudicam não somente os próprios americanos como também todos aqueles que buscam a liderança dos EUA. Com certeza agradecemos aos dois grupos o olhar além das manchetes do dia-a-dia para descobrir se as crenças e costumes capazes de manter o povo americano unido permanecem viáveis.

O presidente George W. Bush ouve as opiniões de líderes de diferentes credos religiosos durante uma reunião na Casa Branca (Foto da Casa Branca)

IGREJA E ESTADO

De todas as supostas divisões da sociedade americana, uma delas principalmente adquire grande significado. Ouvimos o tempo todo que a linha de fratura nos Estados Unidos é de natureza religiosa, juntando todos aqueles que acreditam fervorosamente em Deus, qualquer que seja o Deus de sua devoção, de um lado, e os que não enxergam a mão da Divina Providência como guia de todas as ações humanas, do outro. Se esse for o caso, entretanto, de que a religião no país funciona tanto como fonte de união como de desunião, então as perspectivas do lema "e pluribus unum" (de muitos, um) são bem melhores.

Muitos dos fundadores dos Estados Unidos acreditavam que um sentido moral comum exigia uma mesma religião para todos. No entanto, como a nação se comprometeu com a separação entre igreja e estado e com a liberdade religiosa na Primeira Emenda da Constituição, jamais existiu uma religião comum no país, pelo menos no sentido formal. Entretanto, a grande maioria de americanos na época de nossa fundação era protestante, de modo que, apesar do grande número de seitas protestantes, todos eles seguiam as idéias da Reforma.

Se havia alguma esperança de que uma ampla adesão ao Protestantismo podia funcionar como fonte informal de unidade, no entanto, foi frustrada com a chegada de grande número de imigrantes com outra formação religiosa durante o século 19 e início do século 20. Tão grandes foram as tensões entre doutrinas religiosas, que uma autêntica guerra cultural – muito mais violenta e causadora de divisões do que a que está provavelmente em curso hoje – explodiu em cidades como Boston entre protestantes nascidos no país e imigrantes católicos da Irlanda e de outros países, o que resultou em perdas significativas de vida e de propriedade. Porém, com o passar do tempo, foi possível encontrar uma solução relativamente pacífica para o conflito de religiões. Embora as várias denominações de cristãos nunca tenham mostrado muita unidade entre si, os Estados Unidos começaram no meio do século 20 a se ver como uma sociedade "judaico-cristã", irmanada pelo fato de que suas três principais crenças religiosas compartilhavam pelo menos um texto sagrado, a Bíblia Hebraica.

Originalmente considerada um termo de inclusão, a sociedade judaico-cristã aparece agora como um termo de exclusão, já que não abarca muçulmanos, hindus, budistas e outros credos religiosos trazidos para os EUA depois que a abrangente Lei de Imigração e Nacionalidade de 1965 acabou com as cotas que haviam beneficiado os recém-chegados da Europa. Os Estados Unidos de hoje apresentam tal diversidade que não dispomos mais de palavras que possam nos definir. Alguns propuseram "Abrahâmico", um termo que inclui os mulçumanos, mas ao mesmo tempo exclui as religiões orientais. Provavelmente jamais houve uma sociedade com tantas religiões florescendo ao mesmo tempo aqui e agora como neste país, e isso pode ser, de certa forma, creditado à decisão tomada pelos fundadores dos Estados Unidos de incentivar a liberdade religiosa.

UMA CULTURA COMUM?

Diante de tamanha diversidade, alguns começaram a sustentar que o povo americano não possui uma cultura comum e, como resultado, está diante da perspectiva de uma profunda desunião. Esta foi a mensagem do livro *Who Are We?,* publicado em 2004 por Samuel P. Huntington, cientista político de Harvard. Tendo como foco principal os mexicano-americanos, muitos dos quais de famílias católicas, Huntington insistiu na importância de uma cultura comum moldada pelo anglo-protestantismo, à qual os imigrantes deveriam aderir. Huntington não enfocou a religião por si mesma como fonte de desunião, mas preferiu se concentrar nos tipos de cultura que podem ser formadas por diferentes tradições religiosas. No entanto, seu livro evocou períodos anteriores na história dos EUA quando o medo da diversidade levou escritores à conclusão de que o futuro dos Estados Unidos só poderia ser assegurado se o país encontrasse uma forma de solucionar o problema de abrigar tantas culturas concorrentes.

Não há dúvida quanto à existência de diversidade religiosa nos Estados Unidos. Mas existem razões para se discordar da conclusão de que ela é a fonte de desunião. Porque, apesar de o povo americano estar organizado em uma impressionante variedade de denominações e tradições, a cultura americana atua como uma força poderosa na formação dessas religiões. Nos últimos anos, os estudiosos começaram a enfocar não apenas os textos e credos religiosos dos EUA, mas também o modo real como as pessoas comuns vivenciam sua fé. E uma das conclusões resultantes da pesquisa é que, independentemente das diferenças religiosas, as pessoas praticam sua religião de maneiras muito semelhantes.

UM VALOR AMERICANO:
Serviço Voluntário

Clara Barton *(1821-1912) dedicou sua vida a ajudar os outros. Começou a ensinar aos 15 anos e depois abriu uma escola pública gratuita em Bordentown, Nova Jersey. Quando começou a Guerra Civil dos EUA, ela lançou um programa de assistência para angariar suprimentos médicos e outras mercadorias para distribuição junto às tropas feridas. Seus esforços foram tão bem-sucedidos que o governo permitiu que viajasse com ambulâncias militares para socorrer os doentes e feridos. Durante três anos ela acompanhou operações militares, afagando a cabeça de soldados feridos, fornecendo-lhes comida e água, ajudando os cirurgiões em seu trabalho e organizando um programa de localização de soldados desaparecidos. Foi com base nessas experiências que Barton criou em 1881 a Cruz Vermelha Americana, na qual serviu como presidente voluntária até 1904, sem falar no trabalho de expansão do papel do Movimento Internacional da Cruz Vermelha para prestar assistência também fora do campo de batalha, em situações de emergência. Ela continuou trabalhando em programas de ajuda de campo emergencial até bem depois dos 70 anos.*

Os americanos, por exemplo, preferem muitas vezes religiões que falam diretamente a cada um. Desconfiam da autoridade distante – e em alguns casos até mesmo das autoridades locais. Geralmente procuram a religião mais por razões emocionais do que intelectuais; para eles os textos sagrados não são documentos em que se encontram idéias convincentes, mas fontes de orientação sobre como levar suas vidas em tempos difíceis. É a religião que dá o verdadeiro sentido de certo e errado, embora ela muitas vezes esteja pronta para perdoar as pessoas por seus pecados, oferecendo-lhes uma segunda chance. Por meio de sua fé, o povo dos EUA experimenta normalmente sentimentos de fortalecimento interior e de autoconfiança. E a religião não ensina apenas verdades, mas também oferece amor. Algumas vezes os americanos mudam de crença em sua busca por uma religião que lhes ofereça um sentido de autenticidade. Para eles a religião não representa um compromisso com uma determinada tradição doutrinária, mas é mais uma forma de adaptação em contínua mutação, inovadora e dinâmica ao mundo complexo em que se vive.

Como os americanos vivenciam muitas vezes diferentes religiões de maneiras muito semelhantes, a fé pode se tornar uma importante fonte de unidade. As pessoas não têm necessariamente de concordar sobre quem é Deus e o que Deus faz; desejam somente que outros tentem encontrar crenças que se ajustem às suas próprias necessidades. Tão poderoso é esse jeito comum de praticar uma religião que mesmo imigrantes recentes adaptam rapidamente as doutrinas religiosas da terra natal à realidade dos EUA. No século 19, católicos e judeus criaram versões americanas de suas religiões. Mulçumanos e hindus procedem

hoje exatamente da mesma maneira.

APRENDENDO A SE CONHECER

Também outros aspectos da vida americana funcionam como na religião. A experiência faz com que as coisas que se têm em comum resistam às diferenças. Quanto mais americanos de cor branca convivem com aqueles de cor negra em seus locais de trabalho, menor será o racismo. Quanto mais crianças casarem com pessoas de formação diferente da delas, mais rapidamente desaparecerão as divisões que atormentaram as gerações de seus pais e avós. É verdade que muitos sulistas e nortistas têm muitas vezes visões políticas diferentes, mas seus estilos de vida são bastante semelhantes; dirigem os mesmos tipos de automóveis para os mesmos tipos de shopping centers a fim de adquirir produtos similares. Apesar de toda essa história de um país azul e vermelho, uma pessoa pode ser deixada em qualquer parte dos Estados Unidos e descobrir que tudo já parece ser conhecido – talvez até demais.

Na verdade, há todos os motivos do mundo para acreditar que a polarização vivida pelos americanos em 2004 dará, com toda probabilidade, origem a contramovimentos destinados a lembrar que, independentemente de suas diferenças políticas, todos eles têm em comum a cidadania nacional. É óbvio que a polarização rende dividendos políticos, especialmente para os partidários que arregimentam suas tropas insistindo nos planos nefandos daqueles no outro lado do espectro ideológico. Contudo na política, pelo menos em um sistema político democrático bem-sucedido, toda reação provoca em conseqüência uma reação contrária. Unidos por práticas religiosas e experiências comuns em outros aspectos da vida, os americanos, creio, alcançarão um ponto em que começarão a questionar se outros americanos com quem não se entendem politicamente merecem ficar no ostracismo por conta de suas visões políticas diferentes.

Tenho confiança de que tal questionamento fará com que todos cheguem à conclusão de que somos uma nação, afinal de contas. O individualismo americano e a nossa busca de "autodescoberta" anunciam aos quatro ventos nossas diferenças. Enquanto lembrarmos que todos nós somos moldados por uma cultura americana comum, continuaremos, como tantas vezes já fizemos em nossa história, a construir pontes que nos ligam e que nos mantêm juntos. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

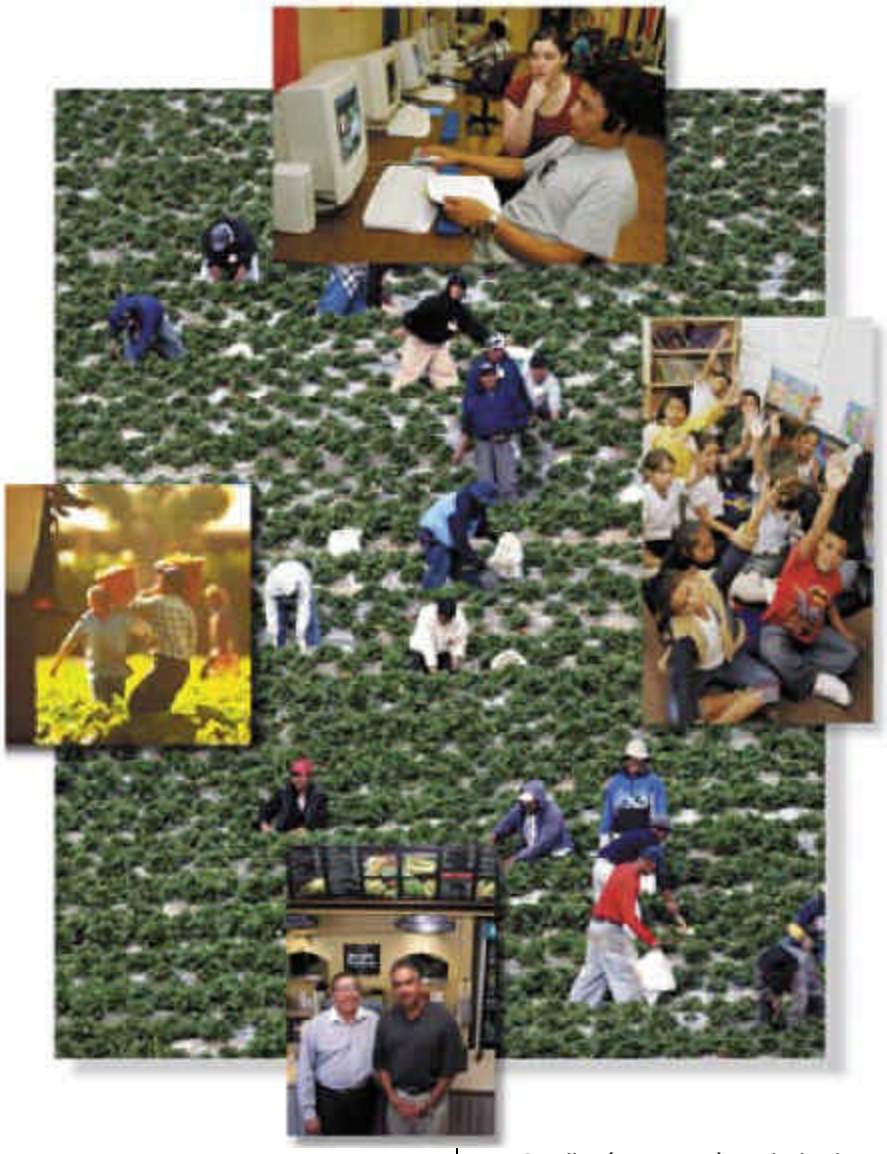
DEBATE SOBRE IMIGRAÇÃO

Uma discussão com Michael Barone e Victor Hanson

Milhões de novos imigrantes entraram nos Estados Unidos na última década. Na verdade, o país não vê taxas de imigração como esses desde a década de 1920. Muitos dos imigrantes de hoje entraram ilegalmente no país e têm empregos de baixa remuneração e qualificação. Outros, de formação superior, entram legalmente no mercado de trabalho americano como profissionais qualificados e bem-pagos das áreas de alta tecnologia, ciências e medicina. Outros, ainda, vêm se juntar aos familiares ou entram como refugiados.

Essa nova onda de imigração suscitou um debate intenso nos Estados Unidos. Alguns apóiam a atual política de portas relativamente abertas para dar continuidade a uma tradição antiga no país: esticar o tapete de boas-vindas aos recém-chegados que buscam a promessa americana de liberdade e de oportunidade econômica. Outros questionam se é sensato permitir a entrada de tantos novos imigrantes, temendo a perda de tradições e valores tão acalentados.

Convidamos dois especialistas em imigração para discutir a questão: Michael Barone, redator sênior da revista US News & World Report *e autor do livro* The New Americans: How The Melting Pot Can Work Again, *e Victor Hanson, membro sênior da Instituto Hoover e autor de* Mexifornia: A State of Becoming. *James Dickmeyer, adido de imprensa da Embaixada dos Estados Unidos na Cidade do México, presidiu a discussão, conduzida à distância por transmissão de vídeo digital. A seguir, uma transcrição resumida de seus comentários.*



UMA NOVA ONDA DE IMIGRAÇÃO: ALGUMA DIFERENÇA?

PRESIDENTE: Como a onda mais recente de imigração para os Estados Unidos pode ser comparada àquelas do passado?

BARONE: ... As entradas de imigrantes típicas da história americana... não foram previstas pela maioria dos especialistas. Elas simplesmente aconteceram e nos surpreenderam.

Se disséssemos à maioria dos demógrafos americanos em 1970... que teríamos um influxo da ordem de 20 a 30 milhões de imigrantes nos 25 ou 30 anos seguintes, eles diriam "Isso é loucura, imigração é coisa do passado, não existe mais." ...

Acontece que tivemos fluxos enormes de imigração. Continuamos em... 2004 [a receber] grandes influxos da América Latina, principalmente... do México. Não temos números

precisos da imigração atual porque muitos de nossos imigrantes estão em situação ilegal, e não mantemos um bom rastreamento desses... imigrantes nos Estados Unidos. O influxo da Ásia e, de certa forma, o influxo da América Latina, com exceção do México... apresentam uma grande porcentagem de pessoas com altos níveis de qualificação. Do México [há uma]... porcentagem menor de pessoas que terminaram o ensino médio, com outros tipos de formação, que demonstram níveis de qualificação profissional.

Portanto, a imigração continua. Em meu livro The New Americans, publicado em 2001, argumentei que os grupos minoritários de hoje se assemelham aos grupos de imigrantes de um século atrás. Os negros se assemelham aos irlandeses, os latinos, aos italianos e os asiáticos, aos judeus...

As comparações não são precisas, porém acredito que ainda existam semelhanças significativas. Uma das diferenças, obviamente, é que a América Latina, em especial o México, é contígua aos Estados Unidos, dessa forma temos um enorme grupo de pessoas neste país cuja língua nativa é o espanhol, pessoas que poderão ou não vir a ter domínio do idioma inglês...

PRESIDENTE: Dr. Hanson, [como essa nova]... onda de imigrantes [difere daquela]... do início dos anos 1900... , que veio da Europa e de outras regiões?

HANSON: ... Aparentemente não há nada de novo, mas fazendo uma [reflexão]... não acho que em algum momento tivemos algo em torno de 8 a 12 milhões de pessoas concentrados principalmente em

Imigrante da Guatemala estuda inglês em computador e recebe assistência de um instrutor na Faculdade Comunitária East Central em Forest, Mississipi (Foto: AP/Rogelio Solis)

uma área geográfica e [que] tenham vindo para cá sob os auspícios da ilegalidade. Isso é novo. E, o que é mais importante, a postura da nação anfitriã é nova. Tivemos uma assimilação muito intensa da ideologia do caldeirão cultural no século 19.

Mas depois de... 30 anos de educação bilíngüe na Califórnia, projeto que finalmente descartamos..., temos um programa de estudos *chicanos* em cada universidade estadual que me parece um tanto chauvinista e polêmico. ... [Também] temos documentos bilíngües do governo. Hoje, na Califórnia, há comunidades [inteiras] em que as pessoas vêm do México ilegalmente... por causa de vínculos familiares.

Portanto, temos enclaves inteiros de pessoas que acreditam ser possível recriar o México, até certo ponto, sem que haja assimilação, depois de uma única geração. Temos, de fato, duas comunidades. [Há]... literalmente centenas de milhares de pessoas que, depois da segunda geração, não estão se integrando.

BARONE:... Eu tenho uma visão um pouco diferente da de Victor Hanson sobre o que está acontecendo nos Estados Unidos. ... E isso porque, em minha opinião, as forças que favorecem a assimilação dos imigrantes pela população americana permanecem significativamente fortes, mesmo que, de certa forma, sejam mais fracas do que há 100 anos. Victor se refere à assimilação brutal ao caldeirão cultural ocorrida há um século. ... As pessoas na época [do ex-presidente] Theodore Roosevelt adotaram o termo "americanização". ...

Porém, é óbvio que ajudar as pessoas a aprender o idioma inglês e a entender o funcionamento do governo e da economia americana não são medidas de opressão. São itens essenciais ao sucesso e à mobilidade ascendente nos Estados Unidos. ... Apesar do fato de que as elites acadêmicas, jornalísticas, da mídia e, até certo ponto, as elites corporativas não acreditem em assimilação tanto quanto acreditavam há 100 anos, penso que uma enorme quantidade de americanos e imigrantes acredite nela. ... Em minha opinião, estamos vendo um grau de assimilação e de mobilidade ascendente [para os latinos] provavelmente maior do que os ítalo-americanos apresentavam há 100 anos.

Notem que há 100 anos o processo de assimilação nem sempre pareceu que seria bem-sucedido. Há cem anos os americanos ouviam que irlandeses, italianos, judeus e outros imigrantes eram pessoas de uma raça diferente e que jamais seriam integrados à civilização anglo-americana. Hoje sabemos que aquelas previsões estavam erradas. E acho que aquelas previsões serão desmentidas pelo grande número de imigrantes americanos que temos hoje.

Sim, alguns voltarão a seus países de origem como fizeram certos imigrantes italianos [e] gregos de um século atrás. Alguns não aprenderão o idioma inglês e precisamos trabalhar melhor em nossas escolas e abolir a chamada educação bilíngüe que em muitos

casos não é bilíngüe nem é educação…

ASSIMILAÇÃO: O QUE É E COMO FUNCIONA?

PRESIDENTE: Quero falar sobre o termo "assimilação". Dr. Hanson, afinal, o que significa assimilação? É linguagem, é aceitação de certos valores, é casamento com pessoas de outros grupos étnicos? …

HANSON:… É domínio do idioma. É aceitação dos valores americanos, pode ser tudo, desde tolerância religiosa e tratamento [adequado]... a mulheres até planejamento familiar e posicionamento [sobre] governo. Mas o que eu gostaria de destacar é que, como disse antes, temos dois fenômenos em andamento. Por um lado, temos... cinco [ou]... seis com histórias de sucesso para cada [10] estrangeiros em situação ilegal.

Mas os números [de imigrantes em situação ilegal] são tão altos que se houver um fracasso de 30% a 40% em uma determinada situação – o que se traduz disso é o fato de que um quarto dos internos do sistema penal da Califórnia é de estrangeiros em situação ilegal. … Porque temos um, dois [ou] três milhões de pessoas tentando entrar e cerca de um ou dois milhões que conseguem – os próprios números resultam em … apartheid de fato.

E o que isso significa na prática? Para alguém que não convive com essa situação parece que o mercado pode sempre tomar decisões ou que podemos apenas seguir adiante. Mas … o que isso significa … [em termos de comunidade]? Significa que você acorda de manhã e talvez encontre um sofá… em seu gramado [porque as pessoas não estão acostumadas a usar um serviço de coleta de lixo], ou no caso do meu vizinho, uma vaca, uma vaca morta. Ou significa que quando você vai à escola – não temos nenhuma escola integrada em minha localidade. Você tem 90% de um grupo em particular. Ou isso significa ter, na minha fazenda, até que haja integração, pessoas do México com idéias muito diferentes sobre as mulheres e o papel da mulher na sociedade.

E se você tiver um comportamento na universidade ou no sistema educacional que [seja]… apenas uma visão alternativa ou uma cultura alternativa, então é muito difícil interromper [isso].

E o último ponto é muito importante porque não é sequer enfatizado de forma suficiente. A assimilação não é um processo estático… Mas, devido ao fato de que temos muitas pessoas vindo sob os auspícios da ilegalidade, estamos criando praticamente um grupo transitório permanente de um ou dois milhões de pessoas que estão nesse processo de assimilação, mas não no sentido de assimilação do século 19. Estou falando de um processo de cerca de 30, 40 ou 50 anos. …

Se tivéssemos 150 mil imigrantes do México em situação legal, controlássemos as fronteiras, liberássemos as forças formidáveis de assimilação, muito do que fizemos na Califórnia até cerca de 1965 ou 1970, não teríamos de enfrentar essa provação. Seria muito fácil fazê-lo. E não teríamos privilegiado a imigração ilegal

Trabalhadores rurais carregam cestas de abóboras recém-colhidas até um caminhão próximo de um campo em Homestead, Flórida (Foto: AP/J. Pat Carter)

UM VALOR AMERICANO:
Educação

*O **senador americano J. William Fulbright** (1905-1995), cujo nome tornou-se quase sinônimo de intercâmbio educacional, dedicou sua vida ao serviço público e, em especial, à educação. Sua própria formação escolar incluiu a Universidade de Oxford, no Reino Unido, que freqüentou como bolsista da Rhodes. Trabalhou como advogado, professor de Direito, e presidente da Universidade do Arkansas antes de entrar para a política. Em 1946, introduziu Legislação criando o Programa de Bolsas Fulbright, que tem como meta "intensificar o entendimento mútuo entre as pessoas dos Estados Unidos e de outros países". Nos quase 60 anos que se passaram desde então, mais de 255 mil pessoas, dos Estados Unidos e do mundo, participaram do Programa, inclusive ganhadores do Prêmio Nobel e chefes de Estado. O senador Fulbright permaneceu ativamente envolvido no programa que leva seu nome até o final de sua vida.*

mexicana em detrimento da imigração legal de outros países.

Neste momento, a maior controvérsia no Condado de Fresno [Califórnia], que é o ponto zero da explosão imigratória ilegal, são os *sikhs* da Índia, pessoas do Sudeste Ásiático que esperam cinco, seis ou sete anos por um engenheiro elétrico da família ou um professor que não pode entrar devido ao aparato do governo; apesar disso, vêem pessoas entrando aqui ilegalmente apenas por causa de vínculos familiares. Cria-se uma falta de segurança e de respeito à lei, e isso tem efeito pernicioso, degradante sobre o Direito em geral.

NOVAS PROPOSTAS DE IMIGRAÇÃO

PRESIDENTE:… Há quase um ano, o presidente Bush elaborou uma proposta que sugere… alguns tipos de mecanismos [por meio dos quais] é possível regulamentar [o que alguns chamaram de] programa Trabalhador Convidado. … [O programa] cuidaria desse espinho em particular [da imigração ilegal]?…

BARONE: Bem, acho que o plano do presidente, anunciado em janeiro de [2004] e que não avançou muito no Congresso, fundamenta-se na idéia de que há uma demanda econômica para um grande número de imigrantes e [que] essa demanda está sendo atendida não apenas por imigrantes em situação legal mas por imigrantes em situação ilegal.

E penso que essa evidência por si só é muito forte. O funcionamento do mercado econômico é tal que, se pudéssemos expelir todos os

imigrantes em situação ilegal dos Estados Unidos da noite para o dia, haveria partes imensas de nossa economia que simplesmente não funcionariam. Não seria possível conseguir um prato limpo em um restaurante de Los Angeles e coisas desse tipo. Portanto, a proposta do presidente Bush busca fornecer um programa Trabalhador Convidado para aliar empregados que querem trabalhar e empregadores interessados em contratar e oferecer um status de legalidade aos imigrantes neste país.

Curiosamente, aquela proposta ou outra de mesma natureza recebe mais apoio dos parlamentares do Partido Democrata do que dos parlamentares do Partido Republicano do presidente Bush. Muitos dos congressistas republicanos argumentam que a proposta premia atos ilegais dando-lhes status legal. … O governo Bush argumenta... que a proposta não colocaria automaticamente os trabalhadores convidados no caminho da cidadania. [Porém,] alguns democratas gostariam de ter uma proposta que colocasse automaticamente o trabalhador convidado no caminho da cidadania.

Portanto, há [também] uma diferença entre o governo Bush e muitos democratas no Congresso que atuam nessa questão.

PRESIDENTE: Dr. Hanson, como o senhor vê esse debate em termos de [se] o presidente [está] nos dando uma solução prática para [o] problema?…

Estudantes do terceiro ano levantam a mão para responder perguntas na Escola de Ensino Fundamental Oasis em Oasis, Califórnia. Os 650 alunos da escola recebem instrução apenas em inglês, mais de 90% deles são hispânicos (Foto: AP/Francis Specker)

HANSON:… O que devemos lembrar sobre isso é [que] ela deixa um igual número de perguntas respondidas e sem resposta. Portanto, produziremos um grupo de um quarto de milhão – ou, digamos, 300 mil – trabalhadores convidados. O que faremos com os outros 700 mil que não querem participar do programa? Vamos realmente reforçar as fronteiras ou deportá-los?…

Mesmo se tivermos o programa Trabalhador Convidado, ainda assim haverá grupos que desejarão entrar ilegalmente e [que] teremos de deter. As pessoas desses grupos vão querer permanecer. …

Há um problema psicológico, filosófico e moral, digamos, no Condado de Fresno, quando o diretor do Escritório Agrícola diz que não conseguiremos colher a safra de pêssegos, a menos que tenhamos 30 mil pessoas aqui vindas ilegalmente de Oaxaca. [E, ao mesmo tempo,] a Câmara de Comércio estima que 50 mil a 60 mil adolescentes estejam sem trabalho e que a taxa de desemprego no condado seja de 16%, a maior parte deles hispânicos de primeira ou segunda geração. … É uma denúncia terrível do sistema [o fato de que] os condados com o mais alto índice de imigração ilegal também tenham as maiores taxas de desemprego.

BARONE: Uma das razões pela qual o Vale Central apresenta essa alta taxa de desemprego não seria resultado de um policiamento mais intenso das fronteiras, que torna difícil para as pessoas que tem trabalho sazonal na região do Vale voltar para o México… ou qualquer outro lugar, por cinco, seis meses ao ano? Eles não querem arriscar

voltando para o outro lado da fronteira. Eles preferem ficar no Condado de Fresno onde talvez possam ficar qualificados para a assistência social.

HANSON: Eu não acho isso, porque um dos mitos da imigração ilegal é de que ela ocorre principalmente [para] a agricultura, que corresponde apenas a 20% a 25% dos... estrangeiros em situação ilegal. O programa Trabalhador Convidado tende a ser associado com agricultura, mas a maior parte dos estrangeiros em situação ilegal da região central da Califórnia trabalha na construção civil, hotéis, restaurantes, embora existam pessoas na lista de desempregados que poderiam fazer esse trabalho. ...

Por que isso está acontecendo? Porque [quanto mais tempo] as pessoas... vivem nos Estados Unidos, mais elas conhecem os vários tipos de benefícios a que tem direito e perdem aquele entusiasmo desesperado por trabalho. ... [Além disso], se você perguntar a um empregador – e é por isso que eu digo se tratar de uma questão moral – ele responderá que prefere mexicanos de 18 a 25 anos que não falam inglês porque eles trabalham muito mais do que filhos ou primos de mexicanos nascidos nos Estados Unidos ou emigrados que estão na casa dos 40, 50 anos ou mais.

Portanto, o que estamos falando realmente [é] sobre imigração ilegal; é uma grande mentira da qual ninguém quer falar. É uma reciclagem de capital humano. Estamos tirando pessoas do México e, em grande parte, explorando seus melhores anos, e depois, como empregadores, jogamos na

Pai e filho empresários. Rafael, à esquerda, imigrante mexicano, e Ralph Rubio no balcão de um de seus restaurantes Baja Grill em San Diego, Califórnia, uma cadeia de fast-food pequena mas em crescimento que tem aberto pontos em todo o território dos Estados Unidos

as indústria de concessão de benefícios para que cuide delas quando chegarem aos 50. E não queremos contratar seus filhos que estão desempregados e sem formação, mas queremos pessoas mais jovens para substituí-los de forma que possamos começar tudo outra vez.

A DEMANDA POR TRABALHADORES IMIGRANTES

PRESIDENTE: [Houve] baixos índices de desemprego nas duas últimas décadas nos Estados Unidos. [Isso não significa] que, em termos de demanda por mão-de-obra, ainda há lugar para pessoas de fora e também empregar aquelas que estão nos EUA e que atualmente procuram emprego?

BARONE: Temos falado principalmente sobre uma parte do problema da imigração nos Estados Unidos e a sua pergunta joga uma luz sobre outras partes da questão. Ou seja, uma quantidade formidável de nossos imigrantes é altamente qualificada. Provavelmente, há uma porcentagem maior de imigrantes asiáticos mais qualificados do que de imigrantes latinos. Mas encontramos imigrantes ocupando muitas vagas para as quais simplesmente não há americanos capacitados.

Há um grande número de imigrantes, principalmente asiáticos, nas áreas científica, tecnológica e de computação. Na área médica,... um grande número de imigrantes. Visite os hospitais do Meio Oeste e você verá uma incrível quantidade de pessoal, tanto doutores quanto enfermeiros, provenientes do sul da Ásia. Essas pessoas vêm da Índia, do Paquistão, entre outros países. ...

Pode-se culpar os Estados Unidos, acredito, por não capacitar mais engenheiros [e] cientistas, não direcionar mais jovens que possam ser capazes de entrar nessas áreas. Mas o fato é que muito de nosso crescimento e prosperidade tem sido gerado por imigrantes altamente qualificados e a economia parece... produzir uma demanda maior por eles.

PRESIDENTE: Há um tipo de ponto de reversão? Ponto de reversão no sentido de haver condições em um país que reduzam o desejo [dos imigrantes] de vir para os Estados Unidos?

HANSON:... A questão é o que faz com que os mexicanos no México queiram vir em número tão alto, além do fato de ser um país contíguo e ter uma história de proximidade com os Estados Unidos e a presença de familiares [aqui].

Acredito [que exista] uma política não-oficial [do governo mexicano] que contribui para isso de duas ou três [formas]. [Primeiro],... penso [que a imigração mexicana para os Estados Unidos] seja a segunda maior fonte de divisas estrangeiras depois [do petróleo]. Cerca de US$ 12 bilhões em remessas... são enviadas. É crucial para a economia mexicana. ...

Segundo, há a sensação de que o México não [terá] realmente que adotar uma verdadeira reforma política, econômica, social, cultural de alcance popular, na medida em que há um tipo de válvula de escape permanente de um a dois milhões de pessoas que... [esperam] obter casa ou

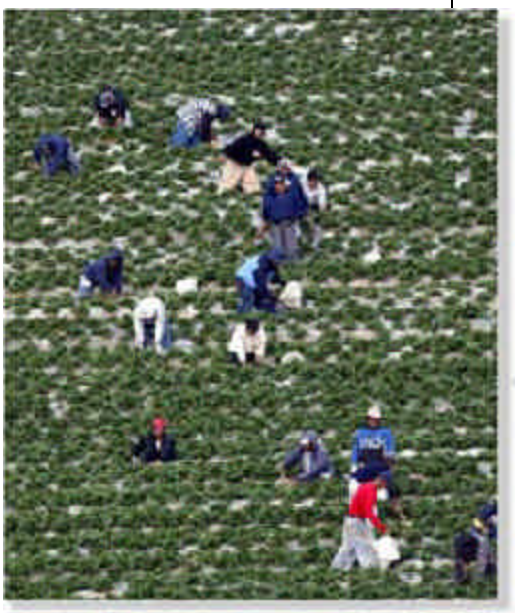
alimentação ou roupas no nível que é constantemente mostrado na mídia internacional.

E também... há [o]... fenômeno que acontece com imigrantes mexicanos. Com todo respeito, quanto mais longe e quanto mais tempo eles ficam fora do México, mais romantizam o México. De forma que todos hasteiam uma bandeira e tornam-se uma força poderosa de influência. Alguns deles são, como vocês sabem, eleitores. Portanto, para o governo do México, é uma situação benéfica para todos. ...

BARONE: Gostaria de acrescentar algo sobre o ponto de reversão, pois há um caso controlado que pode fornecer alguma luz sobre a questão, estou falando de Porto Rico.

Porto-riquenhos são cidadãos americanos de acordo com uma lei aprovada no Congresso em 1917, e, portanto, têm total acesso aos Estados Unidos como cidadãos americanos, podem ir e vir como quiserem, não estão sujeitos a normas de imigração. No final da década de 1940 e na década de 1950, houve uma enorme imigração de porto-riquenhos, especialmente para a cidade de Nova York, área metropolitana de Nova York. ... Era opinião geral que a imigração porto-riquenha avançava, que os níveis de vida econômicos eram bem inferiores em Porto Rico e que isso era uma força que continuaria.

O que realmente aconteceu foi bem diferente. Começando em 1961 aproximadamente, a migração de porto-riquenhos para os Estados Unidos continental caiu até praticamente zero. Em linhas gerais, a situação permanece assim



Centro: Trabalhadores rurais colhem morangos em uma colina em Oceanside, Califórnia (Foto: AP/Lenny Ignelzi)

desde então. O ano de 1961 foi também o ponto em que os níveis de renda per capita em Porto Rico atingiram cerca de um terço dos níveis existentes na parte continental dos Estados Unidos. ... Obviamente, há o fato também de que o custo de vida é mais baixo em Porto Rico, o que significa um diferencial de padrão de vida inferior ao sugerido por aquelas cifras. ...

Hoje, o México não tem níveis de renda equivalentes a um terço dos níveis americanos. Estão bastante abaixo daquele número atualmente. E eu não creio que eu queira argumentar sobre a existência de um ponto de reversão mágico em que, quando o país atinge um terço do PIB [produto interno bruto] per capita americano, a imigração se fecha, como fazemos quando fechamos o fluxo de água com uma torneira. Essa talvez seja uma sugestão muito mecânica.

Mas acredito que o caso de Porto Rico signifique, de fato, que há um ponto no qual o nível econômico do país doador, o doador de imigrantes, sobe o suficiente para que o volume de imigração caia de forma significativa. Esse ponto foi atingido na Alemanha, aproximadamente na década de 1880 ou início da década de 1890. A emigração alemã caiu nitidamente. E foi alcançado na Europa continental mais tarde, em diferentes países. A Coréia também atingiu esse ponto. A emigração da Coréia do Sul atingiu seu pico na década de 1980 e está agora bem abaixo do que antes.

E, portanto, acredito que aquele processo pode se repetir. Não estou preparado para prever com precisão quando. Mas é possível alcançar pontos de reversão em imigração nos quais [o] fluxo de emigração de um país específico para os Estados Unidos reduz-se de forma significativa.

HANSON: Gostaria de fazer um comentário um pouco diferente sobre aquele ponto porque estudei a emigração das Ilhas Virgens [americanas], por exemplo, [assim como] a de Porto Rico.

Parece que aquele ponto de reversão foi parcialmente atingido pelos programas Grande Sociedade dos anos 1960, que pela primeira vez ofereciam, a todos os americanos, atendimento médico de emergência gratuito, diversos níveis de assistência familiar e de Seguridade Social. Portanto, aquelas pessoas que eram cidadãs [naqueles territórios] ... descobriram que poderiam ter assistência

médica e receber uma remuneração mensal como cidadãos americanos. Não era muito diferente nos Estados Unidos. E aquele foi, de fato, o ponto em que as pessoas descobriram que não era tão vantajoso assim se mudar para os Estados Unidos. ...

Portanto, acredito que não teremos um ponto de reversão até que as pessoas do norte e do centro do México sintam que exista um sistema de saúde, de educação e de segurança semelhante ao dos Estados Unidos. ...

FIM DA IMIGRAÇÃO ILEGAL

PRESIDENTE:... Falamos muito sobre o México, mas... penso que todos sabemos da existência de fortes pressões de muitos países. ... Sabemos que muitas, muitas outras pessoas usam também a fronteira mexicana para entrar no país ilegalmente. Quais mecanismos práticos os [Estados Unidos]... podem aplicar para lidar com... imigração ilegal?

BARONE: Bem, podemos ser mais rígidos na fiscalização das fronteiras. Na verdade, isso tem acontecido nos últimos dez anos. Tanto o governo Clinton quanto o governo Bush atuaram nisso. Construímos muros nas áreas mais populosas da fronteira próxima de San Diego. ... Intensificamos o controle de fronteira em El Paso, e em algumas partes do sul do Texas.

É provável que possamos melhorar o controle das fronteiras, suponho, mas já fizemos muito disso. Outros meios para fazer aplicar a lei é... pedir que o Serviço de Imigração e Naturalização faça o fichamento de empregadores, verifique identificações, documentação e deportem imigrantes em situação ilegal. Acredito que nos níveis atuais de imigração ilegal isso não seja realmente prático ou viável. ... Portanto, penso que se o país quer trazer essas pessoas para a legalidade precisamos... regularizar a situação e harmonizar nossas leis com nossos mercados de trabalho.

PRESIDENTE: Dr. Hanson, na sua opinião, quais as soluções práticas para a questão?

HANSON: Acho que há três ou quatro [coisas] que podem ser feitas. ... Primeiro, é claro, como disse Michael, é aplicar sanções ao empregador. O problema agora é [que]... RGs [documentos de identificação] são fabricados muito facilmente. Precisaríamos ter um tipo [seguro] de carteira de identidade. ... E ajudaria se existisse uma multa severa para o empregador [que contrata mão-de-obra em situação ilegal].

Segundo, precisamos mudar a idéia arraigada nos Estados Unidos que transmite aos mexicanos no México a mensagem de que, vindo como trabalhador, a pessoa aprenderá inglês, colocará seus filhos na escola onde farão uma imersão no idioma, e que não será possível reproduzir a cultura do México.

E depois, em terceiro lugar, penso [ser] muito importante trabalhar o desenvolvimento econômico com o México. ... Vemos muito pouco disso acontecendo ao longo das fronteiras. ...

Se tivéssemos uma cota de 250 mil ou 100 mil imigrantes em situação legal, isso transmitiria ao México a mensagem de que, pela primeira vez em três décadas, o país não teria um total de US$ 12 bilhões em divisas estrangeiras [remessas], e que teria de tratar seus problemas porque não poderia mais contar com a exportação de dissidentes e o retorno de bilhões de dólares em divisas estrangeiras. ...

Uma última observação sobre anistia. ... Michael tem razão. Não pretendemos ir ao Condado de Fresno, chegar à minha cidade natal, arrancar alguém de 60 anos que está ilegalmente no país e colocá-lo num ônibus para Tijuana. Isso seria desumano.

Por outro lado, a anistia do passado tem sido uma anistia contínua. Cada [item] da legislação federal aprovada concede anistia em lugar de mudanças. As mudanças nunca acontecem, mas a anistia sim, e traz ainda mais pessoas através das fronteiras.

Portanto, se... todas as partes pudessem se reunir e dizer [que] esta será a última anistia a ser concedida e que será aplicada apenas a partir de mudanças radicais no conselho de fiscalização e nas cotas de imigrantes em situação legal, acredito que poderíamos chegar a uma legislação adequada. ...

BARONE:... Se tivermos uma cota efetiva de 250 mil para os imigrantes do México, teríamos de mudar as cláusulas de unificação familiar da atual legislação de imigração porque... essa é a base na qual a maioria dos imigrantes latinos, imigrantes em situação legal, entram no país.

IMIGRAÇÃO - NÃO É QUESTÃO DE DIREITA OU DE ESQUERDA

PRESIDENTE:... Finalmente, gostaria de completar com uma pergunta. Essa não seria portanto uma questão liberal-conservadora, uma questão de direita ou de esquerda nos Estados Unidos [como elas tendem] a ser?

BARONE: Penso que este seja um debate que segue em um continuum diferente, um espectro diferente. Temos ao longo da história americana, ou pelo menos desde as décadas de 1830 e 1840, quando começamos a registrar números significativos de imigrantes da Irlanda, outras culturas que eram diferentes da cultura existente nos Estados Unidos, tivemos movimentos de nativismo para excluir inteiramente os imigrantes.

E tivemos pessoas que eram simplesmente favoráveis à imigração aberta, muito comum nos anos que antecederam [às] leis de imigração de 1921 e 1924.

Portanto, como Victor Hanson descreve, pessoas favoráveis à economia de livre mercado, [como] o falecido Robert Bartley do *Wall Street Journal,* juntam-se aos defensores desse tipo de nacionalismo imigratório, ... como esses professores universitários de estudos *chicanos*. ...

HANSON: Isso é verdade. Eu acrescentaria um último comentário. Acredito que a questão tem a ver com classes sociais também. Penso que pessoas de esquerda ou de direita que são empregadores, intelectuais, professores... tendem a se beneficiar diretamente da imigração ilegal, no caso de alguns empregadores, ou vêem isso intelectualmente como parte de algo positivo.

Mas penso que outras pessoas das classes trabalhadoras que estejam competindo por um emprego ou... são de raças diferentes [ou] estão preocupados com a complexidade, em transformação, de suas comunidades, essas pessoas têm preocupações legítimas.

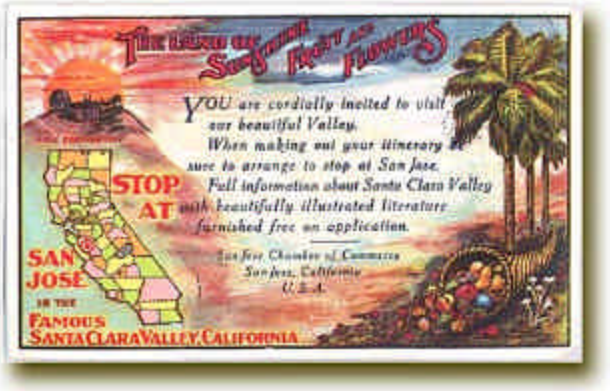
Portanto, minha experiência em falar com milhares de pessoas sobre o assunto é [que] posso praticamente prever, pelo nível de renda de uma pessoa, qual comportamento ela terá e o que ela faz para viver. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

UM VALE NA CALIFÓRNIA

James Houston

A geografia singular da Califórnia – fronteiriça à América Latina e, ao mesmo tempo, de frente para o Oceano Pacífico – moldou uma cultura rica e vigorosa, diz o autor. Ele reflete sobre as várias mudanças demográficas e paisagísticas, especialmente na região do Vale de Santa Clara onde foi criado. "A história desse vale é uma clássica história da Califórnia", conta ele, "o que significa que está entremeada com as contradições de uma terra que tenta continuamente encontrar um modo de se reinventar". Como tantas regiões dos Estados Unidos do século 21, a Califórnia "abriga agora famílias vindas da Guatemala e de El Salvador, da Jordânia e do Afeganistão, de Samoa, de Taiwan e do Camboja". Segundo o autor, dada à diversidade étnica cada vez maior, talvez o maior desafio que a Califórnia enfrenta hoje é "aprender a conviver nesse mundo multicultural novo e ainda não de todo conhecido, ensinando uns aos outros como ouvir e como ver através das fronteiras que com tanta freqüência nos separaram".



Um cartão promocional da Câmara de Comércio das primeiras décadas do século 20 destaca os encantos bucólicos do Vale de Santa Clara (Cortesia: site History San Jose)

Meu pai se mudou para a Califórnia, vindo de Oklahoma, durante a Grande Depressão da década de 1930. Como milhares de outras pessoas, ele fugia da estiagem e das lavouras secas da região conhecida como "The Dust Bowl", em direção ao oeste, em busca de uma vida melhor. Embora não tenha cruzado nenhuma fronteira nacional para chegar à Califórnia, ele atravessou um deserto e duas cadeias de montanha. Naqueles dias anteriores ao avião a jato e aos veículos motorizados, era uma jornada longa e arriscada. Os empregos eram escassos, e os *okies*, assim apelidados os migrantes de Oklahoma – vistos como refugiados –, não eram bem-vindos. Mas, de qualquer forma, ele veio, desesperado, como em geral estão os imigrantes, buscando um modo de mudar a sorte.

Ele acabou encontrando trabalho como pintor de paredes. As atividades de defesa para a Segunda Guerra Mundial trouxeram nova prosperidade para a costa oeste dos Estados Unidos. Por volta de 1948, ele havia economizado dinheiro suficiente para comprar um pedaço de terra no Vale de Santa Clara – uma casa de fazenda, alguns galpões e dois hectares de ameixeiras roxas que produziam ameixas secas da melhor qualidade. Por ser pintor, ele não trabalhava mais na terra, mas ainda assim apreciava a vida no campo.

Aqueles hectares o transformavam em dono de um pedacinho do que era então chamado "O maior pomar do mundo". A Califórnia é famosa por se atribuir qualidades de tal grandeza. Ocorre que esta é verdadeira. Por mais de meio século, a planície extensa e fértil do Vale de Santa Clara – durante muito tempo, a extremidade sedimentada ao sul da Baia de São Francisco – esteve coberta por seis milhões de árvores frutíferas. E a maior parte delas podia ser vista de uma estrada rural que acompanhava a base das Colinas do leste. Essa estrada era chamada Blossom Hill Road. Toda primavera nos amontoávamos no carro do meu pai – minha mãe, minha irmã, minha avó e eu – em excursão, para testemunhar a primeira florada. Outros chegavam lá, normalmente antes de nós, com os carros estacionados na parte mais alta da estrada. Do mesmo modo que turistas viajam para o nordeste dos Estados Unidos para ver a cor vívida do outono em seu auge, as pessoas vinham de locais próximos e distantes para contemplar a paisagem florida em branco e rosa – ameixas, pêras, maçãs e cerejas – que formavam um mar de flores aveludado em terra firme.

Era uma cerimônia periódica para celebrar tanto a repentina manifestação de beleza quanto os frutos que em breve viriam. Apesar de seu clima mediterrâneo, esse

James D. Houston é autor de sete romances, inclusive a trilogia Continental Drift, Love Life e The Last Paradise, *que recebeu premiação do American Book Award de 1999. Entre seus vários livros de não-ficção estão* Californians, A Pacific Basin Journey e Farewell to Manzanar, *escrito com sua mulher, Jeanne Wakatsuki Houston. Jim lecionou redação no campus de Santa Cruz da Universidade da Califórnia por mais de 20 anos; também trabalhou como músico e deu aulas de violão clássico e popular. Jim e Jeanne moram em Santa Cruz, Califórnia.*

vale não era um local bucólico isolado e distante dos centros de comércio. Seu centro comercial era San Jose, uma pequena, porém próspera cidade de aproximadamente 70 mil pessoas e líder mundial no processamento de frutas enlatadas e secas. Ali foi desenvolvido um maquinário inovador que alterou a forma de colheita e preservação de alimentos. Em meu tempo de estudante de ensino médio e faculdade, a maioria de nós ganhava dinheiro no verão trabalhando nos pomares – colhendo pêssegos junto com imigrantes do México, colocando bandejas de damascos para secar ao sol – ou em uma das inúmeras fábricas de enlatados que ficavam ao redor da cidade. Daqui, pêras em metades e néctar de pêssego, ameixas em calda e secas, molho de maçãs e coquetel de frutas eram embarcados para todas as regiões dos Estados Unidos, bem como para outras partes do mundo.

A ATRAÇÃO DO OESTE DOURADO

Percorrendo o vale atualmente, você entra em outro mundo, com outra identidade, outra aparência e outro nome. Ainda é emoldurando a leste e a oeste por dois braços da longa cadeia de montanhas que percorre o litoral da Califórnia. Mas estradas como a Blossom Hill, que ligavam fazendas e sítios, são ladeadas agora por casas e condomínios, gramados e garagens formando milhares de subdivisões. Quase dois milhões de pessoas vivem no vale atualmente. Por exemplo, o condado de Los Angeles, 480 quilômetros ao sul, é uma colcha de retalhos de cidades vizinhas separadas somente por placas de "Divisa de Município" indicando onde termina um e começa o outro. San Jose, ainda o centro comercial, tornou-se a 11ª maior cidade dos Estados Unidos. A transformação da região foi tão completa que do topo de Blossom Hill vê-se um mar de telhados e antenas parabólicas, brilhando aqui e ali com o reflexo de alguma piscina no quintal.

Aquele glorioso espetáculo da primavera já não existe mais, nunca acontecerá de novo, e é muito tarde agora para chorar a perda, muito tarde para lamentos e nostalgia. A Califórnia é uma terra com um crescimento tão desenfreado, que o ritmo inexorável da mudança em si confunde as pessoas. Dou graças por ter tido a oportunidade de ver aquele oceano de flores antes que desaparecesse.

Durante as décadas de 1950, 1960 e 1970, compradores como meu pai chegavam de outras partes da Califórnia, de outros lugares dos Estados Unidos e de outros países em busca de um pedaço do oeste dourado. O vale ficava a uma hora apenas de San Francisco. O clima que havia atraído fazendeiros e agricultores atraia também esses recém-chegados. A população da Califórnia estava aumentando à proporção de mil pessoas por dia (chegando agora a 1.500 por dia, todos os dias da semana, todos os anos), e os números do vale dispararam com o resto do Estado, devorando sistematicamente um dos mais férteis e produtivos solos da Terra. O valor das terras de cultivo não poderia competir de forma alguma com o valor cada vez maior dos imóveis.

Se meu pai ainda estivesse vivo, ficaria surpreso e provavelmente zangado em saber que havia tido uma pequena, porém emblemática participação, na situação atual do vale. Ele adorava a visão das ameixeiras em flor; cuidava delas sempre que podia. Mas ele não era um agricultor; fazia serviços de pintura e tinha uma família para sustentar. De tempos em tempos vendia um quarto de hectare. À medida que a terra sofria modificações no zoneamento e no valor, os compradores a subdividiam e vendiam lotes menores. Percorrendo nossa vizinhança atualmente, vejo que aqueles dois hectares de ameixeiras foram substituídos por 15 casas com 15 garagens para dois carros e 15 gramados com 15 sistemas de irrigação. Meu pai, um imigrante de Oklahoma, certamente lamentaria essa visão. Mas quando ele vendeu o primeiro lote, quem poderia imaginar o que resultaria daquilo? Ele precisava do dinheiro, e ainda havia fileiras apinhadas de árvores até onde a vista alcançava.

DÉCADAS DE MUDANÇAS

A história desse vale é uma clássica história da Califórnia, o que significa que está entremeada com as contradições de uma terra que tenta continuamente encontrar um modo de se reinventar. Enquanto um recurso precioso foi sufocado e um setor de excelência, desmantelado, outro já surgia a seu lado. A valorização dos imóveis foi acelerada pelo entusiasmo e expectativa econômica das descobertas tecnológicas geradas na mesma atmosfera inovadora que fez do vale uma potência agrícola.

Aqui, seguindo o ganhador do prêmio Nobel William Shockley quando se mudou para o oeste ao deixar os Laboratórios Bell, engenheiros desenvolveram o circuito integrado. Engenheiros da Intel inventaram o microprocessador. Steve Jobs e Steve Wozniak, trabalhando em sua garagem lendária, desenvolveram o

computador pessoal e fundaram a Apple Computer. A empresa Cisco Systems criou os roteadores que direcionam o tráfego através da internet. Na vanguarda da revolução da alta tecnologia, o Vale do Silício atraiu bilhões de dólares em capital de risco, bem como uma nova geração de aventureiros.

Assim, embora os pomares grandes e pequenos tenham sido removidos, há de tudo em maior número – mais dinheiro, mais milionários, mais casas elegantes empoleiradas em colinas com vista, assim como maior número de sem-teto, mais crimes, mais carros, mais violência nas estradas e mais estudantes qualificados do que as faculdades da comunidade e a universidade estadual podem atender. No entanto, juntamente com tudo isso vieram mais concertos e revistas literárias, mais teatros e espetáculos de dança (um novo centro de apresentações artísticas, novas galerias, novas bibliotecas), e mais famílias vindas dos mais diversos países, trazendo dos quatro pontos cardeais suas diferentes histórias. A geografia singular da Califórnia – fronteiriça com a América Latina e, ao mesmo tempo, de frente para o Oceano Pacífico – moldou, a partir desse cruzamento, uma cultura rica e vigorosa. E, mais uma vez, o vale reflete os padrões da população de todo o Estado.

UM OLHAR PARA O PASSADO

Primeiramente aqui viviam os índios, caçando e colhendo alimentos enquanto vagavam pela planície pontilhada de carvalhos durante milhares de anos. Várias centenas de descendentes dessas tribos primitivas ainda habitam o vale. Em 1769, os soldados espanhóis chegaram a pé vindos do México, logo seguidos por colonizadores que migraram para o norte em caravanas, até encontrar El Pueblo de San Jose de Guadalupe, um posto avançado rural destinado a incentivar a colonização e fornecer produtos agrícolas para missões franciscanas vizinhas, fundadas para cristianizar os índios. Uma dessas foi denominada (em 1777) Santa Clara de Assis.

Até 1848, a Califórnia inteira era uma província do norte do México, e espanhol era a língua oficial. (Ainda agora, para vários milhares de seus habitantes, é o primeiro idioma que se aprende.) A descoberta de ouro na Califórnia desencadeou uma grande onda de migração interna, assim como a promessa de enriquecimento rápido atraiu multidões que cruzaram o continente, vindas do leste dos Estados Unidos e, de navio, vindas da Europa, do Chile e do Peru, da China, da Malásia e das ilhas do Pacífico. Logo, imigrantes da França e da Itália estavam plantando vinhedos no Vale de Santa Clara, onde o solo e o clima os faziam recordar as terras que haviam deixado para trás. Um dos mais famosos foi Paul Masson, que vivia em San Jose e iniciou a produção de champanhe nos Estados Unidos.

Da Corrida do Ouro em diante, a maioria dos colonos – fazendeiros, vaqueiros e agricultores que povoaram o vale – era de origem anglo-européia. Mesmo assim, quando minha família chegou, a diversidade cultural já era há muito tempo uma característica da região. Durante meu tempo de escola e de faculdade na década de 1950, tive amigos cujos pais vieram da Sérvia, dos Açores, do Havaí, das Filipinas, do México, da China e do Japão.

Cinqüenta anos depois, é um mundo que meu pai não reconheceria. Como tantas regiões dos Estados Unidos do século 21, agora é multicultural e abriga muitas famílias vindas da Guatemala e de El Salvador, da Jordânia e do Afeganistão, de Samoa, de Taiwan e do Camboja. Atualmente os imigrantes do Vietnã ultrapassam em número toda a população do vale do meu tempo de estudante. Imigrantes da Índia têm à sua disposição quatro publicações locais. Em três quarteirões de uma importante alameda, metade das placas das lojas e restaurantes está escrita em caracteres coreanos, com algumas delas sem tradução para o inglês. O dia em que o México comemora a vitória sobre as forças francesas na batalha de Puebla de 1862 – o Cinco de Maio – é festejado com uma grande parada e um festival.

UM OLHAR PARA O FUTURO

Depois de um século e meio de colonização contínua, ocorre uma enorme experiência social no Vale de Santa Clara, bem como no restante da Califórnia. Até recentemente, poucas regiões abrigavam pessoas de tantas origens diferentes e que buscam modos de coexistir. Para algumas pessoas, isso assoma como uma ameaça – agora que os brancos não constituem mais a maioria étnica. No entanto, pelo que sei, o fato em si não é causa de grande alarme.

Minha mulher é descendente de japoneses. Nós nos conhecemos na faculdade quando o pai dela – vindo de Hiroshima para o ocidente através do Pacífico no início do século 20, pela mesma razão que meu pai sentiu-se atraído pelo oeste – cultivava morangos perto das colinas baixas do lado leste. Nossos três filhos são eurasianos. Em uma recente comemoração de feriado

estavam presentes à mesa a esposa de meu filho, com meia ascendência chinesa, e o marido de nossa filha mais velha, que é judeu. Eu, filho de um *okie* com ancestrais escoceses e irlandeses, era minoria étnica em minha própria mesa. E dou meu testemunho de que se pode passar uma noite assim e realmente ter uma refeição agradável.

Chegou o momento de reexaminar a palavra "minoria", já que se refere a muito mais que simples números. Para nós, que durante muito tempo constituímos a "maioria", pode soar ameaçador, com a conotação de uma categoria inferior, de estarmos marginalizados, fora da regra geral. Mas, e se simplesmente deixarmos de lado essa palavra e procurarmos outras formas de nos descrever e descrever nossas diferenças? O termo só é útil quando há uma maioria com que comparar. Se já não há mais uma maioria étnica no Estado da Califórnia, então a diversidade se torna a norma e a regra geral, e todos nós estaremos mais perto de ser pessoas da mesma categoria de variados matizes e origens que, por acaso, habitam o mesmo lugar.

UM VALOR AMERICANO:
Empreendedorismo

William (Bill) H. Gates, inspirado pela crença de que o computador pessoal seria uma ferramenta importante em casa e no trabalho, fundou uma empresa de computadores com o amigo de infância Paul Allen em 1975. A Microsoft Corporation, a empresa criada por eles, tornou-se em pouco tempo a maior desse setor e emprega atualmente mais de 55 mil pessoas em 85 países no mundo todo. Gates, nascido em 1955, começou a programar computadores com 13 anos e, ainda na faculdade, desenvolveu uma versão da linguagem de programação BASIC para o primeiro microcomputador. Ele transmitiu sua visão acerca da promessa que o computador representava em livros publicados em 15 idiomas, mediante apoio ao ensino de tecnologia e da Corbis, uma empresa fundada por ele e que está formando um dos maiores arquivos digitais de informação visual do mundo. Ele compartilha sua riqueza por meio da Fundação Bill e Melinda Gates, que destinou mais de US$ 3,2 bilhões a organizações dedicadas à saúde mundial e mais de US$ 2 bilhões para melhorar as oportunidades no ensino.

Isso não tem a intenção de minimizar as sérias tensões no ar e nas ruas. Quando visito novamente o lugar em que fui criado, me parece que, de todos os desafios enfrentados pelo Vale de Santa Clara/Vale do Silício, talvez o maior seja aprender a conviver nesse novo e não de todo conhecido mundo multicultural, ensinando uns aos outros a ouvir e a ver através das fronteiras que comumente nos mantêm separados. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

UMA CIDADE NA VIRGÍNIA OCIDENTAL

Henry Louis Gates

Henry Louis Gates, em trechos de seu livro de memórias, Colored People*, de 1994, faz reflexões sobre sua infância na pequena comunidade rural de Piedmont, na Virgínia Ocidental, nos anos anteriores ao movimento pelos direitos civis que culminou com a integração racial nos Estados Unidos. Suas reflexões começam com algumas observações introdutórias dirigidas às suas filhas e continuam oferecendo um rápido panorama do local, com todas as suas implicações sociais, políticas e geográficas. No adendo, Mark Jacobs descreve sua recente visita a Piedmont e comenta sob que aspectos a cidade se modificou e sob que outros permanece a mesma, desde os tempos da infância de Henry Louis Gates até os dias de hoje.*

Henry Louis Gates, Jr., é professor de Humanidades da cátedra W.E.B. DuBois da Universidade de Harvard e presidente do programa de Estudos Afro-Americanos de Harvard. Ensaísta, crítico e analista social proeminente, entre seus livros estão Figures in Black *e* The Signifying Monkey.

PREFÁCIO

Queridas Maggie e Liza:

Escrevi a vocês porque o mundo em que nasci, o mundo que me nutriu e sustentou, desapareceu misteriosamente. Meu grande receio é que Piedmont, na Virgínia Ocidental, deixe de existir, caso alguns executivos da Park Avenue decidam ser mais lucrativo construir uma fábrica de papel inteiramente nova do que reformar a que já existe há um século. Então, eles fechariam a fábrica, como fizeram em Cumberland com a Celanese, a Pittsburgh Plate Glass e a Kelly-Springfield Tire Company. A cidade morrerá, mas nossa população não vai se mudar. Nada a fará mudar. Porque para ela, Piedmont – aninhada entre as Montanhas Allegheny e o Vale do Rio Potomac – é a própria vida.

Não sou um negro típico. Não venho das grandes metrópoles negras: digamos, Nova York, Chicago ou Los Angeles. Nem posso me considerar um "cidadão do mundo". Sou de um tempo e de um lugar – Piedmont, na Virgínia Ocidental – que é um mundo à parte, um mundo diferente.

Portanto, esta não é a história de uma raça, mas a história de uma vila, de uma família e de seus amigos. E de uma espécie de paz segregada.

Ao longo da vida, suponho, vocês passarão de afro-americanas a "*people of color*" [pessoas de cor, termo considerado não racista nos EUA de hoje], para voltarem a ser "*colored people*" [termo usado durante a segregação racial nos EUA e atualmente considerado ofensivo]. (A lingüística tem forte tendência à condensação). A mim, pouco importam os nomes. Mas, devo confessar que prefiro "*colored*", talvez porque quando escuto essa palavra eu a ouço na voz de minha mãe e nas tonalidades sépias de minha infância. Sem recorrer a artifícios e da maneira mais honesta possível, tentei evocar o mundo *colored* dos anos 1950, o mundo negro do início dos anos 1960 e o advento do mundo preto no final da década de 1960, do ponto de vista do menino que fui.

NEGROS

Na encosta de uma colina das Montanhas Allegheny, a duas horas e meia à noroeste de Washington e ao sudeste de Pittsburgh, amontoada ao longo da crista do monte "Old Baldie" como manteiga sobre o lado denteado de um pãozinho Parker House, fica Piedmont, na Virgínia Ocidental (cuja população era de 2.565 habitantes em 1950, quando eu nasci), a segunda maior cidade do Condado

Um cartão postal histórico mostra esta vista bucólica de Piedmont, por volta de 1920 (Cortesia: Blackwood Associates)

Mineral. O Estado da Virgínia Ocidental é famoso por seus montes, as Montanhas Allegheny, que se estendem ao longo do Rio Potomac a leste e do Rio Ohio a oeste, tendo os rios Kanawha e Guyandotte ao sul. E de todas as cadeias de montanhas contempladas pelos montanheses ribeirinhos, nenhuma é mais bela do que a que se estende ao sul do Vale do Potomac, dominada pelo Gates Point, o promontório mais alto do condado, e que se eleva acima do Riacho Patterson.

A maioria dos negros do Condado Mineral vivia em Piedmont – 351 num total de 22 mil habitantes.

Para minhas filhas, toda Piedmont deve parecer uma cidade acinzentada e decadente, cujos tijolos estão se desintegrando um a um, como minha velha escola. Sua população diminuiu para cerca de 1.100 almas, das quais 300 são de negros, uma população cuja idade média aumenta a cada ano, de tal forma que as figuras vigorosas que dominaram a minha juventude – ao menos as que sobrevivem – devem parecer às minhas filhas velhos encanecidos. Não, minhas filhas jamais conhecerão Piedmont, jamais experimentarão a magia que ainda posso sentir de um lugar onde aprendi a ser um menino negro.

O ano 1950 em Piedmont foi uma época sépia ou, pelo menos, foi essa a cor que lhe deu minhas memórias. Piedmont era próspera e crescia, uma vila de esplendores indiscutíveis. Chamo de vila, mas esse é um termo mal visto por alguns. ("Cidade de Classe Três" é o eufemismo oficial do Estado de Virgínia Ocidental).

Vila ou cidade, ou qualquer coisa entre as duas – não importa. As pessoas de Piedmont sempre se orgulharam de ser de Piedmont – aninhada em uma parede de montanhas, bem às margens do poderoso Potomac. Sabíamos que Deus não havia dado aos Estados Unidos lugar mais lindo.

E conhecíamos sua topografia social como a palma de nossas mãos. Piedmont era uma cidade de imigrantes. A Piedmont branca era constituída de italianos e irlandeses, com um punhado de ricos WASPs [protestantes anglo-saxões brancos] na Rua East Hampshire e uma vizinhança "étnica" de pessoas da classe trabalhadora, negras e brancas, em todos os outros lugares.

Até onde é possível lembrar, a característica de Piedmont sempre esteve ligada à fábrica de papel Westvaco: seu passado próspero e seu futuro duvidoso. À primeira vista, Piedmont é uma típica cidade fabril em decadência, com sua infra-estrutura em frangalhos e a resignação de seu povo a seu manso declínio. Muitos prédios anteriormente belos foram abandonados. Eles permanecem vazios e mal cuidados como testemunhas de um tempo passado vigoroso e imponente. Os casarões da rua East Hampshire já não são tão imponentes quanto o eram em minha infância.

Nos dias parados, quando o ar está pesado, Piedmont exala o odor de ovo podre característico de uma sala de aula de química. O cheiro acre e sulfúreo dos alvejantes usados na fábrica de papel se espalha pelo vale, impregnando paredes, roupas, móveis e pele. Não há perfume capaz de disfarçá-lo totalmente. Esse cheiro é tão parte do vale quanto o rio, e a população que lá vive pouco se incomoda com ele. "Para mim, cheira a dinheiro", aprendemos a dizer em sua defesa, desde crianças. Logo abaixo da East Hampshire, como se uma diagonal tivesse sido traçada a um ângulo de 30 graus em sentido descendente até o fim, ficava a rua Pearl, que os negros chamavam de "Rua do Rabo do Rato", porque ela serpenteava montanha abaixo até o fundo do vale, onde os trilhos da ferrovia B&O corriam em direção a Keyser, a sede do condado. Lá viviam brancos pobres como a família de Bonnie Gilroy e outras cinco famílias de pretos. Mudamos para lá quando eu tinha quatro anos.

Como os italianos e os irlandeses, a maioria dos negros migrou para Piedmont na virada do século 20 para trabalhar na fábrica de papel, que abriu em 1888. Quase todos os moradores das Três Cidades trabalhavam lá. As Três Cidades – três cidades de tamanho similar – estavam ligadas por duas pontes sobre trechos do Potomac que ficavam a menos de 1,6 quilômetros de distância uma da outra: Piedmont, na Virgínia Ocidental; Luke em Maryland; e Westernport, em Maryland, o ponto navegável mais a oeste do rio, entre Pittsburgh e a Baía de Chesapeake. Os italianos e os irlandeses... junto com uns poucos brancos mais

pobres, tinham os melhores empregos na fábrica de papel, incluindo todos os pertencentes aos sindicatos de ofícios. Isso era importante, porque esses ofícios exigiam habilidade e capacitação, e os trabalhadores qualificados recebiam salários altos. Só em 1968 os sindicatos de ofícios fizeram a integração racial na fábrica.

Até o terceiro trimestre de 1968, todos os negros da fábrica trabalhavam na "plataforma" – carregando caminhões com papel. ... O produto final era acondicionado em skids, grandes engradados de madeira contendo papel, que podiam pesar até 3.150 quilos cada um. Os skids eram transportados da fábrica para a plataforma de embarque por empilhadeiras e então eram carregados em enormes carretas que os levavam para seu destino. Carregar era o que meu pai fazia todos os dias úteis de sua vida de trabalhador. Isso era o que faziam quase todos os negros adultos que conheci. Todos os dias às 6 horas da manhã, papai saía para a fábrica onde trabalhava até às 15h30, quando soava o apito da fábrica. A fábrica tinha tal importância para a vida da cidade que a escola dispensava os alunos no mesmo horário. Nós jantávamos às 16h00, para que papai pudesse chegar a seu segundo emprego, de faxineiro da companhia telefônica, às 16h30. Seu dia de trabalho terminava às 19h30, a menos que houvesse um jogo de beisebol, em Orchard ou no parque em Westernport, aí ele saía mais cedo.

Quase todos os negros de Piedmont trabalhavam na fábrica de papel e ganhavam salários iguais, porque todos faziam o mesmo serviço na plataforma.

UM VALOR AMERICANO:
Superação de Adversidades

Mostrando a garra e a determinação que nascem de um intenso espírito competitivo, **Lance Armstrong** lutou contra os efeitos de uma doença mortal para se tornar o mais celebrado ciclista desta, e possivelmente de qualquer outra, geração. Nascido em 1971, Lance já era um dos melhores ciclistas do mundo quando, aos 25 anos, soube que sofria de um câncer agressivo nos testículos. A doença se espalhou

para o abdômen e os pulmões e duas lesões cancerosas ameaçavam seu cérebro. Determinado a lutar, ele assumiu um papel ativo buscando se informar sobre a doença e passou por cirurgia e quimioterapia. Mesmo antes de se restabelecer totalmente, criou a Fundação Lance Armstrong para inspirar outros pacientes de câncer e tornou-se o porta-voz mundial das pessoas com câncer. Segundo Armstrong, na luta contra o câncer, "conhecimento é poder e atitude é tudo". Ele provou isso vencendo todos os *Tour de France*, a competição de ciclismo mais importante do mundo, desde 1999.

O mundo negro era mais uma condição de existência do que propriamente um bairro. E, embora nosso mundo fosse aparentemente fechado em si mesmo, ele permeava o mundo dos brancos de Piedmont em quase todas as direções.

Quando papai era adolescente, as orquestras de dança costumavam se apresentar no salão de baile Crystal Palace em Cumberland, Maryland. À noite tocavam uma série ou duas de músicas para os brancos e depois, à meia-noite, faziam um show especial para os negros. Papai dizia que todo mundo comparecia – os mutilados, os doentes, os moribundos e os mortos. Duke Ellington, Cab Calloway. E Don Redman da própria Piedmont. Depois de um tempo, passamos a ter nossos próprios locais de dança – a negra Legião Americana, e mais tarde o VFW (Veteranos de Guerras Estrangeiras).

Eu ficava admirado de como as novas danças se disseminavam pela comunidade negra, mesmo em pequenas cidades como a nossa. Alguém ia visitar parentes em outro lugar, lá freqüentava festas, e assim era. Traziam o que aprendiam por lá e ensinavam a todos, fazendo demonstrações à noite nas ruas ou em festas realizadas no porão da casa de alguém.

Antes de 1955, a maioria dos brancos que aparecia em nosso mundo era formada de presenças difusas, vagas figuras do poder como nossos chefes distantes na fábrica ou os caixas do banco. Havia exceções, é claro, como os brancos que vinham diariamente ao nosso mundo cumprir um ritual que todos entendíamos. O senhor Carteiro, o senhor Corretor de Seguros, o senhor Homem do Leite e do Achocolatado, o senhor Senhorio, o

senhor Policial: Chamávamos os brancos pelo nome de seus ofícios, como personagens alegóricos em uma peça de mistério. O senhor Corretor de Seguros vinha a cada quinze dias para receber o pagamento dos prêmios das apólices de seguro de vida ou de educação, às vezes cinqüenta centavos de dólar, ou menos. Mas meu visitante branco favorito era o homem da Jewel Tea, que chegava em seu caminhão marrom escuro em forma de capacete, uma espécie de jipe adaptado, e, como o homem da Sears, trazia novos utensílios domésticos para nossa casa. Eu adorava ver os seus catálogos. Sr. Homem da Jewel Tea, posso ver os seus catálogos? Por favor?

E, evidentemente, trombávamos com o mundo dos brancos no hospital de Keyser, na cooperativa de crédito de Westernport ou em alguma das lojas do centro da cidade. Mas os nossos bairros estavam claramente demarcados como se por cordas ou catracas. Bem-vindos à Zona dos Negros, poderia estar estampado em uma grande faixa estendida. E nos sentíamos bem ali, andando pela casa de pés descalços e roupa íntima, ou roncando bem alto no sofá em frente à televisão – embalados pelo conforto do lar e o calor dos que amamos.

As pessoas de Piedmont são nacionalistas virulentos – os nacionalistas de Piedmont. E o nosso credo era este:

Tudo o que existe em Nova York existe também em Piedmont, só que lá as proporções são maiores. A mesma coisa, só que maior. E, se você fosse um estudante: você poderia ter uma boa

educação em qualquer lugar. Eles têm os mesmos livros, não têm? Apenas as salas de aula são maiores, só isso.

Se não fosse por isso, Piedmont levava todas as vantagens. Vocês sabiam que a ladeira Kenny House foi tema do programa *Ripley's Believe It or Not* por ser a única rua no mundo de onde se pode entrar em todos os três andares de um único prédio? Isso fez dela o local mais famoso desta cidade de classe três; nossas outras atrações foram menos divulgadas.

Como a mortadela do Dent Davis, que era tão boa que quando os negros vinham visitar sua cidade natal, Piedmont, para o piquenique da fábrica realizado todos os anos no Dia do Trabalho, levavam quilos dela para onde quer que fossem os tristes lares pelos quais trocaram Piedmont. Junto levavam latas vermelho brilhante de Xarope King… com um aro de metal embutido na tampa, do tipo que para abrir é preciso usar a orelha de um martelo. … Alguns deles, cujo paladar era mais requintado, levavam para casa algumas jarras de nossa água da torneira. E isso era antes que alguém pudesse pensar em comprar água engarrafada. Hoje, as pessoas em Piedmont não podem imaginar isso. Um dólar por uma garrafa de água! Tínhamos uma água excelente em Piedmont, a melhor água potável do mundo, se perguntassem a qualquer um de nós.

A mortadela do Dent, nossa água, nosso xarope King e o piquenique anual da fábrica de papel, tudo contribuía para a forte atração que Piedmont exercia sobre seus habitantes, até mesmo sobre os que dela saíram em diáspora. E depois, havia nosso vale. Em nenhum lugar jamais vi negros que fossem tão loucos por montanhas e água, flores e árvores, pesca e caça. Desde que se pode lembrar, superávamos os meninos brancos do vale na caça, no tiro e na natação. No entanto, não exibíamos nossos rifles e revólveres porque isso poderia deixar os brancos nervosos demais. Picapes e música country – isso era pedir demais, ao menos nos anos 1950. Mas, com o tempo, isso também chegaria, tão logo a integração racial atingisse a segunda geração. O preço do progresso, suponho. ■

Publicado originalmente na revista *U.S. Society and Values*, *USA Electronic Journals*, vol. 1, nº 10, agosto de 1996.
Reproduzido por cortesia do Professor Henry Louis Gates, Jr.

ADENDO
—PIEDMONT HOJE—

Mark Jacobs

Piedmont é uma pequena cidade no nordeste da Virgínia Ocidental que se tornou menor desde que o eminente acadêmico Henry Louis Gates lá cresceu. Quando Gates nasceu em 1950, a população de Piedmont era de 2.565 habitantes. Hoje, segundo a mais recente estimativa do Escritório do Censo dos EUA, 1.014 pessoas vivem lá. Com pouco mais de 27 mil moradores, todo o Condado Mineral, onde Piedmont está localizada, tem uma população bastante esparsa.

Gates está entre os primeiros alunos afro-americanos a freqüentar as recém-integradas escolas públicas de Piedmont, após a decisão da Suprema Corte sobre o caso Brown v. Conselho de Educação em 1954. Ele se interessou pelas questões locais de direitos civis e, como participante

do grupo que veio a ser conhecido como o "Quarteto Ameaçador" , pressionou o restaurante e clube noturno Blue Jay a cumprir a integração racial.

Em termos relativos, pouca coisa mudou desde que as memórias de Gates sobre sua infância e adolescência em Piedmont foram publicadas em 1996. Nenhum grande empregador apareceu. A fábrica de papel Westvaco continua funcionando. Como a maioria dos homens de seu tempo, o pai de Gates trabalhou na Westvaco. De propriedade da Mead Westvaco Corporation, a fábrica continua sendo a maior fonte de empregos para os residentes de Piedmont, negros e brancos.

O reverendo Bart Thompson, pastor da Igreja Metodista Trinity United em Piedmont, fala sobre a necessidade de a cidade mudar para acompanhar as "mudanças da economia" no país. O chefe de Polícia, Paul Karalewitz, que vive há 28 anos em Piedmont, aponta vários pequenos negócios como um sinal de progresso. No jornal *Piedmont Herald*, Mary Lou Kady mostrou-se igualmente otimista. Ela diz que a cidade é "basicamente a mesma", desde quando as memórias de Gates foram publicadas. Kady, que nasceu e cresceu em Piedmont, diz: "Eu não moraria em nenhum outro lugar. É uma grande cidadezinha... com clima de cidade pequena".

Devido à sua localização nas Montanhas Allegheny, Piedmont e o Condado Mineral são conhecidos por sua beleza agreste natural. Para aqueles que a conhecem, essa região rural da Virgínia Ocidental continua a exercer a mesma poderosa atração para os olhos e a memória que exerceu sobre o autor de *Colored People*. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

BIBLIOGRAFIA

LEITURA ADICIONAL SOBRE OS ESTADOS UNIDOS E SEUS CIDADÃOS DE HOJE

Alba, Richard D. e Victor Nee. *Remaking the American Mainstream: Assimilation and Contemporary Immigration* [Uma Nova Versão da Característica Americana Dominante: Assimilação e Imigração Contemporânea]. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2003.

Barkan, Elliott Robert. *And Still They Come: Immigrants and American Society, 1920 to the 1990s* [E Eles Continuam Chegando: Os Imigrantes e a Sociedade Americana, de 1920 à década de 1990]. Wheeling, IL: Harlan Davidson, 1996.

Barone, Michael. *The New Americans: How the Melting Pot Can Work Again* [Os Novos Americanos: O Que Fazer para Que o Caldeirão Cultural Funcione Outra Vez]. Washington, DC: Regnery Publishing, 2001.

Bellah, Robert N. *et al. Habits of the Heart: Individualism and Commitment in American Life* [Hábitos do Coração: Individualismo e Compromisso na Vida Americana], edição atualizada com nova introdução. Berkeley, CA: University of California Press, 1996.

Brooks, David. *On Paradise Drive: How We Live Now (And Always Have) in the Future Tense* [Na Estrada do Paraíso: Como Vivemos Hoje [e Sempre Vivemos] no Futuro do Indicativo]. Nova York: Simon & Schuster, 2004.

Cullen, Jim. *The American Dream: A Short History of an Idea That Shaped a Nation* [O Sonho Americano: Uma Pequena História sobre uma Idéia Que Moldou uma Nação]. Nova York: Oxford University Press, 2003.

Departamento de Estado dos EUA, Programas de Informações Internacionais. *About America: The Constitution of the United States of America With Explanatory Notes* [Sobre os Estados Unidos: A Constituição dos Estados Unidos da América com Notas Explanatórias]. Washington, DC: Departamento de Estado dos EUA, julho de 2004. http://usinfo.state.gov/products/pubs/constitution/

D'Souza, Dinesh. *What's So Great About America* [O Que os Estados Unidos Têm de Tão Maravilhoso]. Washington, DC: Regnery Publishing, 2002.

Earle, Robert L. e John D. Wirth, orgs. *Identities in North America: The Search for Community* [Identidades na América do Norte: Em Busca de uma Comunidade]. Stanford, CA: Stanford University Press, 1995.

Garreau, Joel. *The Nine Nations of North America* [As Nove Nações da América do Norte]. Boston: Houghton Mifflin, 1981.

Halberstam, David, org. *Defining a Nation: Our America and the Sources of Its Strength* [Definição de uma Nação: Os Estados Unidos e as Fontes de sua Força]. Washington, DC: National Geographic Society, 2003.

Hanson, Victor Davis. *Mexifornia: A State of Becoming* [Mexifórnia: Um Estado em Transformação]. São Francisco: Encounter Books, 2003.

Himmelfarb, Gertrude. One Nation, *Two Cultures* [Uma Nação, Duas Culturas]. Nova York: Knopf, 1999.

Huntington, Samuel P. *Who Are We?: The Challenges to America's National Identity* [Quem somos?: Desafios à Identidade Nacional dos Estados Unidos]. Nova York: Simon & Schuster, 2004.

Jacoby, Tamar, org. *Reinventing the Melting Pot: The New Immigrants and What It Means to Be American* [Reinvenção do Caldeirão Cultural: Os Novos Imigrantes e o Que Significa Ser Americano]. Nova York: Basic Books, 2004.

Karabell, Zachary. *A Visionary Nation: Four Centuries of American Dreams and What Lies* Ahead [Uma Nação Visionária: Quatro Séculos de Sonhos Americanos e o Que Temos pela Frente]. Nova York: HarperCollins, 2001.

Ledeen, Michael. *Tocqueville on American Character: Why Tocqueville's Brilliant Exploration of the American Spirit Is as Vital and Important Today as It Was Nearly Two Hundred Years Ago* [O Caráter Americano Segundo Tocqueville: Por Que a Brilhante Investigação de Tocqueville sobre o Espírito Americano é tão Vital e Importante Hoje Quanto o Era Há Quase Duzentos Anos]. Nova York: St. Martin's Press, 2000.

Lindsay, James M. e Audrey Singer. *Changing Faces: Immigrants and Diversity in the Twenty-First Century* [Caras Novas: Imigrantes e Diversidade no Século 21]. Washington, DC: Brookings, junho de 2003. http://brooklings.edu/views/papers/lindsay/20030601.htm

Lubar, Steven D. e Kathleen M. Kendrick. *Legacies: Collecting America's History at the* Smithsonian [Legados: Acervo do Smithoniano Conta a História dos Estados Unidos]. Washington, DC: Smithsonian Institution Press, 2001.

McElroy, John Harmon. *American Beliefs: What Keeps a Big Country and a Diverse People United* [Convicções Americanas: O Que Mantém Unidos um Grande País e uma População Diversificada]. Chicago: Ivan R. Dee, 1999.

Matthews, Christopher. *American: Beyond Our Grandest Notions* [Americanos: Além de Nossas Idéias mais Grandiosas]. Nova York: Free Press, 2002.

Powell, Colin L. *My American Journey* [Publicação em português: Minha Jornada Americana]. Nova York: Random House, 1995.

Rieder, Jonathan e Stephen Steinlight, orgs. *The Fractious Nation?: Unity and Division in Contemporary American Life* [A Nação Fracionada?: Unidade e Divisão

na Vida Contemporânea Americana]. Berkeley, CA: University of California Press, 2003.

Roberts, Sam. *Who We Are Now: The Changing Face of America in the Twenty-first Century* [Quem Somos Agora: A Nova Cara dos Estados Unidos no Século 21]. Nova York: Times Books, 2004.

Sides, Hampton. *Americana: Dispatches from the New Frontier* [Americana: Despachos da Nova Fronteira]. Nova York: Anchor Books, 2004.

Singer, Audrey. *The Rise of New Immigrant Gateways* [O Surgimento de Novas Portas de Entrada de Imigrantes]. Washington, DC: Brookings, fevereiro de 2004. http://www.brookings.edu/urban/pubs/20040301_gateways.pdf

Smolan, Rick e David Elliot Cohen, orgs. *America 24/7* [América 24/7]. Nova York: DK Publishing, 2003.

Smolan, Rick e David Elliot Cohen, orgs. *America 24/7* [América 24/7] (State Book Series). Nova York: DK Publishing, 2004.

Sowell, Thomas. *Ethnic America: A History* [América Étnica: Uma História]. Nova York: Basic Books, 1981.

Wolfe, Alan. One Nation, *After All: What Middle-Class Americans Really Think about God, Country, Family, Racism, Welfare, Immigration, Homosexuality, Work, the Right, the Left and Each Other* [Ao Fim de Tudo, uma Nação: O Que Pensam os Americanos da Classe Média sobre Deus, País, Família, Racismo, Bem-Estar Social, Imigração, Homossexualismo, Trabalho, a Direita, a Esquerda e Uns dos Outros]. Nova York: Viking Press, 1998.

O Departamento de Estado dos EUA não se responsabiliza pelo conteúdo e disponibilidade dos recursos de outras agências e organizações relacionados acima.Todos os links de internet estavam ativos em 30 de dezembro de 2004.

RECURSOS NA INTERNET

RECURSOS SELECIONADOS ON-LINE PARA INFORMAÇÕES SOBRE OS ESTADOS UNIDOS E SEUS CIDADÃOS NOS DIAS DE HOJE

Administração Nacional de Arquivos e Registros dos EUA (Nara)
http://www.archives.gov/index.html

Administração Nacional de Arquivos e Registros dos EUA (Nara). Salão de Exposição
http://www.archives.gov/exhibit_hall/index.html

Administração Nacional de Arquivos e Registros dos EUA (Nara). A Experiência dos Arquivos Nacionais
http://www.archives.gov/national_archives_experience/index.html

Administração Nacional de Arquivos e Registros dos EUA (Nara). Nossos Documentos
http://www.ourdocuments.gov/index.php?flash=true&

AEI: Instituto Empresarial Americano de Pesquisa sobre Políticas Públicas. Estudos Políticos e Sociais
http://www.aei.org/research/default.asp?filter=social

Biblioteca do Congresso
http://www.loc.gov

Biblioteca do Congresso. Memória Americana
http://memory.loc.gov/ammem/

Escritório de Referência Populacional. O Povo Americano
http://www.prb.org/AmericanPeople

Escritório de Referência Populacional. Raça/Etnia
http://www.prb.org/template.cfm?template=InterestDisplay.cfm&InterestCategoryID=244

Escritório do Censo dos Estados Unidos
http://www.census.gov/

Escritório do Censo dos Estados Unidos. Resumos e Relatórios Especiais do Censo 2000
http://www.census.gov/population/www/cen2000/briefs.html

Fundação Kaiser Family. Imigração nos EUA
http://www.kff.org/kaiserpolls/pomr100604pkg.cfm

Instituto Brookings. Temas de Pesquisa
http://www.brookings.edu/index/research.htm

Instituto Hoover, Universidade de Stanford
http://www-hoover.stanford.edu/

Instituto Manhattan
http://www.manhattan-institute.org/

Instituto Urbano
http://www.urban.org

Instituto Urbano. Estudos de Imigração
http://www.urban.org/content/IssuesInFocus/immigrationstudies/immigration.htm

Instituto Urbano. Pesquisa por Tema
http://www.urban.org/Template.cfm?Section=ByTopic&NavMenuID=62

Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA. Diversidade nos EUA
http://usinfo.state.gov/usa/diversity/

Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA. Sociedade, Cultura e Valores dos EUA
http://usinfo.state.gov/usa/

Serviços de Cidadania e Imigração dos EUA (USCIS)
http://uscis.gov/graphics/index.htm

Serviços de Cidadania e Imigração dos EUA (USCIS). Escritório de Cidadania
http://uscis.gov/graphics/citizenship/index.htm

Smithsoniano
http://www.si.edu/

O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo e disponibilidade dos recursos das outras agências e organizações relacionados acima. Todos os links da internet estavam ativos em 30 de dezembro de 2004.

REVISTA ELETRÔNICA DO DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA

ESCRITÓRIO DE PROGRAMAS DE INFORMAÇÕES INTERNACIONAIS

http://usinfo.state.gov/